

# SABERES DO CONGO: A VOZ DE MESTRES, RAINHAS E CONGUEIROS

FALTA TEXTO



ORG. Elisa Ramalho Ortigão



# SABERES DO CONGO: A VOZ DE MESTRES, RAINHAS E CONGUEIROS



ORG. Elisa Ramalho Ortigão  
2025

Copyright 2025 Elisa Ramalho Ortigão

EDITORA:  
Elisa Ramalho Ortigão

REVISÃO:  
XXX

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO:  
Bios

IMPRESSÃO:  
XXX

PÁGINA DO PROJETO:  
XXX

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

---

## Dedicatória

FALTA

# Sumário

## **Apresentações**

<i>Elisa Ramalho Ortigão</i> .....	7
<i>Mestre Ricardo Sales</i> .....	18

## **Mestres Tradicionais**

<i>Mestre Ricardo Sales</i> .....	25
<i>Mestre Itagiba Ferreira</i> .....	35
<i>Mestre Aroldo Silva</i> .....	45
<i>Mestre Antônio Ramos dos Santos</i> .....	53

## **Rainhas de Congo:**

### **As vozes femininas do Congo**

<i>Rainha Astrogilda Ribeiro dos Santos</i> .....	69
<i>Rainha Diana Aparecida</i> .....	79
<i>Mãe Paula D' Oyá Igbalé, Paula Firmino</i> .....	85
<i>Rainha Rosa Maria Galdino</i> .....	91
<i>Rainha Rogéria Maria Laghassi</i> .....	97

## **Congueiros e Lideranças do Congo**

<i>Beatriz Rego</i> .....	105
<i>Sirleia Almeida</i> .....	113
<i>Dion Kenedes Pereira</i> .....	123
<i>Lucia de Fatima Barbosa Neto</i> .....	129
<i>Mestre Domingos Teixeira</i> .....	135

## **Depoimento do Mestre**

<b>Rui Barbosa Sales</b> .....	143
--------------------------------	-----

# Apresentação

*Elisa Ramalho Ortigão*

## **A voz de Mestres, Rainhas e congueiros**

Esta obra transcreve as palestras de Mestres, Rainhas e congueiros proferidas nos Colóquios sobre o Congo do Espírito Santo realizados na Universidade Federal do Espírito Santo entre os anos de 2016 e 2018. Os eventos foram organizados no âmbito de minha pesquisa de pós-doutoramento “Saberes do Congo, Saberes da Universidade” que focou no estudo do congo a partir do conhecimento produzido pelos detentores do bem<sup>1</sup>. Longe de buscar um discurso a partir da suposta “neutralidade acadêmica”, a pesquisa foi em busca de uma narrativa construída por aqueles que dominam o saber congueiro, refletindo os valores, as posições de gênero e de classe e as formas de transmissão de conhecimento de cada um.

Conheci o congo em 2013, e, um ano depois, ingressei como dançarina na Banda de Congo Amores da Lua, iniciando um novo aprendizado em minha vida. À época, eu havia acabado de defender minha tese de doutoramento que discute o conceito de arte em Walter Benjamin. Minhas pesquisas, tanto como meu próprio ponto de vista, eram, e são, impregnados pela visada benjaminiana e pelo pensamento literário, estético e político que dela decorrem. Nesta linha, a história é compreendida a partir dos pontos de vistas dos excluídos.

Nas *saídas* com a banda vim a conhecer muitos mestres, rainhas, congueiros e congueiras, que compartilharam

---

1 Pesquisa de Pós Doutorado e Desenvolvimento Científico Regional (DCR) realizada entre 2016 e 2019 na Universidade Federal do Espírito Santo, intitulada: **Saberes do Congo, Saberes da Universidade: Um estudo sobre a iluminação profana em comunidades populares capixabas**, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES) e CNPq.

comigo suas experiências e saberes. Diante das histórias contadas por Mestre Rui Barbosa Sales, da Amores da Lua, entre outros, encontrei na filosofia estética uma – talvez a minha – metodologia que me permitiu um entendimento discursivo para um aprendizado sensível. Ver, participar e conhecer o congo, para mim, significam naturalmente também refletir e pesquisar.

Durante a pesquisa, fui convidada pela Superintendência do Instituto Histórico e Artístico Nacional no Espírito Santo (IPHAN-ES) para coordenar, junto com o prof. José Otavio Lobo Name, a pesquisa para a identificação do congo como patrimônio imaterial nacional. Este estudo<sup>2</sup> registrou, entre as margens do Rio Doce e a região rural de Guarapari, 54 bandas de congo em atividade em 2020, localizadas nas periferias das sedes dos municípios, ou em seus distritos rurais. Nesta pesquisa, adotamos metodologias que permitiam uma verdadeira interlocução entre os objetivos do processo de patrimonialização e a perspectiva dos Mestres, Rainhas e demais dirigentes de bandas acerca de sua devoção e compromisso para com o congo.

Para que eu possa, no lugar de pesquisadora e devota, definir o que é o congo, é necessário o entendimento conceitual de bem imaterial. O congo do Espírito Santo é um universo envolvendo conceitos, atores, objetos e práticas de devoção a São Benedito, São Sebastião e outros santos, cuja expressão se dá por gestos, música, canto, dança, sensações e sentimentos. Os congueiros costumam usar o termo “cultura” para se referirem ao congo; raramente ouve-se o termo “folclore”, mas também usam “aquilo que a gente faz” ou a “nossa fé”. Neste contexto, a definição do termo “cultura” é um campo de batalha conceitual cuja discussão é inteiramente pertinente neste momento.

---

2 ORTIGÃO, Elisa Ramalho; NAME, José Otavio Lobo. **Congo do Espírito Santo: Celebrações e Formas de Expressão**. Vitória: IPHAN-ES/UFES, 2020.

O conceito de cultura surge no início da nossa era. Primeiramente, tomemos seu sentido etimológico, que provém da agricultura: *culter*, latim para “cultivar a terra”. Pode-se depreender deste sentido prático que cultura é produzida pela ação humana sobre a natureza. Nessa linha, o conceito de cultura não está em oposição ao conceito de natureza, mas, antes, em complementaridade, pois é a cultura que modifica a natureza, que é, assim, conhecida e transformada.

Com a expansão colonial europeia, o contato entre sociedades diferentes passa a ser mais intenso a partir o século XVI. O colonizador promovia a cristianização forçada dos *gentios*, usando este discurso civilizatório para justificar a escravidão e a extração de riquezas. A empresa bélico-comercial europeia era assim mascarada como ação civilizatória, justificando a toda a forma de violência contra hábitos e ritos autóctones, ao lado de toda a escravidão e expropriação. Cultura, neste contexto, aparece em oposição à barbárie, da qual os *selvagens* seriam resgatados pela empresa colonial cristã. O paradigma é a cultura europeia, marcada pela *Bildung*, o conceito de educação humanista clássica, que visava a formar o homem culto. A cultura passa a ser um elemento de distinção de classe social.

O questionamento do suposto caráter civilizatório da empresa colonizadora se acirrou a partir do século XVIII, com o conceito rousseauiano de “bom selvagem”, segundo o qual o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. Na Alemanha, com a crença positivista na possibilidade de aprimoramento humano, surge um novo conceito para sustentar a percepção dos povos: o *Volk*, tal como descreve o verbete no **Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm**<sup>3</sup>. O termo já existia em alemão como definição de “exército” ou “tropa”, mas o conceito atual de *Volk* como *povo* surge somente a partir do século XVIII. O dicionário assinala o caráter filosófico

---

3 Grimm, Jacob und Wilhem. **Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm**. Universidade de Tier, 2019.

e estético do “conceito de povo como a origem do bem poético mais valioso”. O conceito de espírito do povo é definido pela mesma obra como a reunião dos “modos de pensar e de sentir de um povo”.

A partir desta época, aumenta na Europa consideravelmente o interesse sobre tudo que pertence ao povo (*Volk*) e tem-se a descoberta de uma alma popular na literatura, mas com um posicionamento que opõe a cultura popular à erudita. A visão eurocêntrica do conceito de cultura como o ideal da formação humanista reconhece a cultura popular, porém, a classifica por uma escala de valores positivos, na qual o mais nobre e racional se encontram na cultura erudita, e o mais primitivo e emocional são características do folclore e do povo, inscrevendo o popular em uma categoria inferior à cultura erudita. O interesse pela “alma popular”, que já aparece classificando-a como inferior e fadada ao esquecimento, se concretiza na palavra “folclore”. Segundo o **The American Heritage Dictionary**, o termo inglês *folklore*, surgido no século XIX, refere-se às “crenças, lendas e práticas tradicionais de um povo, transmitidas oralmente”<sup>4</sup>.

No Brasil do início do século XX, o pensamento que forjou as ações relativas ao folclore partia da necessidade integralista de construção de uma identidade nacional, e visava proteger as crenças, lendas e práticas populares do iminente desaparecimento frente às forças civilizatórias. Esta proteção está no cerne do conceito de folclore: ele está sempre em fase de desaparecimento frente à modernização. É uma ideia totalizante que não enxerga o potencial renovador das culturas. Paralelamente a isso, a ideia de culturas plurais se opõem ao conceito de unidade cultural nacional.

A visão do progresso inexorável que ameaçaria as culturas tradicionais está ligada ao estabelecimento dos estudos do folclore e também à história da antropologia. Os chamados

4 **The American Heritage dictionary**. Laurel: Nova Iorque, 1994. p. 491, minha tradução.

antropólogos de gabinete partilhavam com os folcloristas a convicção de que estas culturas iriam acabar, o que não deixa de ser a perspectiva de Walter Benjamin frente à modernidade. No prólogo dos **Argonautas do Pacífico Ocidental**, Malinowski afirma que: “A etnologia encontra-se em situação tristemente cômica, para não dizer trágica: no exato momento em que começa a por em ordem seus laboratórios, a forjar seus próprios instrumentos e a preparar-se para a tarefa indicada, o objeto de seus estudos desaparece rápida e irremediavelmente. Agora, numa época em que os métodos e objetivos da etnologia científica parecem ter se delineado; em que um pessoal adequadamente treinado para a pesquisa científica esta começando a empreender viagem às regiões selvagens e a estudar seus habitantes, estes estão desaparecendo ante nossos olhos.”<sup>5</sup>.

A UNESCO foi criada em 1948 com o objetivo de proteger o patrimônio intelectual da humanidade (europeizada), cuja existência foi seriamente ameaçada na Segunda Guerra Mundial; e, dentro deste pensamento, a proteção aos folclores nacionais foi prioridade, tendo estimulado no Brasil a criação da Comissão Nacional do Folclore e das Comissões Estaduais, ainda no mesmo ano.

De acordo com Guilherme Santos Neves, o folclore é um “poderoso elo que (este sim!) integra a nossa terra e a nossa gente à gente e à terra de toda a imensa vastidão nacional”. O que interessa ali é a correspondência com a “alma nacional”. A forma de descrição dos aspectos do congo feita pelo folclorista, apesar de parecerem simpáticas às tais práticas, não disfarça a negação do papel dos conguitas como produtores de cultura. No discurso do folclorista, somente a exterioridade do rito é levada em conta, e, para ele, as Bandas de Congo “são grupos de homens rudes com rudes instrumentos”<sup>6</sup>. Re-

5 MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Ubu, 2018, p.47.

6 NEVES, Guilherme Santos. **Folclore Brasileiro. Espírito Santo**. Funarte: Rio de Janeiro, 1977, p. 9 e 58.

conhecer as diferenças entre as culturas faz ruir o conceito unificador de povo (“uma terra, um povo, uma nação”) e deixa evidente o protagonismo das minorias, dos grupos étnicos e das expressões tradicionais. Pois, como afirma Terry Eagleton, “pluralizar o conceito de cultura não é facilmente compatível com a manutenção de seu caráter positivo”<sup>7</sup>. O reconhecimento da pluralidade traz à tona as disputas simbólicas e materiais entre os grupos.

A expressão “cultura popular”, por sua vez, também precisa ser analisada e suas ambiguidades revelam julgamento de valor. “Popular” esta em oposição a “erudito”, numa relação que lhe é desfavorável. Além disto, o termo se confunde com a cultura de massas (cultura *pop*). Assim, prefiro usar o termo “tradicional”, pois me parece menos problemático: “tradicional” em oposição ao “moderno”, ou “contemporâneo”, não remetendo a uma escala de valores positivistas.

Minha pesquisa propunha delinear, a partir de Giorgio Agamben e de Walter Benjamin, mecanismos de entendimento das forças que se manifestam social e esteticamente no congo. Defendo a perspectiva de que o congo se inscreve no âmbito conceito benjaminiano de arte pré-moderna, ou seja, uma concepção ao mesmo tempo religiosa e estética. Diferentemente da estrutura distante da “arte aurática”, o congo funciona como um dispositivo *alcançável*, o objeto próximo que tem o potencial para iluminar o entendimento do papel histórico e social de quem o contempla<sup>8</sup>.

A reflexão crítica acerca dos conceitos de cultura e folclore norteou a organização dos encontros transcritos neste volume. Foi neste espírito que aconteceram os três Colóquios sobre o Congo do Espírito Santo, reunindo para debate Mestres, Rainhas, congueiros, e pesquisadores de congo. Em outras ocasiões, alguns mestres já haviam estado na univer-

7 EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Unesp: São Paulo, 2003, p. 28.

8 ORTIGÃO, Elisa Ramalho. “Viva São Benedito. Resistência e experiência na Banda de Congo Amores da Lua da cidade de Vitória, ES”. **Revista Farol**. Vitória: UFES, 2021.

sidade para dar seus testemunhos sobre o congo; entretanto, inovei ao conferir aos detentores posições de igualdade frente aos acadêmicos. A publicação deste livro, contendo as transcrições das palestras registra a história e a versão dos mestres tornando-as referência bibliográfica. As conferências proferidas e os trabalhos acadêmicos do primeiro colóquio foram publicados nos anais do evento<sup>9</sup>. Aqui, encontraremos as transcrições das palestras dos detentores do bem imaterial, com a esperança de que esta obra incentive a construção de uma literatura em primeira mão, construída por congueiros que conhecem a diversidade dos significados dos elementos de sua cultura.

O primeiro capítulo apresenta as palestras transcritas em 2017 da mesa dos Mestres Tradicionais representados por quatro mestres de regiões diferentes. Inicia com a palestra de Mestre Ricardo Sales, da Banda de Congo Amores da Lua, de Vitória, que narrou a história de sua família e a sucessão conflituosa com o seu avô. A seção seguinte traz a fala de Mestre Itagiba Ferreira, da Banda de Congo Mestre Tagibe, de Roda D’Água em Cariacica, que expôs à plateia as particulares do congo da região, a tradição dos mascarados e a fundação do congo por seu pai, além da criação de sua banda familiar. Na sequência, Mestre Aroldo Silva, o mais antigo de Fundão, falou das suas memórias, que remontavam aos seus cinco anos de idade, quando começou a acompanhar seu pai no congo. Nas longas caminhadas, o pai levava o tambor em um cangote e o filho no outro, atravessando fazendas para participar das festas de congo. O último relato deste capítulo é de Mestre Antônio Ramos dos Santos, da Banda de Congo São Benedito do Rosário, da Vila do Riacho, no município de Aracruz. Ele é grande conhecedor das tradições de sua região,

9 Os anais do primeiro colóquio e os anais com os trabalhos acadêmicos apresentados no segundo e no terceiro colóquio estão disponíveis na página de divulgação científica da pesquisa (ver: <https://saberesdocongo.wixsite.com/inicio>).

que segundo ele, datariam de antes mesmo de 1500, quando negros africanos comercializariam na costa brasileira.

No segundo capítulo, o tópico se concentra nos testemunhos das Rainhas, convidadas a falarem sobre o papel das mulheres no congo. A transcrição do depoimento da Rainha Dona Astrogilda - que infelizmente nos deixou em 2021 - abre o capítulo das Rainhas de Congo com a transcrição da conferência de encerramento. A Rainha relatou sua vida como benzedeira e parteira e suas experiências à frente da Banda São Benedito do Rosário. Ao fim de sua fala, ela puxou uma toada de congo, cantando com os Mestres de congo e abençoando a todos, finalizando em um momento intenso e memorável.

Ainda neste capítulo, a Rainha Paula Firmino, também conhecida como Mãe Paula d'Oya Igbalé, da Banda de Congo São Benedito e São Sebastião, do município do Fundão, narrou sua trajetória de mulher trans, desde que sua mãe espiritual a criou no Candomblé e lhe passou a faixa de rainha. Em seguida, a Rainha Diana Aparecida Pereira, da Banda de Congo Bandeira 1, do distrito de Timbuí, no Fundão, trouxe a sua história de infância em Timbuí e a criação da banda infantil, com seu irmão e seus primos, além de dar seu testemunho sobre a vida e a força da fé em São Benedito. A Rainha Rogéria Lagasse, mãe de Diana e de Dion Kenedes, narrou com grande sensibilidade sua migração de Fundão dos Índios para Timbuí e como a família lutou e ainda luta para manter viva a tradição de seus antepassados. Em nome de Dona Astrogilda, a Rainha Rosa Maria Galdino se apresentou e falou pela primeira vez como a representante de sua banda. Descendente dos antigos mestres da Vila do Riacho, a Rainha passou sua juventude longe da Vila e do congo. Ao retornar para Riacho, aos poucos encontrou seu caminho guiada por sua mãe, D. Astrogilda.

O terceiro capítulo reúne mesas do segundo e do terceiro colóquios formadas por detentores do congo que exercem funções de destaque em suas bandas, sem ocupar as posições de mestres ou rainhas: os coordenadores, artesãos,

e dirigentes de bandas. O primeiro texto é a fala de Beatriz Rego, filha de Mestre Daniel e Regente da Banda de Congo Mestre Honório, da Barra do Jucu, município de Vila Velha. Seu relato conta a história do congo da Barra do Jucu, da sua formação com Mestre Honório, das relações entre as bandas e dos embates sociais, culturais e religiosos das bandas de congo da Barra com a sua comunidade e com o poder público.

A dançarina da Banda de Congo Mestre Tagibe, Sirleia Almeida, falou sobre sua identidade de congueira como elemento decisivo para a sua formação superior em pedagogia e da sua pesquisa sobre formas de apresentação da cultura tradicional nos conteúdos escolares do Município de Cariacica. Dion Kenedes Pereira, filho da Rainha D. Rogéria e irmão da Rainha Diana, é um dos congueiros mais ativos do Timbuí e coordenador de sua Banda. Dion Kenedes mostrou as relações internas e externas da banda, a fundação da Associação de Bandas do Congo de Fundão (ABC-Fundão) e de que forma a entidade contribui na relação com os agentes sociais. Com a sua fala, Lucia de Fátima Barbosa Neto, coordenadora da ABC-Fundão, retratou a constituição da instituição e seus embates na comunidade local.

Finalizando esta seção, temos o relato do caseiro e mestre artesão Domingos Teixeira Marques, que assina suas casacas vendidas em eventos de artesãos por todo o país como Mestre Domingos do Congo. Por não poder comparecer ao evento em 2017, Mestre Domingos pediu para eu gravasse um vídeo com a sua contribuição, que foi exibido no segundo colóquio. Em sua explanação musicológica, apresenta quatro frases rítmicas do congo. Sua formação na tradição congueira foi conduzida por seu pai, e com ele também aprendeu as histórias do congo da serra.

Por fim, o último capítulo traz uma conversa com Mestre Rui Barbosa Sales, falecido em 2021. Mestre Rui Barbosa, apoiado nas fotografias antigas de seu próprio acervo, relatou a história do antigo bairro de Mulembá (hoje Santa Martha), a história da Banda de Congo Amores da Lua, e dos moradores

e conguistas antigos da Banda. Muito do meu aprendizado foi ouvindo o mestre que, com paciência e delicadeza, me corrigia, me aconselhava, e me ensinava sobre a ética congueira, toadas e formas de comportamento.

Os temas que constituem os primeiros capítulos buscam abraçar as pessoas que ocupam posições de destaque nas bandas pelo seu saber e sua experiência de vida. As novas lideranças, que não são necessariamente jovens, mas devotos e congueiros comprometidos com o congo e que marcam as suas bandas. Mestre Rui nunca deixou de me repetir o bordão que acompanha meu aprendizado: “observa e aprende com os mestres.” Esta lição se tornou uma obra que apresenta a transcrição do ensinamento de Mestres, Rainhas e congueiros, e constitui uma obra inédita na sua amplitude e intenção de reunir os relatos de detentores e agentes do bem de diversas localidades, espelhando, neste microcosmo, a própria diversidade do congo.

A transcrição das palestras respeitou as variedades linguísticas, mantendo, assim, todos os desvios da linguagem padrão. Ao grafar a oralidade dos Mestres e Rainhas preservamos a forte expressividade das figuras de linguagem no discurso da cultura congueira, evidenciando a complexidade do universo cultural do congo. O respeito ao lugar de fala dos detentores implica também no respeito à forma dessa fala, ou seja, à estrutura do discurso congueiro. A linguagem tradicional congueira levanta-se assim como uma bandeira contra o preconceito linguístico, que traz o preconceito cultural travestido de purismo.

#### Agradecimentos

Agradeço aos professores que participaram com palestra de abertura dos colóquios: Prof. Dr. José Aparecido Cirillo, coordenador do Laboratório de Artes Leena/UFES e orientador da pesquisa de pós-doutoramento, o Prof. Dr. Oswaldo Martins de Oliveira e Rogério Borges, secretário de cultura da UFES.

Agradeço aos coorganizadores do segundo e terceiro colóquios: Prof. Dr<sup>a</sup> Andreia Ramos, Prof. Dr. José Elias dos Santos, Prof. Ms. Marlene Martins de Oliveira, coordenadora do programa de extensão Entre Comunidades/Proex/UFES, Sirleia Almeida, membro da Banda de Congo Mestre Tagibe, Fábio Samora da Associação de Banda de Congos do Fundão; e ao Prof. Dr. José Otavio Lobo Name, pelo apoio em todas as ações, além de coordenar as filmagens e edição do material audiovisual dos colóquios.

Agradeço a todos os alunos que participaram do colóquio como monitores, e aos pesquisadores, que contribuíram com os lanches e proporcionaram uma ótima recepção aos congueiros e anciãos que participaram do colóquio. Agradeço ainda a ONG Amigos do Bem, que ofereceu o lanche e o almoço na terceira edição do colóquio.

E, por fim, agradeço também aos apoios institucionais: ao laboratório Leena; ao Centro de Artes- UFES; ao Programa de Pós Graduação em Artes-UFES; ao Neab/UFES; à ProEx; à FAPES; ao CNPq e à Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Espírito Santo, que financiou esta edição com recursos de Edital de Cultura e do FUNCULTURA.

# Apresentação

*Mestre Ricardo Sales*

## O congo

A dificuldade de se entender o congo é que a maioria não tem estudo, então, quem conta uma história não pode ser debatido com os congueiros, porque os congueiros não participam das histórias escritas. Pessoas que não são do congo estão vindo de fora para criar uma fala que não é do congo, que não verdadeira.

A história do congo só pode ser contada pelos mestres que tem o saber da tradição congueira. No meu ser, eu nasci, aprendi com meu avô, Mestre Reginaldo Sales, ele contava que o congo surge através do naufrágio do navio negreiro, que aconteceu na costa no rio Reis Magos em Nova Almeida. Aonde vinha uma embarcação com os tripulantes que eram negros, na hora que esse barco naufragou esses negros se agarraram ao mastro e vieram até a terra firme, agradecendo a São Benedito por ter se salvado. E dali, esses negros foram até o município da Serra, em Putiri, aonde eles criaram a primeira banda de congo. O mestre que liderava esse congo era o Mestre Crispin. Aonde eles se sentiram mais forte, e criaram a primeira Cortada do Mastro de São Benedito, que é sempre em dezembro, e depois criaram a Puxada e a Fincada do Mastro de São Benedito.

O congo nasce no Brasil. Da África pra cá vem só a história do naufrágio do navio. O congo é capixaba. Se tornou congo no Espírito Santo. E tipo formiguinha, ele foi se espalhando. É uma batida que é só capixaba, o tambor, as casacas, as toadas. Em outros estados existem outras manifestações.

Então por que a história do naufrágio? O naufrágio é as pessoas mais antigas que contavam, então é o que você ouviu

e tem que passar isso para frente, meu avô falava isso. Isso pra mim é uma lenda, não tem fato, nem retrato.

O que as pessoas não entendem é o que significa uma Fincada de Mastro. Uma Fincada de Mastro é um trabalho escravo que a gente como congueiro faz lembrando o naufrágio do navio negreiro, é todo o sofrimento que os negros passaram, e que a gente passa ainda hoje. É o que muitas dançarinas e conguistas não entendem. Aquele momento você tem que ter muita fé, confiar, acreditar e pedir a São Benedito naquela caminhada, até a hora de levantar o mastro. Quando levanta o mastro a gente tem que agradecer a São Benedito por tudo o que aconteceu no ano passado e no ano que esta por vir. Em qualquer Puxada de Mastro é assim, eu vou lá para isso, não vou brincar. Vou para pedir e agradecer. Eu acho que é isso aí que as pessoas não entendem, eles não aprenderam isso. São pessoas que estão no congo e que não entendem.

Quando se levanta o mastro, seu tambor tem que bater mais alto, sua casaca tocar mais alto e você cantar em agradecimento a São Benedito e a São Sebastião.

Eu acho que isso aí é história do congo no Espírito Santo, o ciclo da festa de São Benedito, foi isso que eu aprendi e que eu faço hoje. O maior marco da minha vida são os festejos de São Benedito.

Por que tem um navio? Por que tem um mastro? Tem bandas que não tem, isso é de cada município. No fundo, em cada banda o congo surge da devoção a São Benedito, daquelas pessoas mais antigas. Eu acho que o congo surge de uma fé, a fé para as pessoas mais antigas é tudo. Eu cresci ouvindo a minha avó falando isso: você sem a fé é uma árvore seca. Eu penso assim. Foi assim que eu me criei. A história do meu congo, que é criado em 30 de março de março de 1945 ela surge de uma devoção.

Na minha cabeça e no meu ser, eu acho que o congo é uma mistura de raças. É do negro, é do índio e é do branco. Meu avô era negro e minha avó era clara. É uma cultura do pobre, do humilde. Que São Benedito é um santo dos humildes,

ele era cozinheiro. Ele é o padroeiro das bandas de congo. As pessoas tem fé e acreditam nele, ele pode multiplicar o alimento, ele é da multiplicação do pão. Eu já ouvi relatos que são Benedito casa as pessoas, não é só Santo Antônio. As pessoas contam que fizeram promessa nas festas de São Benedito de casar e ser feliz.

É uma devoção a São Benedito, a São Sebastião a Nossa Senhora da Conceição, a Nossa Senhora da Penha, a São Pedro, a Santo Antônio e a Nossa Senhora do Rosário. Outros santos são de outros municípios, e já não é a minha tradição. Eu só posso falar da minha tradição.

O estandarte para mim é muita coisa no congo, ele simboliza tudo no congo, o estandarte de São Benedito e de qualquer santo para mim. Eu penso assim, quem segura o estandarte tem que dar o máximo de si para louvar. Foi o que eu aprendi. A rainha é uma pessoa que carrega o estandarte de São Benedito aonde o estandarte de São Benedito representa a devoção e a fé que a gente tem, e é um cartão postal aonde traz o nome da nossa banda, da comunidade e do estado. A cainha é o cartão postal, é ela que apresenta o congo, que mostra o nosso trabalho, que vai a frente. A rainha e as princesas.

As dançarinas não tem nada a ver com baiana de escola de samba. Isso é ridículo. Dançarina é uma mulher que tem fé em São Benedito, as roupas das minhas dançarinas não são inspiradas em baiana de carnaval, são inspiradas na tradição do congo. Gosto de muito brilho, gosto de muitos colares, brincos pulseiras, anéis e arranjo na cabeça. Essas são as minhas dançarinas do congo. Eu acho que São Benedito merece coisas boas. E eu tento usar as minhas criatividade.

Congo é energia, é uma devoção, mas pessoas que dançam umas são católicas, outras umbandistas e outras candomblecistas. O congo para mim é uma energia, nunca escondo isso dos meus conguistas e das minhas dançarinas. Eu sou do santo, umbandista e candomblecista. Tendo muitas lutas com o congo, peço aos Orixás, a Exu, e Ogum, Iemanjá

que sempre me respondam e eu consigo conquistar os meus objetivos com o congo. Eu acho que isso aí que é a energia. E outra coisa que a gente tem, eu e a minha mãe, é a fé em São Benedito, e é por isso que a gente consegue sobressair e manter, o que não é fácil.

O maior medo do meu avô, mestre Reginaldo, era de perder a batida do congo. Hoje eu mantenho e preservo a tradição da mesma batida e canto as toadas do jeito que ele me ensinou. Porque vejo bandas tradicionais perdendo a sua batida. Acho que isso não pode acontecer.

# Mestres Tradicionais

*Ricardo Sales*

*Itagiba Ferreira*

*Aroldo Silva*

*Antônio Ramos dos Santos*

*Mestre Ricardo Sales*

**Banda de congo Amores da Lua  
de Santa Martha, Vitória.**

Boa tarde a todos! Aqui venho saudar a Dona Astrogilda que a considero a rainha de todas as bandas de congo do nosso estado e também venho saudar o grande Mestre Antônio, também o Mestre Tagibe e também o Mestre Aroldo.



Eu venho falar para vocês um pouco da minha história no congo, porque aqui vocês estão vendo pessoas de mais idade e eu sou jovem, mas o congo é tudo o que eu aprendi, eu tenho 32 anos. Mas recebi essa chave na vida, de ter esse compromisso com o congo desde o ventre da minha mãe em união com meu pai Rui, que é o filho do grande mestre Reginaldo Sales, que veio a falecer há dois anos, mas esta vivo e presente na minha memória, onde eu ando e por onde eu passo com o congo.

Então, às vezes as pessoas não entendem “ele é tão novo e já tem esse cargo de mestre”. Devido à saúde do meu pai, filho do mestre Reginaldo, ele me deu esse compromisso, essa bandeira na mão, de ser o mestre da minha Banda de Congo Amores da Lua e antes do meu avô vir a falecer, ele chegou a falar isso “filho, eu estou te entregando essa bandeira e você vai seguir em frente com o congo”. Isso aí eu sempre ouvia, nas histórias, no meu viver, no meu dia a dia, desde a infância, desde o ventre da minha mãe, fui sempre caminhando junto com o congo. Então o congo para mim está no meu sangue, na minha alma, na minha memória, não tem como eu ficar fora do congo. Essa é a minha trajetória. Respeito todas as bandas, todas as dançarinas, todos os

conquistas, porque eu sou novo e o que eles falarem para mim também aceito. Sempre ouvi isso, e sou humilde, sou do povo, com toda dificuldade e discriminação, que é muito ainda, e nossos governantes que não olham em nada para gente. A gente faz o congo porque a gente gosta mesmo, lutamos para manter e preservar nossa tradição aqui na capital Vitória, o que é muito difícil, não é fácil. São 72 anos de tradição da Amores da Lua.

E uma coisa que vi aqui hoje de manhã e queria deixar bem claro para vocês que não é só na Serra que existe a Puxada de Mastro não. Não é só em Barra do Jucu também que existe Puxada de Mastro não, em Vitória também existe a Puxada e Fincada do Mastro da nossa Banda de Congo Amores da Lua, como existe também a da Vila do Riacho com a dona Astrogilda, também aqui em Vitória com a Banda de Congo Panela de Barro, e Fundão, Timbuí, Nova Almeida, e nos balneários. E não é só nesses municípios que existe as Puxadas e a tradição da Fincada do Mastro. Como em Roda d'água que existe a festa do Carnaval de Congo. Então essas são as tradições que a gente tem, nossos compromissos com os nossos santos que são São Benedito, Nossa Senhora, São Sebastião.

Então, isso aí foi o que aprendi e vivo hoje dentro do congo, passando para vocês que sofri muito para estar hoje com a Amores da Lua, onde havia pessoas que queriam acabar com a minha tradição. Minha tradição não existia mais, gente da minha própria família! Enfrentei a família. Foi um ano que a minha banda de congo se calou que eu vou contar para vocês.

O Satanás se demonstra de duas formas: ele vem na forma de um deus ou ele vem na forma de um diabo. Aonde família do meu pai acolheu um padre, que não era Romano, era de outra religião, onde ele conseguiu contaminar a mente de um Mestre do Congo que era meu avô, e minha avó, e as irmãs do meu pai também, esse padre veio para destruir a minha tradição de congo. Então com aquilo ali que eu consegui

captar com minhas energias, ele queria conviver e entrar na minha casa, onde eu moro com meus pais, mas eu consegui dizer a meu pai e minha mãe que era para se afastar, e abrir o olho com aquela pessoa, que queria nos destruir. Ele queria fazer nosso congo se calar, mas ele não ia ter força, porque Deus e São Benedito ia mostrar na hora certa. Então foi onde eu consegui ver e mostrar. A minha banda se calou em 2012, deu como encerrada e ali ela ia ficar, porque a família do meu pai se fechou com essa pessoa, e meu avô não aguentou a pressão da minha comunidade que era grande, onde sabiam que tinha eu, tinha meu pai para poder dar continuidade ao congo e não deixar morrer. Foi quando, no dia 28 de outubro de 2012, meu avô se juntou comigo, meu pai, uma tia e me falou “estou entregando o congo na mão de vocês, para vocês darem continuidade porque eu já não aguento mais essa pressão, desse jeito não dá mais!”. Então foi onde meu avô não conseguiu passar o congo, porque minha avó veio a falecer dia 15 de novembro daquele ano seguinte de 2012. Nesse ano o congo da gente ficou parado, calado. Quando foi na época dos festejos de São Benedito, meu avô decretou que não faria mais festas para São Benedito porque ele tinha perdido a pessoa preciosa dele, mas só que as pessoas que estão lá fora na comunidade não querem saber. Eles diziam na minha cara, no *facebook* me mandando mensagem “quem morreu não volta mais, o congo tem que continuar” e meu avô não queria saber, então nós respeitávamos ele.

Foi quando ficamos calados, meu pai afastado, e quando foi em janeiro a gente resolvemos dar um impasse com a irmã do meu pai. Chamamos essa irmã na nossa casa e decidimos conversar: ou você nos entrega os instrumentos ou a gente cria uma nova banda de congo, ela viu que a pressão estava demais e nos entregou os instrumentos. E foi aonde a Terezinha da ABC da Serra ligou para mim e falou “Ricardo, acaba logo com isso, vamos botar o congo na rua de novo para mostrar para todo mundo que o congo esta de pé”. Então foi quando a gente se apresentamos a primeira vez, em 2013,

na festa de São Benedito e São Sebastião em Nova Almeida, começando tudo de novo.

Mas meu impasse não acabou aí! Quando eles viram que me apresentei no congo, primeira coisa que meu avô e elas fizeram foi quebrar a réplica do navio que estava na casa dele ainda. E aí começou um boato de novo, umas conversas na comunidade que elas decretaram junto com ele que nunca mais sairia Festa de São Benedito na rua. E, então, eu tenho uma tia que tem condição por parte de pai, ela me ligou na mesma hora e falou: “filho, se esse aí é seu maior desafio, eu te dou um novo navio. Você vai colocar esse congo na rua de novo para sua comunidade ver, e seu avô ver de pé aquilo que ele achou que ia acabar”.

Então realmente a minha tia me deu aquele navio e foi um ano que choveu muito, mas a gente batalhou, a gente fez. Hoje eu tenho esse navio na minha casa e a gente colocamos o congo na rua! Já não acreditava mais, parece que aquele ano foram muitos, mas foi só um ano! Foi difícil, não foi fácil, mas quando colocamos o barco na rua, e o congo na rua que estava tomada e repleta de pessoas que estavam esperando esse momento, que acredita na nossa fé e na nossa devoção a São Benedito. Então, esse aí foi um impasse que eu passei e vivi com o congo.

Hoje ainda dói, machuca, esse ano parece que foi o ano de ouvir essa palavra, das pessoas ainda dizer que eu roubei o congo deles, então eu não roubei o congo deles. Acho que quem rouba é aquele que entra na casa da pessoa e tira aquilo de ouro que tem ali, isso é um roubo para mim. Então o congo foi dado para mim e hoje minha consciência está tranquila, graças a Deus! Fico feliz de bater e dançar o congo e estou aí para o que der e vier, defendendo mesmo, luto, gosto do congo. Respeito todos aqueles e aquelas que gostam do congo e aqueles que também não gostam, e acho que tem que passar a estudar e entender o que é o congo, porque o congo para mim é tudo de bom. É isso aí o que tenho para falar e agradecer a vocês.

A minha banda, desde que eu assumi, tem muita gente nova, Porque muita gente que ficou contra mim saiu da banda. Quem não aceitava a minha formula de fazer congo saiu porque quis, eu não tirei ninguém da banda.

Eu acho que na minha banda, desde quando assumi, desde quando aprendi o congo, meu avô não aceitava colocar ninguém na banda. Porque a família dele fazia o congo mas eu acho que não é assim não, do meu ponto de vista, do meu modo de pensar, talvez eu possa estar errado, mas aqui tenho três mestres que podem me dizer, e acho que tenho que dar a vez para aquelas pessoas que não conhecem e que tem vontade de dançar, de tocar, aprender o congo e ficam recuadas. Porque quando eu me inseri no congo, abracei muita gente que hoje esta dentro do meu grupo. Que tinha vontade, aquele olhar, mas medo de chegar perto de se aproximar e pedir. Então hoje, eu falo sempre isso, aquele ou aquela que quer ter o compromisso, porque o congo para mim é um compromisso na minha vida, como eu falo para minhas dançarinas, as minhas rainhas e as minhas princesas: se você quer ter seu compromisso, sua responsabilidade você entra. Porque aparecem diversas pessoas que se assanha, vê o bater e a saia rodar fica um tempo e depois se afasta.

Então isso aí é uma forma de juntar e dar uma chance aquelas pessoas que querem se aproximar do congo e gostam do congo. Eu acho que é isso aí, o meu congo não é uma coisa fechada. Como tem bandas que as pessoas chegam para mim e fala que é fechada, mas e aquelas velhinhas vão morrer e aquilo vai acabar. A minha intenção não é essa, a minha intenção é abrir. Quem quiser, facebook para mim ajuda muito na divulgação, então quem quiser se aproximar a gente senta e conversa, é ter responsabilidade e compromisso com o congo. Entendeu? É isso aí!

Eu acho que para ser um mestre de congo você tem que nascer no Congo e gostar do congo. Acho que não é assim, tem uns mestre aí que esta trabalhando mas não é mestre, a pouco tempo atrás eu ouvi falar sobre esse ponto acho que

não estou lembrado, um mestre que não sabe nem repicar um tambor! Isso não é um mestre para mim! Ele não é mestre, esta fazendo papel de mestre no lugar errado, esta achando que esta sendo mestre. Então se você é um mestre tem que ter energia, foi isso aí que eu e o Mestre Antônio) conversamos aquele dia em Regência sobre o que é ser mestre.

Então acho que na hora certa (+) a tradição não morre, você sente dentro do grupo a pessoa que possa ser um mestre, alguém dentro da sua família que possa ser indicado para ser mestre. Acho que foi isso aí que aprendi, vendo a terceira geração de mestre, meu pai hoje devido a saúde, respeito ele, é um verdadeiro mestre de congo da minha banda. Então sou a terceira geração, vem na frente meu avô Reginaldo, meu pai Rui e eu na terceira geração. Tenho um sobrinho, e minha irmã é evangélica, batizada e tudo, e ela fala assim: “Ricardo, parece que esse menino é seu clone, seu espírito do congo.” O menino canta, toca, apita com três anos de idade, então para que eu vou me preocupar com isso? Se esta no meu sangue, na minha alma. Ela fala que ele nasceu no congo e papai e mamãe tem maior orgulho de contar isso também. Então, esta no meu sangue, na minha família e não vou esquentar minha cabeça com isso.

E a tradição é mantida, a gente aprende com a família a tradição dos antepassados, como quando a gente aprende a cantar as toadas Eu acho que as toadas a gente aprendeu com nossos antepassados e é aquilo ali que a gente preserva em cantar e passar para as pessoas que vem junto ao congo como as dançarinas e os conguistas. E as indumentarias e as vestimentas, também. Isso aí é de cada grupo, cada banda diferente da outra. A minha banda é azul e branco que é o que aprendi e tento melhorar quando posso. Que nem os estandartes, e acho que cada um louva a São Benedito do jeito que pode e ele sabe, porque nós ainda somos muito esquecidos por nossos governantes. A necessidade de um grupo é de todas as bandas, de não ter verba e recursos para fazer nada. Então fazemos aquilo que podemos fazer.

Ai tem gente que diz “o congo hoje é patrimônio histórico”, mas é só no papel? E a necessidade de cada grupo? Então cada um louva e roda a sua saia do jeito que pode e cada um toca o tambor do jeito que pode tá ali mantendo e preservando. Vai à casa de um mestre e procura saber a necessidade de cada um, da sua saia, do seu estandarte, do seu tambor. Então o papel da gente como mestre, cada apresentação da gente é uma vitória, fizemos nosso compromisso, então é isso que tenho para falar para vocês disso aí.

E se existe uma verba para a cultura, eu não recebo nada. Tem esses editais aí, mas acho esses editais uma vergonha, não concordo! A Elisa vem brigando, vem batendo “vamos fazer, vamos fazer”, mas eu não concordo. Isso aí para mim é uma vergonha, nós é que somos banda de congo, que sabemos o que é o congo. Então, não ganho nada de ninguém, faço congo porque eu gosto. Mas a minha revolta é que eles falam que congo é Patrimônio Imaterial do Estado, só que é só no papel! E a necessidade de cada grupo? Então isso aí eu não concordo e continuo batendo na tecla dela não aceito escrever meu grupo em edital nenhum. Prefiro fazer do jeito que eu faço, na raça. Esta ela aqui, Luciene ali a gente junta, a gente faz. É bem melhor do que ficar dependendo disso aí. E outra, o que Mestre Tagibe tá falando aqui, isso traz divisão, então estou fora.

Porque para o Carnaval, as escola de samba ganham o dinheiro para fazer. Eles ganham porque é para prefeitura, para o governo para o grupo deles. Mas o congo eles não têm interesse Primeira coisa que acontece, deixa eu te falar, eles colocam um secretario que não conhece nem o que é o congo, é isso! Municipal e estadual, você que mais o que? eles vão te ajudar em que? em nada, porque você chama eles para conversar e eles não sabem nem o que é o congo. Então não adianta. Eles não têm o respeito de saber. Eu já chamei o secretario de cultura do estado na minha casa, mas não adianta, ele não gosta e não entende, não dão nem água pra

gente beber nas 3 horas de cortejo. E eu acho que não é só a minha necessidade, é de todas as bandas.

Acho que aqui no nosso estado ainda falta ter um evento de juntar todas as bandas, como se fosse história, onde na nossa capital as pessoas pudessem ver nosso trabalho, acho que falta isso ainda, entendeu?

*Mestre Itagiba Ferreira*

**Banda de congo Mestre Tagibe  
de Roda D'Água. em Cariacica**

Boa tarde a todos! Estou aqui para falar um pouquinho de mim, dos meus antepassados que eu vou continuando a história do meu pai. Eu cresci dentro da banda, sou filho de congueiro, de Mestre Gabiroba um grande mestre do nosso município. Estou no congo desde dez anos, aos dezesseis anos fui o terceiro mestre da Banda de Congo Santa Isabel, aos meus vinte anos fui o segundo mestre porque o mestre principal começou a passar mal que era o Mestre Santos, acho que um dos mais conhecidos do Espírito Santo. Mestre Santos adoeceu, faleceu, e meu pai que era o segundo mestre na época, passou para primeiro mestre. Mas meu pai já estava meio cansado. Saía fazia apresentação, cantava duas, três músicas e me dava “toma”! “Você tem que ser mestre”, era a ordem dele, e eu falava “a pai, quero não”. “Uma hora você tem que obedecer” e ele mandava eu fazer direito.



Aos vinte e dois anos passei a ser o primeiro mestre da banda, fiquei até meus quarenta e oito anos com a Banda de Congo Santa Isabel. Foi onde aprendi tudo com meu pai.

Depois, a Banda de Santa Izabel é das pessoas mais antigas, e as pessoas mais antigas da Roda d'Água era assim: eles pegavam o tambor e não dava mais para o jovem tocar não. Era só eles mesmo, mesmo que tinham caminhado quatro ou cinco quilômetros, não tinha descanso, descanso só quando acabar a apresentação. Aí os meninos falaram assim comigo, que queriam tocar o congo, que já sabiam tocar congo e que eram filho de congueiro, mas não tinha oportunidade.

“Faz uma banda aí para nós.” E eu “vou ver, vou pensar”, e nesse pensamento meu, eu comecei a formar um mestre para a Santa Isabel, que hoje é o mestre Jaedson, fui formando o Jaedson e saindo da banda. Me afastei da Banda Santa Isabel por um tempo, comecei a ficar mais com minha família.

Até que meus filhos falaram: “vamos formar uma banda, resgatar a memória do meu avô”, porque meu pai já havia falecido e ficaram nessa de resgatar memória do avô, ele sempre falou que queria fazer uma banda de congo só com o tambor de oco de pau. “Agora é nossa vez de fazer”, mas eu pensei “será? Será que não vai ficar chato? Eu saí da banda, fiquei tantos anos lá, será que eu não ia atrapalhar? Porque a banda morava no meu coração, eu era doido pela Banda de Santa Izabel! e elas falaram” não, agora é nossa vez, esquece isso”. os meninos estavam muito animados, então vamos fazer! Comecei a convidar as pessoas, meus sobrinhos, minhas noras, no início algumas ficaram meio assim porque são alemãs, lá de Santa Maria, “mas vai dar certo?”, ia dar, nós falava que ia dar. Então nós começamos a ensaiar, e elas dançaram bem, bailaram bem na banda, tá servindo! E formei a Banda de Mestre Tagibe. A Banda de Mestre Tagibe tem dez anos. E tem aceitação no mercado turístico de apresentação, é fantástico, então sou muito feliz pela banda. Participo do carnaval de Congo que foi dos meus antepassados, uma história que meu pai antes frequentava, na época do pai dele que era descendente de escravos.

E o carnaval de congo de Roda d'Água foi formado por escravos, porque lá tinha muito escravo fujão que ia escondido lá. Eles não podia sair na rua para festejar nada, então eles formaram no dia de Nossa Senhora da Penha uma visita aos colegas escravos que faziam uma batida de congo e iam passear, fizeram com tambor com oco de pau deles e aí para casa dos outros colegas a tocar tambor. E foi crescendo, animando, aí o patrão deles que era o tal do João Bananeira. Hoje o João Bananeira que é referência de Roda d'Água no nosso município. E vendo aquilo, ficou assim entusiasmado

e “poxa, eu vou entrar nessa festa desses camaradas”. Então, os escravos quando iam fazer a caminhada deles, eles se enchia todo de máscaras e o corpo todinho para ninguém poder ver, e reconhecer, e saber quem estava ali debaixo dos panos com aquelas mascaras. E assim saiam visitando os outros amigos, em caminhada. E então, o patrão deles se vestia de João Bananeira e se metia no meio deles, como escravo, e dançava. Quando estava acabando o carnaval deles, no final da caminhada, ele saia e se escondiam no mato, tirava a roupa e voltava lá para festa deles como se nada tivesse acontecido. Aí depois “como fulano tá aqui?”. Até que um belo dia, tem sempre um curioso no meio, o senhor deles foi atrás descobrir o que estavam fazendo ali.

Começou a festa, fizeram à caminhada daqui a pouco, até ali na beira da estrada ele pulou no mato, ficou no meio deles dançando e ficou de olho. Quando já estava querendo acabar a festa deles, já estava escurecendo, ele rachou fora para o mato tirar a roupa e o cara foi atrás devagarzinho e pegou ele tirando a roupa e viu: “ah o João Bananeira então é você!”, e aí que se ficou sabendo, o nome dele era João, e por isso que ficou João Bananeira. “Olha o João Bananeira aqui, é o senhor”. Aí pegou.

Então nós, mais novatos, nós quis trazer nossos antepassados. Já dentro do carnaval de congo, porque o Carnaval de Congo em Roda d'Água era feito de caminhada, caminhada como era no passado. Então saímos de Roda d'Água com os tambores e mascarados e andava cinco ou seis quilometro para ir na casa da pessoa que convidava. E lá a gente tocava até que, quando terminava o congo, que era às seis horas. Quando acontecia a batida de congo, sempre queríamos ver quem estava de baixo daqueles panos, e quando íamos ver. Achando que era uma mulher, era um homem, nossa alegria era essa. E foi assim que nasceu o Carnaval de Congo em Roda d'Água.

E aí o Carnaval de Congo foi tomando outra direção, foi crescendo muito. Aí nós tivemos que concentrar e alugar lá

na fazenda do Benildo, que é o fazendeiro lá. E nós fazemos a festa na fazenda deles, pagava o aluguel dele e lá a gente tinha 20 até 30 mil pessoas. Mas aí dava muita confusão, e a gente tirou da mídia. O que dava esse monte de gente era a mídia, aí tirou da mídia, não divulgamos mais. E aí agora temos a conta certa, não vai mais de 15 mil pessoas.

Assim foi a minha história dentro do congo e fico feliz, porque isso foi o que eu aprendi com o meu pai. Que meu pai não tinha esse negócio com ele. Meu pai chegava “Amanhã o congo vai sair”. Aí eu chegava e falava: “Ah, não vou não”, “O que você tá falando? Você tá falando que você não vai lá? Você vai sim. Já viu carro guiando os boi? Se eu tou falando você tem que me obedecer.” Aí eu ia todo..., sabia que se não ia contava com a surra que eu ia tomar, então eu ia contrariado, mas ia. E aí eu fui tomando gosto pelas coisas e hoje eu sou um mestre muito conhecido aqui no nosso município. E eu fico feliz de trazer essa alegria ao nosso município e no Espírito Santo todo, já viajei pelo Brasil com esse menino aí<sup>1</sup>, com a Banda de Congo Mestre Tagibe.

O Carnaval de Congo de Roda D'Água é também uma festa de devoção que as pessoas mais antigas pagam promessas no dia da festa outras fazem as promessas e você vê como as pessoas agem porque elas se sentem bem com aquela promessa que ela fez e pagar no dia da festa.

Então eu acredito que é uma coisa religiosa para nós. Porque teve uma época lá na região que estava muito seco, e aí fizeram uma promessa lá que no dia do carnaval de congo lá choveu para abastecer nossa água, e no dia de Carnaval de Congo. Não sei se vocês lembram, mas choveu muito que encheu aquilo tudo, não tinha nem onde passar, só se fosse debaixo de água. O Carnaval de Congo nós chamamos que é o dia em que vai para pagar as promessas, e é uma coisa muito legal na nossa região.

1 Aponta para Mestre Antônio, em referencia à viagem que fizeram para o Ceará

A gente aprende com os pais, na família, e o congo é assim um saber de herança e uma obrigação. Na Banda de Congo do Mestre Tagibe eu recebi a herança do meu pai, e meu pai recebeu do meu avô, e meu avô recebeu do meu bisavô, então foi passado de geração para geração. E eu, hoje, estou passando para o meu filho que já é o segundo mestre da Banda Mestre Tagibe, e da banda mirim estamos passando para minha neta, Sandreli, acho que você até conhece, que já é mestre da banda mirim. Ela queria estar aqui hoje, não trouxe porque não sabia. Ela desenvolve um trabalho legal com a banda mirim. E a banda mirim está formando componentes para ir para banda adulta, já saíram da banda mirim três pessoas formadas, meninas e rapazes, dois ou três.

Então, pra mim, na verdade minha banda tem uma base, a base da banda adulta é de 21 componentes, não coloco 30, 40 componentes porque fica difícil de você trabalhar, porque igual a de Santa Isabel tinha 30 componentes, mas quem queria entrar lá trás não podia, porque os mais velhos não davam lugar entendeu? Então na minha tem 21 componentes no total. São 11 instrumentos e ainda sobra 10 pessoas, entendeu? Da para revezar. Então é uma norma minha que criei dentro da banda de ser só 21 componentes para dar espaço para todo mundo, porque não adianta você ter 30, 40 pessoas e não ter espaço para aquelas pessoas. Por exemplo, eu vou tirar por mim mesmo, quando me formei na banda como terceiro e depois segundo mestre fomos fazer uma apresentação num lugar assim chique, tinha bastante gente. O mestre era o Santos, antigamente quando era mestre usava um apito pi-pi-pi-pi-pi, aí saiu todo mundo e o mestre falou “toma aqui mestre Tagibe o apito, vai lá fazer a apresentação”, fazer para quem apresentação? Porque não tinha ninguém mais, vou tocar só para mim? Aí eu fui colocando isso na cabeça é difícil. Mas eu peguei uma apresentação aqui na Praça do Papa, estava lotado aí eu comecei a criar na cabeça desde lá de baixo eu falei para que você vai fazer uma coisa dessas? “Deixa que nós vamos cantar” aí falaram “não, a gente pega”

“então eu não vou cantar, não, quem vai cantar é você!” aí eu “opa, agora é minha vez!” a praça tava lotada, aí entrei e cantei bem né? Graças a Deus deu tudo certo e foi um sucesso. Daí para cá acho que foi Deus que olhou bem por mim! Aí foi desmolecendo, a gente se arrumou, a banda passou para o meu pai, mas ele já estava meio baqueado, aí entrei no lugar dele. Hoje eu fico feliz porque Alcineu é um bom mestre que tá ensinando bastante as crianças. Então minha formação é essa, o saber foi dado pelo meu bisavô, meu avô, meu pai foram essas três gerações.

A Banda de Congo Mestre Tagibe criou sim as toadas da banda de congo que tem toadas novas, porque era muito focado em coisas antigas, dos antepassados. Então quando formamos a banda já formamos discutindo como íamos fazer para produzir músicas novas e fizemos. Hoje temos uma base de 13, 14 músicas. Mas não desprezando as músicas antiga, porque elas têm uma raiz e não podemos cortar a raiz dela, então a cantamos também. Eu mesmo que tenho muito conhecimento fiz uma música em homenagem nossa senhora da Penha. E os tambores foram criados com oco de pau da banda Mestre Tagibe. Como eu falei, são da época do meu pai e aonde a gente vai levamos o tambor junto porque os antepassados estão presente nesse tambor e aquilo ali para mim é uma riqueza. Porque no passado nós sofremos, no meu tempo, quando íamos fazer uma apresentação era sempre de caminhão, levando pedrada, e existia isso tudo. Hoje eu já me sinto bem feliz bem forte porque o que eu pensava era desistir. Quando era mais novo pensava para que continuar? Levando pedrada dos outros, no sol, mas graças a Deus hoje a gente não leva pedrada, porque meu trabalho é receber esse pessoal de faculdade, como aqui na UFES, meu trabalho hoje é esse e fico muito feliz.

Hoje em dia a gente tem o respeito de muita gente da universidade, mas as vezes a gente não tem respeito de gente da cultura. Veja só os editais, tem coisa que acontece ali que não é certo. A gente que é mestre há muitos anos, igual eu,

58 anos só de banda, eu fico triste em saber que tem gente por aí fazendo esses editais que nem de mestre eles são, e não sabem nada de mestre. E acontece dele ser contemplado com o prêmio do edital. A gente fica triste porque pega um cara que escreve um projeto, por exemplo, esse que eu estou falando ele não passou mas tirou 42, e ele nem participa da banda de congo. E o cara que tem 50 anos de banda fez trinta e poucos pontos, muito menos, meu Deus! E se esse cara passa? Hoje tem um cabra do congo lá que fez um projeto, ele tá no congo há muitos anos e fez um projeto eu quero vê de fulano ganhar e eu não ganhar. Porque o cara não sabe do congo, e ele passar, tem treita por aí. Mas agora você vê aquele cara que nunca participou do congo ganhar e o cara que tiver dentro do congo não ganhar? Para ser certo, todo o edital que fosse para a cultura tinha que colocar um mestre conhecido, ou uma pessoa que conheça vários mestres. Chega e fala: lá em Fundão vai ter um para julgar e conhecer os mestres, que aí quando pegar lá para ler o edital, vai saber e conhecer o nome dos mestres. Mas não, quem escolhe lá não tem culpa, porque ele não conhece o cara, e pega um projeto que ele gostou e pronto. Não pode só ler o projeto, tem que conhecer quem é mestre, quem não é.

Outro ano eu ganhei o Edital de Mestres e o que eu fiz? Dividi o prêmio com todo mundo da banda! tenho 21 congueiros eu vou lá e faço a conta para vê quando dá para cada um. Vou dividir porque se não dividir, eles vêm para cima de mim “você sozinho não faz congo”. E é assim, eu tenho o conhecimento do congo, mas sozinho eu não faço congo.

*Mestre Aroldo Silva*

**Banda de Congo Santa Clara  
Estrela Guia, de Fundão**

Boa tarde para todos! Me chamo Mestre Aroldo Silva e vim representar o município de Fundão. A história que vou contar para vocês eu não gosto muito de falar porque fico emocionado do que passei em minha vida.



Eu, desde a idade de cinco anos, sigo essa cultura do congo, como meus avós e meus pais, vem de geração a geração. E eu sigo isso aí desde a idade de cinco anos. Quando era o Mestre Prudêncio, que era o mestre do Fundão e meu pai tocava congo. Eles faziam a roda de congo, eu era pequeno e não aguentava os tambores porque era muito grande. Então eles faziam a roda de congo e sabiam que eu gostava, eles me sentava em cima do tambor, eles tocando e eu só acompanhava. Fui crescendo naquela missão. Antigamente era mais difícil para a gente sair tocar em festas porque a gente tinha que andar a pé. E quando chegava o dia que íamos para Timbuí ou Santa Rosa para tocar naqueles cantos de lá, quando eles convidavam a banda de congo para nós ir, meu pai saía de casa e me dizia “meu filho, você não vai que é longe” e eu respondia “eu vou!” era pequeno, mas eu vou, “onde o senhor tiver, eu vou junto”, “então vamos!”, eu pegava na mão dele e nós íamos. Chegando lá, nós pegávamos os tambores na casa do Mestre Prudêncio, colocava o tambor nas costas e saía a pé. E meu pai perguntava “ta cansado, meu filho?” e eu respondia “Tou nada”, então continuávamos, era o tambor de um lado e eu do outro.

Fui crescendo e pegando idade. Fui para Timbuí a pé também, e quando estava chovendo nós íamos de linha abai-

xo para fazer a festa, e quando o tempo estava seco íamos pela estrada de chão. Já fiz muito isso, a minha história tenho que contar para vocês! Eu venho seguindo esse mestre e essa missão minha desde criança, desde a época dos meu pais e avós eu vim seguindo. E eu fui tocando congo. Com a idade de dezenove anos o Mestre Lourenço passou eu como mestre. E continuei a minha missão e venho lutando até hoje. Quem pensa em São Benedito e São Sebastião, enquanto eu tenho vida e saúde, aguentando a andar, eu quero estar junto com meus mestres e meus amigos que prezo muito. E vou continuar nessa missão que Deus deu para eu guiar. Não abandono nunca na minha vida! Só quando Ele me levar desse mundo, aí sim, aí eu posso fechar o congo.

E então nós passávamos essas dificuldades. Temos muitas dificuldades também dentro do nosso município que não tem seguido. Peleja daqui, peleja dali, tem alguns amigos da gente que ajuda nas festas que acontecem. O Fábio e a Fátima que são as cabeças, sempre estão na frente. E nós estamos seguindo, agora tem uns quatro anos mais ou menos nós conseguimos fazer a Associação de Banda de Congo de Fundão. Associação ABC Congo de Fundão em que veio melhorar um pouco para nós os eventos que fazemos em Fundão. E estamos pelejando, uma hora dá certo, outra hora dá alguma coisa, mas parar nós não vamos parar. Nós só paramos quando Aquele lá de cima quiser. Gente aqui da terra me fazer parar de tocar congo não vai conseguir, se falar “esse ano não vai ter festa” eu falo “Vai ter festa sim. porque não vai? Só se passarem por cima de mim, porque vou passar por cima de vocês. Peço licença a São Benedito e vou passar.” Eles não vão fazer, que eles não são bobo de fazer isso porque sabem que eu faço isso mesmo. Eu vou fazendo minha festa, minha missão, eu vou fazer até a hora que Deus me dá força, saúde, para eu permanecer na cultura de Fundão. E isso vem de muitos anos, não é de agora. Nós temos então que permanecer na nossa cultura.

Essa cultura não vem de agora, é do tempo antigo e passada de geração para geração. Vou te explicar sobre a for-

mação do mestre. Nós que somos mestre temos que passar como foi com o Mestre Lourenço. Era o Mestre Sérgio, e ele formou o Mestre Lourenço, com isso o Mestre Lourenço me deu as dicas de como tinha que fazer, aí ele foi me dando o ensinamento, fui aprendendo, como eu estou fazendo lá em Fundão e já formei mestres, está entendendo? Formei uns quatro mestres. E agora eu estou acompanhando o Congo Mirim Santa Clara com as crianças, porque temos que eternizar nossa cultura, porque se for ficar só eu, ele (Mestre Ricardo), ele (Mestre Antônio) e não colocarmos as crianças para aprender sobre a cultura ela vai (gestos com as mãos) você tá entendendo? Então nós que somos a base temos que passar para os meninos, dando essa oportunidade. E aí eu já estou formando mestre mirim na banda de congo, aqueles que tiver boa vontade de levar a cultura e fé a São Benedito e São Sebastião. Porque a cultura é a cultura e ninguém vai falar para mim que eu sigo ela, sigo ela como uma religião em Deus porque tenho muita fé em São Benedito e São Sebastião que por eles o que tiver de ser vai ser, muita coisa eu já passei na minha vida mas estou com Deus também, lutando. Tem hora que quando o congo começa a bater acontece tanta coisa que eu até esqueço minha muleta! O pessoal fica olhando para mim assim, mas eu não quero nem saber, aí alguns ficam me segurando.

A questão do mestre então é essa aí, nós temos que seguir, temos que ir colocando as crianças para verem como é que é, aqueles que tem boa vontade, igual o Ricardo estava falando antes, de chamar gente para tocar, aquele que tem interesse, vai fazer as coisas com fé e que gosta, ele vai continuar, e aquele que não gosta sai fora e a gente arranja outro para estar com nós, não é? É isso que nós temos que fazer. Não podemos deixar, temos que continuar até a hora que não tivermos aguentando, e os outros continuar, quando os outros forem lembrar da gente, aqueles que viram como Mestre Aroldo, Mestre Antônio, Mestre Tagibe e Mestre Ricardo vão lembrar o que eles falaram com nós. Então temos muita coisa

para conversar, que é como eu faço com ameninada lá, no dia que for de ensaiar vamos ensaiar, no dia que for de conversar vamos conversar, monto a rodinha lá, é isso que temos que manter. Pronto!

A nossa festa na comunidade que temos a cortada do mastro em Timbuí que vai ser dia oito de março. Mas a nossa festa dia 1º de janeiro, é uma festinha que a gente vai levando. Tem ano que dá alguma coisa lá, que dá uma bagunça com os baderneiros que querem estragar a nossa procissão, e a gente vai levando. A festa não é de bagunça, é de religião, e tem baderneiro que não entende. Mas agora, graças a Deus, de uns tempos para cá até que melhorou mais. Mas ali em Fundão, festa ali, vou dizer: temos que estar tomando conta do congo e tomando conta de quem vinha por trás lá. porque se não, tem gente que passa por cima, derrubando as pessoas, velhinho igual eu! Mas agora é bom, que na hora que eles vêm, eu já pego a muleta aqui e falo: “sai fora!”. Mas aí, graças a Deus, nós fazemos nossa festa e no dia 20, lá em Fundão é sempre dia 20 de janeiro. Às vezes não acontece dia 20 porque cai em dia de semana, e aí quando não colocamos para uns dias antes, colocamos uns dias a frente porque é melhor aos sábados para o pessoal da gente. Aí nós sempre fazemos isso, e vamos levando, as vezes temos ajuda lá do coral, mas vamos levando. Um hora a gente faz de um jeito e depois de outro jeito e vamos, a nossa festa não pode parar não, sempre continuando, paramos de jeito nenhum e desse jeito que estamos tocando a nossa festa lá no nosso município.

Nas festa a gente usa uniforme, são muitas bandas e cada um tem sua veste pra diferenciar, seu uniforme da suas cores. Os meninos usam blusa vermelha e bermuda azul, já as meninas, agora mudou, é tudo branco, mandei fazer um uniforme novo para as crianças, ganhamos um apoio e fizemos roupa branca para os meninos. Mas aí é o que ele falou, qualquer um coloca a roupa no corpo, pega o instrumento que toca e você sabe como é que é né? Vamos fazer nossa Festa da Penha.

A minha roupa é toda branca! Ah, porque eu escolhi essa aqui? Eu escolhi porque achei que ficava mais decente, mais decente para um mestre a roupa ser toda branca. Você está entendendo como é que é? Aí mandei fazer meu uniforme desse jeito aqui. Tem outro de outra cor. Não vou dizer pra você que não tenho outros, está entendendo? Tenho outro lá de outra cor. Mas o que eu gosto mais de usar, falo mesmo, é esse aqui. E vou mandar fazer outro.

*Mestre Antônio Ramos dos Santos*

**Banda de Congo de São  
Benedito do Rosário,  
da Vila do Riacho, Aracruz**

Boa tarde a todos! É um prazer imenso estar aqui juntos de vocês, trazendo um pouco da nossa história, da nossa cultura e um pouco da nossa sabedoria. Daqui a pouco quem vai falar com vocês é a Rainha Astrogilda, representante do Estado do Espírito Santo e do Município de Aracruz, que está só esperando ali.



Para nós é um prazer estar aqui junto a essas pessoas que convidam a gente, a gente quer dar tudo de bom daquilo que a gente conhece. Nosso tempo aqui na terra é passar o nosso conhecimento, transmitir nosso conhecimento, para aquelas pessoas que querem ter esse conhecimento, igual vocês que enfrentam uma faculdade e quando chega aquela área de cultura você encontra uma história falsa. A verdadeira história está aqui presente, se há alguma pergunta, aproveita e pergunta porque a verdadeira história está aqui, e aqui só está uma parte da história. Agora, a história maior está por vir ainda, que é a história da rainha, a comprovação da Rainha Dona Astrogilda Ribeiro dos Santos que vai falar depois, eu não vou falar, mas vai vim ainda, então por enquanto é só nos aqui.

Primeiro vem os guarda-costas né? Primeiro vem os guarda-costas e depois vem quem? A rainha<sup>1</sup>! Então essa é nossa história, cada congueiro desse traz sua história, sua

---

1 Referência à Mesa dos Mestres que antecedeu a Conferência de Encerramento, proferida pela Rainha D. Astrogilda

glória, traz seu valor. E como se diz? Nós temos a graça, a luz e a paz têm que está junto de todos nós.

Primeiramente, nós viemos aqui com o intuito de mostrar a todos a nossa verdadeira história. Porque a nossa história de congueiro vem de uma maneira que não é de acordo com aquilo que está na internet. A internet diz assim: A banda de congo de índio que recebeu uniforme de Dom Pedro II, uniforme na igreja Três Reis Magos. Mas o conhecimento da nossa história vem dizer o seguinte: Dom Pedro II passando em Santa Cruz foi fazer uma pernoitada na fazenda conhecida como Santa Joana entre Barra do Riacho e Vila do Riacho, no município de Aracruz. Vila do Riacho era município e se tornou comarca do estado, na área de Vila do Riacho seria o primeiro local onde teve uma prefeitura no estado, mas veio para Santa Cruz. Então, essa é a nossa história. Então, logo em seguida nossa prefeitura veio para Santa Cruz e tempos depois foi para Aracruz e continua lá até hoje. A história que Dom Pedro II deu uniforme da Marinha na igreja Três Reis Magos é uma história meio fora do normal. Porque a verdadeira história está dentro da fazenda Santa Joana entre Barra do Riacho e Vila do Riacho. Muitas vezes a gente debate sobre alguma coisa que a história não bate com aquilo que nós representamos. A nossa banda de congo tem hoje 220 anos, é a banda mais velha dentro do Estado do Espírito Santo. A banda era formada entre negos e índios. Quando os índios conseguiram a terra para formar a aldeia Caeiras Velha houve a separação do grupo. Se formou um grupo de congo dentro da aldeia, que está lá até hoje. Então nós comemoramos o aniversário das duas bandas no mesmo dia 27 de dezembro, em Caeiras Velhas a banda Tupinikins, e Vila do Riacho continuou sendo comandada por negro escravo e índios botocudos. E temos e mantemos a mistura de negros, índios e brancos. Nós nunca separamos isso, mantendo nossa tradição.

E dentro da nossa história, nós sabemos o seguinte, em 1798 veio o primeiro comunicado do Ceará para Alagoas e de Alagoas para o Espírito Santo, que inteiraram em região de Aracruz, fazendas, engenhos e canaviais que foi a libertação de ne-

gros e índios mantidos como escravos. Ao saber desse comunicado, eles saíram pelas ruas a comemorar e os fazendeiros não entendendo aquela comemoração, acharam que era uma revolução dos escravos, resolveram fazer uma revolução dos fazendeiros. Pode procurar dentro da história do Brasil esta revolução dos fazendeiros. E tem a Revolução dos Mulatos e Alfaiates. Então dessa revolução morreram muitos fazendeiros, muitos negros, muitos índios. E o que aconteceu? De acordo com o tempo, os fazendeiros viram que eles não queriam sair da fazenda, só queriam comemorar uma libertação e que não sabiam o que ia acontecer, não conheciam o que era libertação. Estavam comemorando uma coisa que não conheciam. Aí eles pararam para observar e perceberam o que acontecia: Viram que cada vez que eles faziam um manifesto, que eles cantavam, dançavam e comemoravam, trabalhavam mais, e as fazenda produziam mais. E aí, nessa caminhada que negros e índios fizeram pelas fazenda, era o negro com berimbau e chocalho e o índio com tambor e casaca, aonde houve essa revolução. E passaram a ver que aquilo estava produzindo mais, os fazendeiro começaram então a chamar outros fazendeiro para que viessem ver o que estava acontecendo na fazenda, que estava produzindo bastante. Vieram, olharam, trouxeram os negros deles, que se misturaram ali, e viram que a coisa era muito importante, a diversidade que estavam fazendo dentro das fazenda e pegaram e levaram cada um para sua fazenda aquele tipo de manifestação, de cultura e de dança. As fazendas então começaram a produzir mais e se valorizar mais. Mas acontece que aquilo foi simplesmente um falso comunicado de libertação e, em homenagem ao povo do rio Congo da África que estavam naquelas fazendas, nasceu o batismo de caixa. Após o batismo de caixa, vendo que tinha muita gente da África, veio congo.

Agora, o que é o congo? O congo somos nós, é um negro, dois negros, três negros são um congo. Um país, estado, um macaco é o congo. Nós aqui somos um congo reunido. A banda de congo são os mais velhos. Então, em homenagem ao país Congo da África e o desenvolvimento da nossa histó-

ria, da nossa cultura do sofrimento do negro, nasceu banda de congo. Os grupos. Devido à valorização, ao aumento de cânticos, da história e alegria dos negros: a banda de congo.

Hoje nós temos várias bandas de congo no estado, que representam nossa história, nossa cultura, sofrimento de nossos antepassados e estamos aqui mantendo essa história para que ela não morra e para que a nossa história seja verdadeira. Não a história contada por escritor da época, porque ele chegou e olhou aquilo: tem um grupo de cultura ali, fulano de tal, mas não soube se aprofundar a chegar perante um mestre e perguntar qual é a sua história. Eu tenho a minha história. Cada um dos mestres aqui tem uma história, tem o seu saber. Esse saber nosso não é aquele saber que eu vou chegar numa sala de aula e o professor está me ensinando o que é cultura. Não. Esse saber nosso ele é dado por Deus. A nossa sabedoria, o nosso conhecimento é dado por Deus. Aquilo que nós falamos e contamos para vocês é uma sabedoria que não vem da escola, ela vem por uma sabedoria dada por Deus. A nossa sabedoria está na palma da mão. Ainda há pouco estava falando com Mestre Tagibe e o Mestre Aroldo. Cada mestre traz a sua estrela, ele tem a capacidade, se ele tem confiança e fé em Deus, tem uma pessoa enferma, ele pode chegar e colocar a mão ali. “Como é que tá meu amigo?” Ele não precisa falar nada, a energia negativa que está com você passa para aquele mestre. Porque? Ele está puro e consciente do que está fazendo e Deus está junto com ele, está junto com todos nós, a sabedoria e o conhecimento. E tudo que nós vamos fazer, nós pedimos primeiramente a Deus. Ainda pouco estava falando ali fora: “eu estou aqui, não estou pensando em nada, minha mente está vazia, mas daqui a pouco começo a falar e sei onde vou buscar a sabedoria”.

Nós somos um povo sofrido e continuamos sendo discriminado, sendo... como se diz, acontece o bullying com a gente. Então vem àquela coisa, pisoteado, discriminado e estamos ali a lutar. Capaz de responder a qualquer manifesto, qualquer coisa que venha ofender a gente através de risos, através de um olhar. Abaixa a cabeça e sai, vai embora. Eu

não vou discutir com você não, alguém vai discutir com você por mim, porque este alguém é aquele que sabe. Você pisa em mim hoje, amanhã Deus cobra de você.

Então, como se diz, a nossa cultura foi evoluindo, foi evoluindo e 1788 vem a verdadeira libertação. Nós tivemos essa verdadeira libertação que onde passava um negro para chegar a uma fazenda procurando emprego, o dono da fazenda perguntava para ele assim: “você é o quê? Um negro fujão ou um negro liberto?” “Sou liberto! Tenho minha carta de alforria, sou liberto.” “Então aqui não tem espaço para você! Se você é negro liberto, é porque não gosta de trabalhar, você é um vagabundo, não tem vaga para você aqui não. Pode ir embora!” O negro sem alimentação, sem nada, pegava e seguia o caminho dele. Então aparecia outro: “você é o quê? Um negro fujão ou um negro liberto?” “Sou fujão!” “Então vem para cá que tem vaga para você aqui”. Qual era o primeiro trabalho dele? Chicote! Apanhava agressão e ia trabalhar.

E através disso, o que sobrou para nós? Com os negros que restaram ali veio às favelas, a discriminação, as droga e a prostituição. Então isso que sobrou para o negro. E até hoje mudou em que? Se o negro sai na rua e ele está com chapeuzinho, o que acontece? Ele é discriminado. Então, nós estamos aqui para isso.

A tradição da Banda de Congo São Benedito do Rosário de Vila do Riacho é longa, vem de longa data. A nossa banda de congo veio com amor a santidade do mestre, antes do período de Fumaça. Mas veio o Benedito Fumaça que era escravo junto com Meleco, quando dançou para Dom Pedro II ele deixou o nome dele na história. Mas antes dele teve outro, porque ela tinha mais de 100 anos quando Dom Pedro chegou na nossa localidade.

Depois do período de Fumaça teve outros mestres que não tenho conhecimento deles. Até chegar no Orlando, chegou e teve outros. Eu sei que Alcineu, depois Alcineu que é pai da nossa representante ali, e o Armando. Além dele, teve outros, mas ele ficou 45 anos acompanhando a banda de congo. De-

vido aquele gostinho da água doce, as bandas de congo geralmente toca e tem que ter alguma coisa para se animar porque o cara, na garganta pura ali sem animação, ele não vai, vocês estão entendendo? Então, houve essa animação, só que além dessa animação, as pessoas queriam sempre mais e mais e perdia o sentido da coisa.

Aí tinha uma coordenadora que se chamava Jandira, então vendo aquela situação, que a banda de congo ia morrer, que estava entrando numa fase que ia se acabar, houve uma eleição entre eu e o Alcides. Me elegeram para ser mestre da banda de congo, só que no momento eu não podia aceitar porque vivia aqui em Vitória e deixei com o Alcides. Mas o Alcides também não se interessou porque tinha pouco conhecimento, aí voltei e assumi a banda de congo junto com meu irmão Carlos Alberto, e nós mantemos ela do jeito que está aí.

Vinha mantendo o tempo que nosso grupo estava ali, como foi o primeiro torneio de banda de congo do século XVIII lá em Roda D'Água. Você sabe, ou nunca ouviu falar disso? (pergunta para Mestre Tagibe). Venceu no primeiro torneio de congo, a Banda de Congo da Vila perdeu, venceu Caieiras Velhas, dentro da história espírito-santense. Caieiras Velhas venceu, para evitar confusão entregaram o troféu para eles. Daí para lá, nós permanecemos sem dormir, e fomos crescendo, passando nossa tradição para outras pessoas, o conhecimento. Porque nossas portas, como o Ricardo falou, é sempre aberta a quem quiser participar, mesmo você não estando ali. Se você gosta do congo, da sua cultura, da sua raça, da sua cor! Vamos participar que é alegria. É uma energia positiva que você ganha e uma tradição que você recebe e fala assim: eu estou feliz em participar de uma banda de congo.

E nós trouxemos aquilo ali, inclusive quando tinha, conheci o congo quando garoto. Vi passar no Jornal do Globo, o congo mais antigo aqui de dentro do espírito Santo. Jornal do Globo, Amores da Lua é dessa época. Você nunca ouviu falar do Jornal do Globo? No Forte São João? Com o Jornal do Globo, Amaro Pinto, que era pai da minha mãe, Antônio Caldeira

e Antônio Suelo, também era capitão, e um senhor chamado senhor Julio. Tinha uma banda de congo que era tradicional do Jornal do Globo, que representava a Grande Vitória, com a de Manuel Ramos que era meu avô. Então, nisso daí trazemos a tradição que tem no Espírito Santo, Vitória. Depois fomos para Vila do Riacho e conhecemos a banda de congo de lá, com a história toda que tinha lá, nós assumimos. Minha mãe assumiu, depois nós assumimos também, e damos prosseguimento dessa história formando outros mestres como eu e meu irmão. Eu primeiro mestre e meu irmão segundo mestre, e vem o sobrinho Carlos Wellington, vem o filho Rodrigo, veio o Ralf garantindo algumas coisas.

Em Regência, um dia um dos nossos membros se afastou e foi para praia, ele estava meio tropicando e desceu a praia. Quando chegamos, Dona Mariquinha foi ver com ele, aí, de repente, quando vi descendo a praia eu falei que ia lá buscar ele, porque poderia morrer afogado na praia. E desci a praia, mas não sabia que era tão longe, e chegando na beira da praia, cadê o homem? Eu falei: “caiu na água e morreu!” E falei com meu menino, acho que ele tinha 12 anos, e falei: “assume aqui porque eu não tenho como voltar na hora, se te chamar aqui você vai lá e se apresenta”. Mas só que o menino era o seguinte, ele acompanhava a banda de congo.

E eu deixei o menino, quando o menino viu que eu não vinha a mãe falou assim: “olha! Seu pai não vai chegar aqui a tempo e é a nossa hora, nossa vez agora, você assume a responsabilidade”. Quando ele pegou o apito, as pessoas mais velhas, e falou: “vamos!” Todo mundo baixou a cabeça para o menino e foi porque ele era mestre da banda de congo mirim e respeitavam como se eu tivesse ali. Então a nossa coisa é passar de pai para filho, e também ver a pessoa que se desenvolve dentro da área cultural, que tem um interesse de aprendizado que venha cumprir aquela obrigação. Porque, ser mestre de uma banda de congo, eu sou mestre, mas nós também temos que assumir nossa tradição, primeiramente ouvir o mestre. Se o mestre não ouvir o mestre? O mestre dos mestres passa a história para nós. Se o

Ricardo recebeu esse cargo, essa função não foi tanto porque o avô dele deu, ou avó dele deu! Primeiramente ele já tinha consciência, já tinha ouvido uma voz falar no ouvido dele “você que vai assumir a banda”, é você que vai assumir. Estou mentindo Ricardo? Essa voz chegou para ele, é você que vai assumir, então ele foi lá e assumiu e está aí um grande mestre.

Nós, mestres mais velhos, sempre respeitamos um ao outro. Antigamente dizíamos assim: vamos fazer um rodeio de congo. As bandas de congo aqui do Espírito Santo nunca ganhou de um torneio da Banda de Congo da Vila do Riacho após eu ter assumido a função de mestre. Sempre aqui nós ganhamos as taças, os troféus estão todos lá. Uma taça do avô dele (Ricardo) chegou e falou está aqui. O Antônio Rosa chegou e falou está aqui. A nossa lembrança do mestre Antônio Rosa e Reginaldo, sempre juntos. E o que acontece com nós? Temos que ser... acabou o torneio porque está dando muita briga entre uma banda de congo e outra. Nós não vamos a lugar nenhum, vamos ser inimigos um do outro. Hoje nós tratamos a sua banda de congo é irmã da minha, a sua banda de congo é irmã da minha, somos todos irmãos. Todos iguais dentro da mesma tradição, o mesmo sofrimento. Então temos uma história de lá, e outra de cá, mas dentro da mesma história. Mesmo objetivo, e estamos aí.

Isso aconteceu quando havia os problemas. Quando nós encerramos o torneio, tornamos uma irmandade só. Antigamente nós éramos inimigos e aprontava um com o outro, as bandas de congo da Serra, a banda de congo de Barra do Jucu, a banda de congo de Fundão, a de Timbuí, porque era uma tentativa de história a seguinte: vamos ver quem vai ser a primeira banda representante do estado do Espírito Santo. Fomos por aí. Um torneio lá em Colatina, Marilândia, tinha 32 banda de congo e nessas 32 bandas nós ganhamos o primeiro torneio. Como que a banda de congo da vila ia ganhar o torneio da banda de congo da Serra, da Amores da Lua que vive aqui, todo mundo arrumadinho e nós daquele jeito. Aí a Serra apelou. E foi para segundo torneio. O primeiro nós levamos um troféu, o segundo nós levamos dois, aí o torneio passou a

ser lá em Acioli. Chego lá a coisa pegou, quando a Serra chegava e nós não estávamos, o torneio é todo nosso. Quando a Banda de Congo da Vila Aparecia lá trás, acabou a festa! Aí, a Banda de Congo de Timbuí vendo o negócio, que a Serra não ganhava, Amores da Lua não ganhava, arrumaram um cantor de samba. Hoje nós ganhamos dele! E eu tinha acabado de sair do hospital. Quando nós chegamos lá e comecei a cantar, fazendo a apresentação de chegada, eu tinha vindo do hospital que tava com um vírus na garganta, quando comecei a cantar, e começou a esquentar, eu comecei a tossir e mandei meu irmão segurar. Aí ele foi segurando e, enquanto tossia aqueceu a garganta, eu voltei. Quando voltei, que comecei, o puxador de samba falou assim: “no samba eu levo, mas isso aí...” e o cara profissional e nós não somos profissionais! A nossa profissão vem através do nosso conhecimento, aquilo que Deus dá para nós, aquilo que nos ensina, então essa é nossa sabedoria e estamos aqui.

Falando sobre o uniforme, a nossa roupa vem se mantendo branca, representando a Marinha, porque na época, quando o capitão da banda estava dançando para o imperador, ele dançava só em frente ao imperador. E o imperador perguntou: “porque você dança só em frente de mim?” E ele respondeu que “jamais deveria dar as costas para você”. Dom Pedro, então, escutando a palavra dele voltou a Capital e de lá mandou de presente a roupa do exército brasileiro. Antigamente o exército brasileiro era o exército naval, a marinha, e hoje temos marinha e exercito divididos. Então nossa roupa branca permanece até hoje em homenagem a nossa marinha brasileira e estamos aqui.

E nossas músicas? Nós mesmos fazemos ela. Tem as música dos nossos antepassados e temos as atuais que a gente faz. Cada música que a gente canta, cada música que um mestre canta, ele tá falando alguma coisa para você, basta você entender o que é que ele quer dizer. Cada música me diz alguma coisa. Nós cantamos o nosso sofrimento, enquanto você acha bonito. Aquilo que estamos aqui vestidos, can-

tando e dançando congo, “poxa que bonito, beleza!” Mas não, estamos mostrando o sofrimento dos nossos antepassados. O congo, em si, ele é o sofrimento de um povo, de uma massa. Nós estamos mostrando o sofrimento enquanto você acha bonito, nós estamos com o coração preso, sangrando, porque estamos lembrando-se daqueles que viveram no tronco, apanharam, sofreram para nós estarmos hoje todo bonitinho, mostrando e falando da nossa cultura e história.

Então nós fazemos a própria música e o nosso uniforme, principalmente este uniforme que está vendo aqui, representando a Marinha Brasileira com toda honra e nossa história. Uniforme dado por Dom Pedro.

Muitas vezes, igual estivemos aqui fazendo aquela apresentação ali, uma pessoa da banda de congo chegou e falou: “achei bonito, professor”. Não sei se ele era coordenador ou diretor aqui da UFES. “Achei bonito”, achei bonito não é o bastante, isso tem que acontecer permanentemente aos mestres. Os mestres vêm dentro da UFES, porque tem muitas pessoas aqui dentro, alunos da UFES que vem aqui estudar, mas não sabe o que cultura do Espírito Santo. Então, a UFES está devendo por obrigação de dar obediência para nós, e reconhecer que nós somos Mestre da Cultura Popular, Mestres dos Saberes. Não dependemos de professor para ensinar o que é cultura! O orientador, o diretor da UFES, ele deveria abrir as portas para todos os alunos e sentar aqui, estar presente para ouvir o que nós temos para passar sobre a nossa cultura, nossa história e sabedoria.

Igual, eu pergunto a vocês que são alunos, estudaram, quando mais velho aqui: “quem foi que chegou primeiro em solo brasileiro?” Vocês vão me responder errado, quem foi? Agora eu quero as respostas de vocês! Os índios já estavam aqui agora quem foi que chegou primeiro? Vocês vão me dizer que foi em 1500 Pedro Álvares Cabral é isso que vocês vão me responder? E mesmo que vocês vão me responder que foi em 1500 vai ser errado! 1504 e jogaram para 1500. Quem foi que chegou em solo brasileiro primeiro? Guerreiro do Safari

Africano. Saiu da África vários guerreiros do Safari e vieram numa barca aberta, a insolação, o mar revoltado e vieram de lá para cá. A sede, a fome e a água começaram a matar. Chegou em solo brasileiro um negro que veio o ultimo que não morreu porque aqueles morreram jogaram dentro d’água. Parou numa praia em território brasileiro, olhou para um lado, olhou para outro e falou “acho que tô morto”. Olhou para um lado e olhou para outro e não via nada, só mato e água, ele achava que estava sozinho. O que aconteceu: ele, com o co-car, com a vestimenta e um saiote indígena, um escudo tipo uma prancha e uma lança, olhava para o lado e olhava para o outro. De lá dentro da mata eles olhavam assim: que índio é aquele ali? Aquela cor dele é estranha, é diferente. Era um negro, aquele negro quase azul. Aí o cacique veio e chegou na beira dele, trocaram a linguagem indígena que era os tupinambás, os avós dos índios de nosso Brasil, e olhou para ele e trocaram a linguagem dele e perguntou quem era ele, da onde tinha vindo e respondeu que estava conhecendo novas terras, que tinha se perdido e achou aquela terra. Então pegou ele e levou para aldeia dos tupinambás. E hoje nós temos o quê dentro da nossa aldeia? O quê? O negro! O negro e o índio, a formação do negro e o índio em 1468. Aqui dentro da faculdade tem isso aqui, mas passaram para vocês sobre isso aí? Vocês não têm conhecimento disso e também não procuraram vasculhar isso aí.

A chegada do primeiro negro em solo brasileiro, isso está aqui dentro e já teve professor daqui de dentro que teve procurando e encontrou. Quando falei disso para ele, ele veio procurar e encontrou. Então foi uma queima de arquivo quando as autoridades maiores foram e fizeram a incineração. Fez a incineração de documentos, mas sobrou uma folha que tava ali falando que o negro chegou primeiro. Vinha no livro da história do Brasil. A história do negro e vem também uma mulher seminua em uma concha. Procura que vocês vão achar. A história do negro saiu, e ficou aquela mulher com aqueles monte de anjos dizendo que eles andavam na terra. Aquela fotografia

tá ali ainda, conta até hoje. E a história do negro? Como foi incinerado, o livro foi retirado e o que prevalece é a história do Português. Não fala que o negro chegou primeiro, mas quem chegou em solo brasileiro primeiro foi o negro. Aprenderam agora um pouco da história, vocês que estão na faculdade? Ninguém da faculdade procura. Você falou do congo na escola, o congo na escola é uma coisa, mas o congo antes de ir para escola ele tem que passar aqui primeiro, para daqui sai para lá, porque daqui que sai os professores. Desculpa!

Para finalizar gostaria ainda de lembrar do porquê dessa manifestação. Tá comemorando o quê? O sofrimento do negro que enquanto nós tocamos e dançamos, falam que tá bonito, tá lindo, mas por dentro sangrando, porque estamos vendo e lembrando o sofrimento dos nossos antepassados. Então estamos ali mostrando nossa cultura e história. Antes de encerra e chamar Astrogilda, queria falar uma coisa para vocês. Para vocês que promovem um encontro de mestre, aqui estamos em pouco mas somos muitos, então eu gostaria que houvesse um encontro com todos os mestres para um trocar conhecimento com outro. E também a nossa Secretaria de Cultura, porque nosso secretário de Cultura está devendo isso a gente, ele prometeu que iria fazer isso. Mas só prometeu. Então eu gostaria que ele cumprisse com o dever de secretário de convidar todos os mestres para estar dentro da secretaria de cultura ou num espaço que fosse adequado para os mestres conversar e falar sobre seus sofrimentos e seus direitos. Perante o secretário eu gostaria de exigir.

# Rainhas de Congo: As vozes femininas do Congo

*Rainha Astrogilda Ribeiro dos Santos*

*Rainha Diana Aparecida Pereira*

*Rainha Mãe Paula Firmino*

*Rainha Rosa Maria Galdino*

*Rainha Rogéria Laghasse*

*Rainha Astrogilda Ribeiro dos Santos*

**Banda de Congo São Benedito  
do Rosário, Vila do Riacho,  
em Aracruz**

Primeiramente eu quero agradecer a Deus, ao meu glorioso São Benedito, São Sebastião, Virgem Santíssima da Penha por dar a oportunidade de nós estar aqui reunido nesse pequeno evento. Mas, eu sai da minha casa com 84 anos, acho que sou a mais velha que estou aqui, tive três AVCs e por isso hoje estou andando puxando, né? Agarrada com minha filha, e naquele sem cabelo inteligente, o precioso esposo da minha loira. Desculpa tá, é que sou muito brincalhona! Eu não guardo o gato no saco porque ele mia.



Então. eu quero pedir a Deus que ele nos abençoe e que dê cada vez mais inteligência ao meus preciosos mestres que estão aqui. A Astrogilda é a presidente da Banda de Congo de São Benedito do Rosário, ela é a Rainha representante do estado e município do Espírito Santo, escolhido pelo Governador do Estado e ela hoje é uma representante, a vice presidente do Folclórico Espírito Santense. Mas, no nome, eu, como vice, digo que nem comunicação a gente não tem, eu acho que a Comissão Folclore Espírito Santense esqueceu da gente. Eu sou uma que estou lá dentro, sou uma que foi passada no cartório, queria que meu amigo presidente estivesse aqui, porque ele só precisa do componente na hora em que precisar ajuntar e fazer uma corrente para fortalecer o lado deles. Porque estou com minha banda de congo lá, e se eu, Astrogilda, e meus membros de lá não botasse o peito, nós não íamos fazer nada de congo.

Então eu disse: na minha festa sai! Com água, com pão ou sem pão, ela vai para rua! Bem que sei que saco vazio não se põe em pé. Não dependo! Isso aqui [a faixa da Rainha] colocamos como tradição, gostamos de sair bonitinhos, mas tem uma coisa: nós, rainha de banda de congo, mestre de banda de congo, tocador de banda de congo, casa de cultura, nada disso importa para nós. O que importa é a nossa fé, é a nossa força, é ser do congo capixaba e ter fé em São Benedito, porque isso aqui, a faixa de rainha, não vale nada. Os tocador, capitão podem sair de bermuda, com uma camiseta, mas ele é o que ele é, ninguém tira o que ele é: um mestre. E eu também quero dizer para vocês, nós temos aqui o meu menino, desculpe falar o meu menino, mas o meu menino, é o meu menino porque conhece desde pequeno. O meu menino Ricardo que frequentava o congo com o vô dele pequenininho. E foi embora, mas ficou a recordação de todos os congueiros e de toda comunidade que sabia que tinha um membro honrado, que era Reginaldo Sales. Toda reunião que tinha a dona Astrogilda e seu Reginaldo eram os cabeças. Era no palácio, Astrogilda e seu Reginaldo. Muita coisa, sim, valeu. Mas muita coisa.

Todos pedidos que foi feito em reunião está feito sempre, sabe por quê? Tá no arquivo, tá lá dentro do buraco com as baratas comendo. Não fomos apoiados nos pedidos que fizemos. Então, somos congueiro, estamos brincando e amostrando a tradição, o folclore espírito-santense, o folclore capixaba. Mas com o quê? Com nossas forças, com nosso carinho, com nossa fé, porque nem tudo estamos podendo esperar. Eles querem sim, querem reunir a gente para aprender, mas ajuda mesmo não aparece. Eu disse na minha casa não vou falar nada porque sou muito realista, eu não tenho medo de falar, eu não tenho medo de falar, eu tenho medo de apontar uma pessoa, mas de falar o que é verdade não tenho medo.

Então nós estamos lá em Vila do Riacho, quero que vocês entendam a minha fala. Nós temos a casa de cultura no município de Aracruz, temos casa de cultura em Vila do Riacho, que era nosso Mestre Antônio que dirigia. E o que aconte-

ceu? Depois da política que eu vou contar o milagre, mas não vou dizer o santo! Porque lavar roupa suja tem que lavar dentro do tanque da nossa casa e no momento não estou a fim de falar. Então foram lá professor Zé Maria Coutinho que Deus o tenha, que foi o único secretário, se saia amanhã na escrita, se saia amanhã no jornal pode dizer assim: vai lá na casa de Astrogilda, que Astrogilda fala, e foi verdade, eu disse. Ele, que derramava o sangue dele, mas trabalhava em cima dos direitos da comunidade. E o que fizeram? Ele morreu. A casa da cultura, foram lá, fizeram um plano para derrubar a casa da cultura. O Antônio tocou nesse assunto por alto, que eu estava ali e estava pegando. Hoje está o que? Sendo casa de que? Então hoje eu não vou falar porque, às vezes, a gente bate assim e corta, e bate na minha perna e na perna do meu vizinho. Inda tenho esse costume de falar. Então, é o seguinte, acabando disso, pegaram a casa de cultura. Nós não temos casa para chamar um visitante para comunicar conosco, para fazer uma palestra, nós não temos aonde receber um visitante. Nós vamos fazer a Festa de São Benedito, se chover e não tiver um teto, ou abrigo para nos amparar, nós vamos ficar na chuva. Estamos nessa situação, tá entendendo? E outra eu falei e falo: não me importo de nada, não me importo de estar vestida com isso aqui, ou de estar com a bermudinha que eu gosto, né? O que que tem isso? Uma bermudinha! Eu tô viva! Vocês acham que, porque eu tou coroa, vou me jogar no túmulo? Quando acordei cinco horas hoje, eu fui para debaixo do chuveiro tomar um banho, limpinho para não chegar aqui, limpinha. Então, olha o que vou dizer, não importa, a casa de cultura acabou, nós não temos, a casa de cultura acabou. Nós recebemos vestes da época de José Maria Coutinho que foi nosso secretario, e está com 5, 6 anos que ele morreu. Olha aqui, da época de Pedro Leal que era deputado estadual, Pedro Leal que deu isso lá de Linhares. Isso aqui não isso aqui é minha roupa particular porque não preciso que me deem.

Isso é uma vergonha, não é uma vergonha? Então não querem que eu falo? Eu falei e falo em qualquer reportagem

que chegar para mim. Nós, todos os congueiros dependemos da ajuda das autoridades, nós dependemos de apoio do nosso excelentíssimo Governador de Estado, do nosso secretário João Roberto. Mas nem todo momento precisamos nos lastimar nem se humilhar também não, fazemos das nossas forças.

E outra coisa que digo e continuarei dizendo: a casa de cultura acabou, a nossa roupa está desse jeito que tô falando, mas a cultura se acha viva, que somos nós aqui! Com uniforme, ou sem uniforme, ou com casa de cultura, ou sem casa de cultura, a nossa tradição e nosso congo capixaba não vai morrer, ele não vai morrer, porque São Benedito ele é poderoso. São Benedito é pai. E mais São Sebastião, ele teve o poder, amarraram ele no tronco e o tronco enverdeceu. Então como que nosso congo vai morrer? Vai morrer ou não vai? Vai ficar vivo! Vivo! E viva a São Benedito!

Eu quero que São Benedito abençoe com teu manto santo, com teu manto bendito, a todos os congueiros, a todos os mestres, que dê saúde, coragem. Como eu, Mestre Aroldo, meu Tagibe, meu menino Ricardo que está aqui, o meu filho Antônio que está aqui. Nosso amigo Fábio que foi nosso guerreiro, batalhador, que sempre chamou a gente para juntar, e nunca nós chegamos a acertar nossos objetivos. O que nós queremos. No que nós queremos sempre chega uma barata cascuda e morde a papelada que a gente faz. Desculpa, tá? Quem entendeu, entendeu, quem não entendeu...

Eu vou contar para vocês, nós temos muitos amigos, eu gostaria de reforçar uma pequena palavra que eu ouvi ali: a reunião está ótima, está ótima! tem nós quatro aqui, pessoas experientes. Ninguém nasce fazendo sinal da cruz, ninguém nasce sabendo. Eu tenho 84 anos e sou parteira velha, na hora que a criança nasceu, primeira coisa que a parteira de antigamente fazia: em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo e o Sinal da Cruz na testa da criança. Então, nós somos batizados desde quando nascemos, se nós passamos em outra religião, isso é o tempo que manda, o tempo manda tudo, ele só não manda na vontade do Senhor. Então, eu quero

que Deus abençoe todos os congueiros que estão brincando, porque ninguém nasce sã e morre sã. Porque do jeito que Astrogilda era, o Ricardo mesmo sabe, fui na casa dele, vi a vó dele, a mãe dele, Reginaldo, está entendendo? Era Astrogilda. Agora eu tive esses AVCs fiquei morta, mas vaso ruim não quebra não, menino! Vaso ruim não quebra não, as vezes eu falo assim: será que eu vou? Falei hoje mesmo, eu vou é nada, estou cansada, não vou mais em nada. Aí, minha filha chegou para mim e falou assim: oh mãe, você acordou cedo, tomou banho para ir, aí eu: ah eu tomei, já pensou morrer daqui 10 minutos? Pelo menos eu tô cheirosa. Agora vem esse menino inteligente, quando ele chegou lá em casa ele falou: “eu vou falar com...” aí eu: para quê? não, eu não tenho gato nessa casa, porque se você vai carregar um gato nessa casa e pular no homem ele vai miar. E ele vai miar e você vai passar vergonha. Aí depois: vem cá, que horas vai começar lá? Ele respondeu: 14h aí eu: 14h e você veio me buscar de manhã? aí falou: meu filho, não dói não? uma mulher com 80 anos, levantou da cama, e já tomou banho? aí eu fiquei quieta: vou tirar minha roupa agorinha! Vou colocar outra roupa! Aí ele ficou me olhando: não vem, a gente dá um jeitinho e vamos. Aí eu falei: infelizmente, Deus não te deu cabelo, mas te deu inteligência.

Mas então, meus filhos, eu quero agradecer a presença daqueles que compartilharam, daqueles que vieram até aqui e deixaram seus lares e quero agradecer também os professores daqui, a secretária que vi uma menina debatendo ali. E ela debateu uma coisa, mas no momento estamos num debate de congo, desculpe.

Nós não somos velhos, somos jovens, menino! Agora que sou jovem, você não está vendo que estou toda sacudida assim? Eu tô puxando a perna assim, mas é para um me segurar no braço senão eu caio, né? É sempre assim, alegre, contente, falando palavra. Eu acho que no dia que eu tiver de ir embora vou dizer assim: adeus São Benedito, eu já vou, por favor, me segura lá, eighn! Então, vou te contar que quero

agradecer vocês todos. A essa menina, que Deus abra cada vez mais sua mentalidade, sua mente e que você consiga fazer teu livro, que é seu objetivo fazer o livro né? Namorou a congada do Ricardo, começou na congada do Ricardo, e agora arrumou... Você viu? O tal faz com as coisas né? Já to começando a falar segredo. Conversou pelo zip zap hoje, nem sei o que falo. Deixa para lá. Que Deus te abençoe o que você vai fazer no seu pensamento, você não quer fazer só um livro da comunicação geral você quer fazer de cada pessoa um vídeo, um livro com cada pessoa contando os momentos, né? E se eu for contar todos os meus momentos para você, todo mundo falou “eu nasci do ventre da minha mãe” e Astrogilda também. Era congueira e nasceu no ventre da minha mãe, meu pai era Capitão e minha mãe era Rainha. Nós lá da Vila carregamos o mastro nas costas, e na Serra e nesse menino é num navio. No meu pai também era num navio. Nós saímos de lá umas quatro horas e quando chegamos com o mastro é seis horas, quase sete horas da noite. E é lá dentro do guguza, sabe o que é guguza? É no meio dos espinhos. Você coloca o mastro aqui escondido no mato aqui quando amanhece o dia que vai lá o espião olhar se ele tá ali, ele tá em outro lugar. Lá tem o roubo do mastro! É difícil saber. É difícil pegar.

Então, eu quero dizer para vocês, assim, que eu não vou ocupar o caso, se não fico até sete horas da noite. Mas eu quero deixar um abraço para vocês todos que estão aí, que Deus abençoe vocês e a família de vocês e um feliz Natal e um Ano Novo cheio de muita paz, saúde e felicidade para vocês, para os nossos congueiros que nos todos somos congueiros, não adianta eu ser rainha e ter o capitão e ter um mestre, e não ter os componentes. Nós sozinhos não fazemos nada, temos que ter os componentes junto. E vamos pedir a Deus pelos nossos familiares, que abençoe, que nós possamos passar um natal de paz, de luz, felicidade e tranquilidade para todos nós. E que Deus abençoe a família do Ricardo, aqueles que não acreditaram e aqueles que acreditaram, e aqueles que ainda por detrás dos panos debatem pela inteligência dele, que ele

vai ser, e já é, um grande capitão. Dependendo da ajuda e da bença desta pretinha que está aqui, você está abençoado no poder de Deus para todo sempre. E eu quero dizer para você mais uma coisa, eu não sei, não sei é pouco tempo para eu estar aqui no meio de vocês e o nosso amigo Fábio, Dion com seu grupo, que deus abençoe a família do meu grande amigo e companheiro Aroldo, que Deus te abençoe, porque sei que você também não está bem de saúde, tá fazendo da força a coragem, mas não perde a fé em São Benedito que está aqui, igual a eu também. Um feliz Natal para você e seus familiares Eu queria representar. É como eu disse: Eu queria ir representar lá na banda de congo de vocês, meu querido, mas eu não posso, mas o Antônio tá aí com a banda, a hora que ele quiser ir ele pode ir lá, e minha garota aqui, ela vai representar eu lá, eu não posso ir.

Então vai dar cinco horas, e vamos cantar. E antes de cantar eu gostaria que nós agradecêssemos ao meu amigo, a meu Pai, ao grande amigo e companheiro nosso que é o nosso Deus vivo.

São Benedito nos libertou ai, ai  
Ele era menino novo, ele era cozinheiro,  
Hoje dia ele é santo, ele é santo verdadeiro ai ai

*Rainha Diana Aparecida*

**Rainha da Banda de Congo  
Bandeira 1, de Timbuí,  
no Fundão**

Minha história é: comecei no Congo aos três anos de idade, por uma simples brincadeira, com uma lata de óleo, era Henrique, Careca, Dion, Aldevan e Fabricio com aquela emoção de já existir a Bandeira 1, por alguns documentos que foram encontrados de Seu Antenor de 1934, então já existia a Bandeira 1 em Timbuí desde dessa data.



Nós morávamos na roça com minha mãe e meu pai, e viemos morar em Timbuí onde reside a banda de Congo Bandeira 1. Ali começamos a brincar com finada Tia Eridia, onde ela fazia as vestes para nós com saco de estopo de café. Nós tirava a galha do café para nós fazer a nossa bandeira com sacola de arroz e a lata de óleo e lata de Mucilon. Começamos a brincadeira batendo e passeando pela rua de Timbuí como se fosse a Bandeira 1. Então, finado seu Tuzin e minha tia Dita, que agora tá num bom lugar, pegou e criou um projeto de fazer a Banda de Congo Mirim de Timbuí e foi aí que nós herdemos nosso legado, que já existia com nossos avós, que era Jacobe e Veronica da Vitória.

Começamos ali com três anos de idade brincando, eu falo que foi com três porque eles falam que foram, mas a gente não sabe a realidade. Porque quando eu entrei com três anos no mirim e fiquei até os doze anos no mirim, dos doze fui para Banda Bandeira 1 de Timbuí onde carrego o estandarte que era da minha avó, Veronica da Vitória, que foi passada da minha tia Dita para mim quando ela estava doente. Quando ela estava na sala do hospital, então ali ela falou: “eu tou partindo, mas você vai levar o legado da nossa tradição, no san-

gue e no peito. Não deixe nunca acabar a coisa mais linda que nós temos na nossa família. Tanto pra poder, você vê Diana, você e Dion são a parte mais linda que tem na cultura entre o nosso município. Eu estou partindo, mas o meu legado quero que vocês carreguem junto com meu mirim.”

Então nós demos continuidade a banda mirim que é a coisa mais importante, mais linda! Não tem dinheiro no mundo que paga o que nós temos dentro de nós pela nossa fé, pela nossa emoção quando estamos ali naquele evento. Não estamos ali para poder se exhibir, nós estamos ali para mostrar o que temos de bonito, e o que temos na nossa fé. Que a nossa fé move montanhas, e quando ela remove montanhas nós se agarra. Nunca deixa desabar uns aos outros, sempre tamos ali ligados uns aos outros. E isso é o que torna emocionante, porque a cada dia que passa a gente vai aprendendo mais, se valorizando mais, admirando mais saber que outras pessoas reconhecem o que a gente tem. Sabem que aquilo ali é uma fé emocionante que leva qualquer pessoa em qualquer altura, no podium. Não tem coisa mais emocionante que você tá ali homenageando São Benedito e tá ali naquela fé, na chuva, se faça sol, se está com sede, mas ali você está no entusiasmo, na sua emoção, ali é o seu espaço, ali não pertence ninguém, pertence a nós que estamos ali levando a nossa fé e nossa tradição no sangue.

Então aí, como se diz, sai da banda mirim com doze anos e fui para Bandeira 1 com doze anos e estou até hoje, vou fazer 38 anos dia doze de outubro. Então, o que acontece, sai por certos tipos de amizades aos meus 16 anos, da Bandeira 1, me afastei porque minhas próprias amigas falavam que não iam mais andar comigo porque eu usava as vestes que uso hoje, com muito orgulho, de bater no peito e falar “eu sou a rainha da Bandeira 1” e eu que carrego o legado da minha família, eu carrego a emoção deles dentro de mim aonde eu estiver. Então eu sai.

Mas só que São Benedito me deu uma prova maior para eu conseguir ver onde estava perdendo minha fé, com minhas

amizades. Aos dezoito anos engravidei e fui ter meu filho Carlos Eduardo, fiquei cinco dias internada. Chegou, no leito do hospital, e a doutora chegou e falou que meu filho estava morto dentro de mim e ali eu proclamei meu São Benedito, que ele me desse meu filho com vida e saúde, que eu ia homenagear ele nem que seja descalço e com fome e com sede! Que ninguém ia tirar o que eu mais sabia fazer de especial dentro de mim que era levar a fé dele aonde que tivesse que levar. Então, hoje eu estou no congo Bandeira 1 e carrego esse legado com muita emoção, muita fé, quando eu estou ali ninguém fala que sou eu, mas sou eu sim! Com minha fé e saber o que São Benedito me deu que foi meu filho. E Carlos Eduardo já está com 20 anos, já sou avó (risos) e quem diria que aquela médica se enganou! Se enganou, sim! Porque minha fé moveu montanhas, e ele está aí como prova viva para todo mundo ver aonde eu fui buscar minha fé, aonde tenho que levar minha tradição e contar quantas vezes quiser para quem quiser ouvir qual é o meu legado na Bandeira 1: é ser Rainha, vice-presidente e carregar emoção para qualquer um ver e ficar apaixonado e admirado pela nossa tradição. Que é uma coisa muito especial e que a gente nunca pode deixar acabar. Nós vamos deixar nosso legado.

*Mãe Paula D' Oyá Igbalé, Paula Firmino*

**Banda de Congo São Benedito e  
São Sebastião do Fundão**

Boa tarde a todos e a todas! Tô com muita satisfação de estar aqui com vocês nesta palestra, nesta universidade, na UFES, e contar um pouquinho da minha história, que é sofrida.



Eu nasci na roça, Meu pai, Hermínio Meireles e minha mãe Laura Firmino Meireles. Eu nasci em Jacaraípe, com onze irmãos meus lá, e voltei para lá com nove anos de idade para o Fundão. E lá onde é chamado Passo Fundão por causa de um túnel. E com 11 anos fui morar na casa de uma senhora chamada Carminha Miguel, todos conhece como Dona Leopoldes, a saudosa e muito antiga Rainha do Fundão, da Banda de Congo São Sebastião e São Benedito do Fundão. E ela tinha uma bebezinha que ela acolheu, e pediu pra mim ajudar ela. Ajudar ela com as tarefas, limpar os quintais e eu tinha onze anos de idade, e lá eu fiquei.

Eu fiquei, ela me acolheu, sempre me respeitava. Ela sabia minha essência trans com 11 anos de idade, né? Com 11 anos eu tive minha primeira experiência no Candomblé. E ela me reeducou, me ensinou a vida, e daí eu recebi a essência do congo com quatorze anos.

E comecei a minha trajetória aos 14 anos. Sempre junto com ela, né? Eu entrei no congo. Foi indo, foi indo... e ela me preparou para receber a bandeira. E quando ela chegou à idade, bem idosa mesmo, ela já não conseguia mais acompanhar o congo. Eu tava com 28 anos de idade, e ela passou a bandeira dela pra mim, e estou até hoje, com 46 anos. Aí, juntou maravilhadamente, sempre amando, sempre respeitando, a

congada em si, e é isso. Hoje eu sou a vice-presidente do ABC Fundão, graças a Deus estamos aí caminhando com muita luta, muito empenho e estou muito feliz.

E para completar, a irmã mais velha de coração é Jandira, rainha de congo também em Jacaraípe, minha irmã, filha mais velha da minha mãe de criação. Aí, juntou maravilhadamente, sempre amando, sempre respeitando, a congada em si, e é isso. Como se diz, eu não nasci no berço do congo, mas, o congo me abraçou, me assumiu, me acolheu, né?

Através da minha mãe Leopoldina, muita fé, muita investigação, orações, onde eu toda vez, os Orixás também, eu ia nos hospital, fazia as reuniões... aí comecei a despertar meu lado espiritual com Deus, os Orixás e os Santos.

E sempre levantei a bandeira do congo e do candomblé. Sempre, sempre, sempre. tenho na cidade, as coisas dos Orixás, na minha casa de candomblé Axé Oya Odalé.

É muita satisfação, venci barreiras, preconceitos, pela minha história... eu tenho palato leporino, minha deficiência, e sou mulher trans na congada... e muito feliz de estar, de respeitar a essência, a adoração à Deus e muita fé aos Orixás e aos Santos, especialmente ao São Sebastião e São Benedito. E, graças à Deus, todos aí muito felizes!

A fé é minha essência, né? Minha essência, meu fôlego, porque quando a gente tá ali no congo e sente a essência – igual quando eu estou na congada eu não vejo a multidão em volta, eu vejo, ali, Deus e os Santos, nessa raiz bonita, nesta congada.

O respeito que todos impelem. Que todo ser humano impele que nossa raiz do congo e nossa raiz de além-mar. Os negros, os índios, que é muito bonito o nosso Espírito Santo, e passa para as gerações o respeito, a sabedoria e a fé em si. Lá em Linhares, Regência. Uma vez, vieram me perguntar: “É verdade Mãe Paula que São Sebastião é o santo protetor dos gays?” Eu não acho. Não que ele seja o protetor dos gays, ele é protetor de todos, de toda a nação, mas, a tolerância sempre está conosco, nos abraçando todas as etnias.

Hoje eu sou a vice presidente da minha banda graças a Deus estamos aí, muita luta, muitas. Mas tou muito feliz! E a Dra. Elisa sempre com nós nas congadas, nas rodas de congo e a professora Marlene também. Muito contente de estar com vocês hoje. Muito obrigada e que Deus e os Orixás e os Santos abençoem a todos nós!

Eu desejo que a paz de nosso Pai Oxalá, que é Jesus, esteja com todos. E que tenha fé e leve no coração, leve essa fé, essa raiz bonita, essa essência para todas as nossas crianças que estão chegando aí na nova geração, para continuarmos, para não se perder a nossa essência da cultura do congo do Espírito Santo.

*Rainha Rosa Maria Galdino*

**Banda do Congo de São  
Benedito do Rosário,  
Vila do Riacho**

Boa tarde a todos! Quero agradecer por este convite para participar aqui com todos. Venho em nome da minha Mãe Astrogilda representar, por ela estar não muito bem de saúde, mas, eu vou representar ela. E vou tentar responder o que vocês me perguntarem. Não tenho muita experiência ainda na banda, tenho pouco tempo em banda de congo, mas o que tiver em meu alcance eu vou responder, se puder.



Eu nasci na Vila do Riacho, meu pai era mestre de congo, Capitão Alcineu Galdino, que foi mestre da Banda da Vila do Riacho antes do Mestre Antônio assumir. Mas depois, ainda criança, eu saí da Vila e cresci longe do congo. Quando eu visitava a Vila do Riacho, quando eu ainda não morava lá, como eu disse, eu tinha como participar com meu esposo e meu filho. Eu não era uma participante assídua da banda de congo. Só depois que eu fiquei viúva é que voltei para lá, isso foi em 2008. Então, tem poucos tempos que eu moro lá na Vila do Riacho. Aí eu passei a gostar mais do congo, participar... a mãe convidava, eu ia e tal. Com o andar do tempo ela ficou assim meio doentinha, e está doentinha ainda. Aí ela falou que ia me nomear como rainha representante dela, o que pra mim é uma honra estar representando ela aqui.

Não tenho a experiência que ela tem, para estar falando aqui, mas, o congo pra mim foi, tipo assim, eu tive a perda do meu marido, o congo pra mim foi, vamos supor, foi motivo para estar assim, não tá me entrando na depressão da perda do meu esposo. E o congo foi uma autoestima que eu tive,

pra mim tá ali no meio do congo se divertindo, já era um outro pensamento na minha cabeça. Porque com a perda dele e tal, eu senti muito a perda dele, então quer dizer, eu tenho que sair, me divertir, fazer alguma coisa. E me peguei na banda de congo e estou aqui até hoje, representando, faço o possível para mim representar minha Mãe, mas é isso. Foi um meio que encontrei para não cair na depressão profunda, né? Porque o congo é uma dança, é um estilo de dança que a pessoa aprende ali, é o canto, a música, é tudo que a gente aprende ali dentro do congo. Pra mim foi muito válido estar dentro do congo. Meu pai era congueiro, meu pai era capitão do congo. Ele junto com o Antônio ali. Eu sou filha de congueiro, mas eu não era do congo, né? Agora que eu estou atuando, né?

A fé que eu tenho é que, já que esses mestres já estão um pouco cansados, desde que eles nomeiem alguém, tipo como me nomeou, eu vou ter que garrar com força, vou ter que mostrar pro povo o que é a banda de congo.

A banda de congo não é aquela coisa que eles fazem, né? Ah, tipo, é de macumba, é disso, daquilo, não é isso. A banda de congo traz união entre as pessoas, pra se unir, vamos formar uma dança, uma música. Então, tipo assim, os políticos estão aí, tão vindo agora, domingo já é eleição, a banda de congo é convidada para apresentar, mas vai apresentar como? se não disponibilizam carro para as pessoas estarem indo?!

Vou tirar por nós. Nós fomos convidados para fazer uma apresentação na Praia dos Padres, isso aconteceu porque nós participamos de uma reunião, e ele se prontificou a oferecer o transporte para a gente se apresentar pra ele. Porque se a gente depender da Prefeitura, da Secretaria de Cultura, a gente não faz apresentação nenhuma. Porque eles nunca têm carro disponível pro povo do congo participar. Então, isso quer dizer, é a falta de união, de interesse. Já que nós somos nomeados, a gente tem que lutar, e ir junto. É isso que a gente quer? Então, mesmo que não tenha um grupo grande, mas se tem dois, três quatro, cinco, vamos com cinco, com

quatro pessoas se tiver. Mas sempre tem que estar ali lutando, querendo algo mais. Porque se a gente parar no tempo, não vai pra frente, o negócio só vem pra traz. Então, assim, já que nós fomos nomeados, nós tem que garrar e ir pra frente mesmo, porque o pouco que a gente tem, tem potência pra chegar mais longe.

Nós lá na Vila do Riacho, nós não temos casa de cultura. E quando a gente se reúne, a gente se reúne lá no quintal da Mãe Astrogilda. A gente se reúne lá com os meninos, mas quase não tem ensaio, porque lá quase não precisa de ensaio. Ensaia na hora que a banda vai sair, dá uma ensaiada, ensaia naquela hora ali e com todo mundo ali. Não tem um local adequado para você estar ensaiando com os meninos do congo, não tem. A gente se reúne no quintal, na hora que vai sair é chamado, quando chama todo mundo e faz aquele ensaio rápido e vamos pra frente.

A nossa banda de congo é uma mistura. Tem índio, tem africano, tem branco, então, é uma mistura de raças. E tem muito jovem, quase todo mundo é família. E a gente ensina o congo para as crianças desde pequenininho. Aí quando elas vão crescendo, às vezes fica difícil ensinar a tradição. E já é um pouco complicado falar com as meninas, porque já são tudo adolescentes e não querem fazer a tradição igual. Então já não querem botar uma saia, uma blusa, mas, já pegam uma casaca, pegam um tambor. No dia de apresentar, por exemplo, não querem botar a saia. “Então veste a camisa do congo, toca seu instrumento, mesmo que você não queira vestir uma saia.” Porque é difícil para uma adolescente, é difícil.

E sobre as crianças, né? Eu tenho um sobrinho que ele participa do congo desde os dois anos de idade. E aonde eu vou ele pergunta: “Tia hoje você vai?” Quando eu falo que não vou ele fica triste. Aí ele fica me rondando. “Tia, vamos?! Vamos?!” Então, quer dizer, a criança pega o gosto pelo congo desde cedo. Isso quando a família também tem um pouco de interesse, tá levando para o congo para participar, né? Mas ele, desde os dois anos participa do congo. Ele fez uma gra-

Rainha Rosa Maria Galdino

vação, ele gravou tocando a casaca, e ele tem 10 anos. Ela conhece. Ele é casaqueiro de congo. Só tem ele na banda de congo que é casaqueiro, só ele.

Eu agradeço o convite. Obrigada!

*Rainha Rogéria Maria Laghassi*

**Banda de Congo Bandeira 1,  
de Timbuí, no Fundão**

Meu nome é Rogéria Maria Laghassi. Eu estou no congo desde a época que minha mãe faleceu. Antes eu não ficava no congo, não, eu saía. Aí, ela brigava comigo. Eu saía pra ir pros forró, aí ela brigava comigo. Ela: “É, para os forrós você vai, mas para o congo você não vai, né?”. Aí eu falava assim: “Ah, mãe, pro congo eu não quero ir, não.” E ela: “Eu quero ver quando eu morrer se você não vai ficar no meu lugar.”. Aquilo me machucou muito, entendeu? Aí quando ela faleceu, aí o Dion, meu filho, falou: “É mãe, a senhora vai ter que ficar no lugar da vovó. Porque a vovó se foi e agora só ficou nós.” Aí, eu pensei, pensei: “Tá, Dion, eu fico. Não tem problema.” Aí eu fiquei dando continuidade.



Aí, quando o congo vai sair eu já fico desesperada pra poder no outro dia já sair. Eu já arrumo num dia a minha roupa antes pra mim sair. Eu já arrumo tudo. Quando eles falam que vão sair, eu tenho que sair. E quando os meninos vão cantar eu quero ajudar na frente os meninos. Eu me sinto à vontade na frente, ajudando, cantando, tudo. Eu gosto de ajudar os meninos. Se eu tô ali é para ajudar os meninos. Entendeu?

Aí foi que minha irmã Dita, Rainha da Banda de Congo Bandeira 1, adoeceu e eu fui ficar no hospital com ela, lá em Aracruz. Eu fiquei lá. Ficava uma noite, a esposa de Dion ficava outra. Aí teve um dia que ela falou assim: “Irmã você podia trazer as crianças do congo pra mim?” Aí eu falei assim: “Pra quê, Di?”, “É porque é a última vez que eu vou ver eles.” Aí, eu fiz a vontade dela. Eu peguei, arrumei uma Kombi, botei

as crianças tudinho lá em Aracruz. Aí, quando chegou lá ela despediu das crianças todinha, as crianças, levei as crianças, os meninos. Aí ela pegou, chamou o meu neto Eduardo e falou: “Olha, Eduardo, agora a sua tia se vai, meu filho. Você vai tomar conta das crianças pra mim. Você não vai deixar as crianças sozinhas.”. Ele sabe bem disso, a minha tia falou com ele lá no hospital. Aí, eu peguei e falei: “Não Di, você não vai morrer não, minha filha, você não vai morrer, não”. “Eu vou, minha irmã, eu tô vendo que eu não tô aguentando mais. “. Eu levei as crianças, quando foi no outro dia ela morreu. Aí, eu peguei e fiquei tomando conta do congueirinho pra ela, que ela me pediu. Eu e meu neto, o filho da Diana. Entendeu?

É por isso que eu sigo essa trajetória minha, por conta da minha mãe, do meu pai, do meu irmão que era capitão, entendeu? Mas, eu não vivia no congo, não. Eu vinha no congo quando a D. Eli falava assim, toda vez, eu não esqueço, D. Eli falava assim: “Ó, Rogéria, hoje é dia da fincada do mastro, né? Hoje você vai, né? Se você não for, eu não vou, não.”, “Não, D. Eli, pode deixar que eu vou com a senhora.”, “Hoje eu não vou fazer nada. Vou esperar você chegar, pra mim poder, pra nós ir pra Fincada do Mastro.”. Aí eu pegava e ia. Mas, eu nunca perdia uma festa, nunca perdi, não. Eu não troco São Benedito por dinheiro nenhum, por dinheiro nenhum na minha vida. Eu gosto de louvar São Benedito e São Sebastião, que me traz em pé na minha vida. Porque sem eles eu não sou nada. Quando chega o final do ano eu boto minha roupa, não quero dinheiro nenhum. Não quero nada, uma água só que eu bebo. Pode tá chuva ou sol, eu tô ali seguindo a minha trajetória até a hora que Deus me levar.

Eu nasci ali. Sou nascida e criada ali em Timbuí. Esse congo passou na mão do Seu Antônio Freitas. Já veio seguindo lá de Seu Antônio. Aí, Seu Antônio foi, e quem deu continuidade foi meu pai, entendeu? Aí, meu pai faleceu e meu irmão tomou conta. Aí meu irmão tomava conta. Aí, meu irmão morreu e agora quem toma conta é outro parente nosso que toma conta, entendeu? Mas já veio do Seu Antônio Freitas. Ele

que veio trazendo o congo. E o registro que tem, de 1938, é do Seu Antônio Freitas.

A minha obrigação no congo é que eu tenho que tomar conta de menino, é tudo criança pequena da Banda Mirim. É tudo criança de três anos. Ter responsabilidade de tomar conta, que as mães não ajuda a tomar conta. Então, tem os meninos que me ajuda a tomar conta, entendeu? E é assim. Aí tem os congueiros e as rainhas. E é essa a obrigação. Se ela me deu essa obrigação, eu tenho que levar até o fim da minha vida. Depois que eu morrer outro toma conta. Quando Deus levar eu, Dion e a Diana toma conta. Mas eu tenho que levar até o fim os meninos.

Os meninos lá tem o Dion que ensina eles na questão do congo. E tem a Diana, que ensina as rainhas. Diana ensina as meninas dançar, olha as rainhas, entendeu? E o Dion ensina os meninos a ensaiar o congo tudo direitinho. Porque eu tenho uma netinha que não gosta de se vestir de rainha, ela gosta de bater o congo. Aí quando ela vai bater o congo, ela vai na casaca. Só que ela tem cinco aninhos. Ela não gosta de vestir de rainha, ela gosta de bater o congo. Aí o Dion leva eles pra casa de Fátima, aí ensina eles lá. Até sábado levaram os meninos tudo pra lá pra tá começando tudo a ensaiar as crianças pequenas. Mas agora as meninas é a Diana que ensina elas a dançar. Tem menino pequeno, a Diana vai e ensina os meninos. É isso. Muito obrigado.

# Congueiros e Lideranças do Congo

*Beatriz Rego*

*Sirleia Almeida*

*Dion Kenedes Pereira*

*Lúcia de Fátima Barbosa*

*Mestre Domingos Teixeira Marques*

*Beatriz Rego*

**Banda de Congo Mestre Honório,  
de Barra do Jucu, em Vila Velha**

Bom dia a todos, eu me chamo Beatriz do Santos Rego, filha de Mestre Daniel do Santos, da Barra do Jucu. Eu vou começar a minha experiência, contando pra vocês a minha experiência: Eu sou casada e tenho dois filhos, e antes de eu me casar eu não me interessava por congo. Na realidade, eu via a manifestação, e participava de longe, só vendo, porque antigamente a gente tinha uma visão assim, muito diferente de hoje. Eu via muito que o congo era ligado só a brincadeira, a uma certa brincadeira organizada quero dizer. Mas que tinha muita bebida, muita bebida na hora das apresentações. E isso, eu não me via naquele grupo, mesmo sendo filha de mestre e neta de mestre, eu não me via.



Quando eu tinha 18 anos eu comecei a me interessar, hoje eu tenho 51 anos, e tenho 32 anos de banda de congo. Então eu comecei a me interessar, porque eu via aquelas pessoas que estavam ali brincando, já eram pessoas idosas. E eu não sei como é a experiência de vocês nas outras bandas de congo, mas lá na Barra era assim: As mulheres e as crianças não podiam participar da banda de congo devido a essa relação que tinha com bebida, então, a gente era vetada de participar das festa das bandas de congo. Então, quando eu me vi com 18 anos, eu vi que as pessoas estavam todas idosas, e que um dia elas iriam morrer e como que iria ficar a nossa história.

Conheci o Mestre Honório, uma pessoa, assim, fantástica, com um conhecimento de uma sabedoria incrível. Ele

morreu, ele tinha 79 anos, já tem 25 anos dele falecido. Então a minha convivência com ele em banda de congo não foi nada menos que 7, 8 anos somente. Foi muito pouco a minha convivência com mestre Honório em si, mas da experiência toda que eu adquiri com a banda, foi muito grande. Então eu comecei a participar, eu e minhas irmãs, que era tudo jovem, então começamos a participar para desenvolver esse trabalho de não deixar acabar. E é isso que me move, até hoje eu participo das festas, eu participo da organização, na minha banda de congo, eu não tenho esse título de mestra, que mestre é o meu pai, Daniel. Na Banda de Congo o meu cargo é como presidente da Banda de Congo, meu pai é mestre, meu marido é vice-presidente e a minha mãe é administradora, coordenadora. Então quando as pessoas falam que eu sou mestra, pra mim é um orgulho imenso! Primeiro: por ser mulher... e tá nesse cargo. E depois, porque é uma experiência assim, incrível! Incrível! Bom, eu já falei eu tenho dois filhos, meus dois filhos participam da festa de congo, meu filho tava na barriga e eu tava brincando, meu filho hoje tem 23 anos e minha filha tem 20. Os dois participam da Banda de Congo também, porque também têm essa vontade de continuar a história. Um dia meu pai vai morrer, minha mãe, meu pai tem 80 anos hoje, minha mãe tem 77, então um dia eles se vão e a gente tem que continuar a história.

Bom gente, e a Elisa falou uma coisa engraçada, que ela falou assim, eu sou tímida, eu sou tímida assim extremamente tímida, nem sei como estou fazendo aqui falando, porque sou tímida demais, mas quando eu me vou e eu vou me encontrar com os meus na banda de congo, a transformação acontece. É como se alguma coisa, alguma energia toma conta da gente, então eu me transformo. Elisa não é a primeira pessoa que fala isso, com as pessoas lá da Barra também falam: “nossa Beatriz, no seu dia a dia, você é uma pessoa assim, tranquila” e quando você está em uma roda de congo e eu pego no meu instrumento e vou reger aquilo tudo! Eu não quero ser os centros das atrações, porque eu estou

ali no meio, eu não quero ser aquele centro. Mas, de qualquer forma, eu me transformo e eu me transformo pro bem, então as pessoas falam assim: “Você transmite uma energia muito boa, uma energia muito positiva.” Eu falei, graças a Deus que eu transmito isso.

E a minha fé em São Benedito é enorme! É muito grande! Desculpa, tá, gente? É, eu acho que, é isso que move a gente. É essa emoção, é esse transparecer que a gente sente. Quantas e quantas vezes em uma roda de congo, eu começo a chorar do nada, e ninguém entende nada? Mas as pessoas que estão ligadas a gente e sabem dessa energia e dessa força, sabe o que a gente está sentindo na hora. Então pra mim, eu não sinto vergonha disso aqui, não sinto. Porque as pessoas falam assim: “Beatriz, você é uma menina jovem, bonita, o que você tá fazendo nisso? O que você tá metida em uma coisa de preto? De sujo? De velho? O que você tá fazendo aí?”. Eu falei: “É o meu lugar. Eu fui escolhida para estar aqui.” E quando eu assumi esse papel que eu tenho, de reger uma banda de congo, foi por muitas outras coisas que vieram atrás, que as pessoas queriam realmente acabar com as Bandas de Congo da Barra. E o nosso mestre, ele não... ele achava que talvez, que ele não iria morrer nunca, e ele não chegou a me ensinar na prática. O que eu faço hoje, é porque ele me fala o que eu tenho que fazer, ele me transmite isso e quando eu estou em uma roda de congo, eu sinto que ele está ali e que ele está me ajudando naquele momento.

Quando eu assumi a caixa, o instrumento que ele tocava, porque nas outras bandas de congo não existe esse instrumento caixa, o que rege é um outro instrumento. Na Barra do Jucu é a caixa que dá o toque e que comanda e é o que ele fazia. No primeiro dia em que eu assumi isso, eu simplesmente fui com a cara e a coragem e eu senti, eu entrei na roda e falei assim: “meu Deus, meu São Benedito, me ajuda pelo amor de Deus! Que eu não sei nem como que eu vou pegar nessas baquetas!” e eu falei assim “Honório...” tinha um ano que ele tinha falecido, aliás ia fazer um ano que ele faleceu,

dia 26 de abril, e a nossa primeira congada sem ele foi no réveillon em dezembro.

Eu falei: “seu Honório de onde o senhor estiver o senhor vem aqui, me ajudar. Eu vou sentir a tua presença, o senhor vai me ajudar.” E peguei a caixa e comecei a tocar, sem saber nada, eu nunca tinha pegado nada, que eu tocava tambor, eu tocava casaca, mas caixa nunca. E eu vou falar uma coisa pra vocês, eu tenho certeza, que foi ele que tocou pra mim naquela noite. E, a partir dali, eu comecei a assumir e fui embora. E hoje já tenho, o que, quase... depois que ele faleceu tem 25... tem mais ou menos 22 a 23 anos que eu comando a Banda de Congo.

E as pessoas falam assim: “Beatriz você é a única que faz isso”. Eu sei que as mulheres têm um papel muito importante nas Bandas de Congo, e seu Honório sempre falava assim “as mulheres” ... Tinha um verso que ele sempre falava e que eu canto muito, que ele falava assim, é “a congada tá bonita” ...é... é que eu uso em outra fala, que ele falava assim “a congada é bonita, como uma congada não tem. As mulheres no tambor fazem bonito também.” Então, não importa o instrumento que você tá tocando, o importante é você estar presente participando da sua história, da sua cultura. Porque ele falava assim muito: “uma comunidade, um lugar sem memória, não existe. A pessoa tem que contar a sua história.” Na Barra do Jucu eu preso isso, a gente continua contando a história do Mestre Honório, e com isso a gente vai contando a nossa história, que é a história do meu pai, da minha mãe. A minha mãe era filha de congueiro de Cariacica, e quando casou com meu pai com seus 22 anos, papai já tinha banda de congo lá e se juntou. Então quer dizer, a gente tem o congo no sangue na veia. A gente sente esse prazer muito grande de participar das festas de São Benedito, e muitas outras coisas, me atendeu em vários pedidos, da minha família, é uma fé que nos move. Que vai muito da fé da gente, então ele nos move. Bom, essa é minha experiência que eu tenho na Banda de Congo, espero um dia... eu já estou assim, ensaiando, trei-

nando a minha filha, pra ela pegar essa, ela continuar nessa cultura. Hoje ela ta com 20 anos. Ela é muito mais envergonhada do que eu.

No ano passado, como vocês sabem, na Barra do Jucu temos três bandas de congo e lá era uma banda de congo só, que era a banda de congo do Mestre Honório. Não tinha nome de Mestre Honório, era “Banda de Congo da Barra do Jucu” era uma só. E devido a confusão daqui e dali as pessoas se afastaram e formaram essas duas outras bandas. E a gente continuou, com a banda de congo, só colocou “Mestre Honório” pra fazer uma homenagem e prestar essa homenagem sempre, pra onde quer que ele esteja. E o sonho dele, e esse é um sonho que eu vou realizar gente, eu tenho certeza, eu tenho fé em São Benedito, que antes de eu morrer eu vou realizar esse sonho, de fazer uma banda de congo feminina, só mulheres, não importa a religião, não importa a cor. E a gente já está com um projeto e a gente vai fazer isso. E a minha filha, ela falou: “mãe, eu quero participar disso.” “E é claro que você vai participar, você é a minha inspiração, porque antes de você nascer, eu já conversava sobre isso e você vai participar sim!” Então, quem sabe, daqui uns anos a gente não apresente pra vocês uma banda de congo feminina! Se Deus quiser a gente vai realizar esse sonho! Se Deus quiser a gente vai realizar esse sonho de ter representantes! Mas, sim, a gente vai começar, a gente já está começando na Barra um projeto, de começar a ensinar. Tem pessoas muito crua na cultura, não sabe nada, não sabe nem como é que bate. A gente vai tentar, vai fazer, e candidatos, a gente vai abrir inscrição pra todo mundo, a gente vai fazer essa banda de congo. Também, não vai ter idade não, é de oito a oitenta e poucos. Você já passou dos oitenta, não né? Então você vai chegar lá, porque daqui uns anos, quem sabe... gente. Ó, depois, eu quero falar uma coisinha muito importante, eu agradeço demais a você Elisa, por ter, tá me dando essa oportunidade. Eu sei que a história do congo é muito grande, se a gente for ficar falando vai dias e dias e a gente não para. A gente vai

lembrando de histórias que acontecem com a gente, mas eu gostaria só de falar uma coisa que eu estava conversando, aqui com o Dion. Nesses encontros, a gente acaba conhecendo um pouquinho da realidade de cada um, e no final acontece a mesma coisa em todo lugar, é o maior sacrifício pra gente fazer a nossa festa é uma dificuldade muito grande. A gente não tem apoio de nada! A não ser da boa vontade de voluntário é boa vontade que nos move. Ele tem os problemas de lá como eu também tenho muitos. Que eu organizo tudo praticamente sozinha, a minha festa, e eu vou falar uma coisa, e não fica a desejar não. Quem já participou lá, sabe muito bem é uma coisa assim, não dá pra gente controlar o público que vai, mas as pessoas que vão participar conosco saem de lá muito satisfeitos, gostam muito. Tem umas desavenças uma coisa ou outra que acontecem, mas fora disso, eu acho que a dificuldade vai continuar. Pra todos. É muito difícil, mas é uma coisa que eu carrego comigo, eu sou insistente, sou persistente, eu não desisto! Eu não desisto de nada! Bom, muito obrigada vocês.

*Sirleia Almeida*

**Banda de Congo Mestre Tagibe,  
de Roda D'Água, em Cariacica**



Bom dia a todos e todas aqui presentes, eu quero externar minha gratidão pelo convite, por estar presente aqui hoje é de grande carinho que eu recebi esse convite, pra tá vindo falar um pouco do meu trabalho, falar um pouco da minha aproximação com o congo, eu vou até antes, de antemão explicar de onde se deu a minha aproximação com o congo, eu fui casada com o bisneto do Manuel Gabiroba que é o fundador do congo de Roda D'Água junto com outros fundadores e sobrinha do mestre Tagibe, sou dançarina e... como já venho a alguns anos nessa trajetória, fazendo parte da cultura representando o congo, surgiu a oportunidade de caminhar para educação. E aí veio o grande desejo de fazer algo pela cultura do nosso município e do estado, porque a gente não pode esquecer que a gente representa o município, mas principalmente todo estado.

Somos um grupo de bandas representando o estado, pra manter a tradição, manter essa raiz desse trabalho, e a medida em que fui estudando e fui fazendo os movimentos do congo, junto com o Tagibe, junto com seu filho Cemir, e com a criação da banda mirim, que o Cemir, filho dele, que já é mestre também, tem a banda mirim. Eu vi uma grande necessidade de fazer uso dessa educação que a gente muito usa informal, com as crianças, para a parte formal, falar dessa transposição do que é a contribuição pra educação formal. Porque, como ontem também a gente ouviu, a gente tem uma grande parte de alunos em escolas, que são netos, filhos, sobrinhos de congueiro, e não se fala da cultura na escola.

Algumas escolas não. Temos a Lei nº11645 pra ser trabalhado, mas muitas escolas ainda não estão abertas a deixar o aluno apresentar a cultura da sua origem. E por isso que eu até pensei vir com o tema do meu TCC em Pedagogia “A cultura tradicional no congo e suas contribuições pra a educação infantil”, e ouvindo todos, falando ontem e hoje sobre isso, a gente vê várias pontas aonde vem essa contribuição. Por que? O congo trata da disciplina. Como nosso amigo aqui de Timbuí, da Bandeira 1, acabou de falar. A disciplina, ele mesmo falando sobre a sua própria disciplina como era imposta pra ele através do mestre, por que não? Se na escola também, a gente trabalha essa disciplina e várias outras, porque nós tivemos aqui ontem professores de história. Então a gente pode ser trabalhado tanto história, artes. E eu falo educação infantil porque ela é a base, a educação infantil é onde a criança trabalha a reprodução daquilo que ela aprende, e se ela trabalha, e vai mostrar a produção daquilo que ela reproduzir o que ela aprende. O que ela aprende em casa, a criança congueira? Ela aprende já reconhecer a cultura, e se reconhecer dentro da cultura e reconhecer que ela necessita de respeitar as diferenças e é isso que a Lei nº 11645 vem falar também do respeito da nossa diversidade, porque nós vivemos em um país que é laico, nós não podemos trabalhar uma só religiosidade na escola, mas a gente tem que trabalhar o respeito entre elas, e desde a educação infantil. O certo por que? Porque é a base, a criança que aprende a educação informal, ela já vem desde pequenininha no congo. Nós temos crianças pequenas, temos aí famílias com bebês, nós temos inclusive o Mestre Tagibe que tem crianças que ainda estão de colo né, o Mestre Cemir tem um filho que já está cantando laiá. Ele começa já a cantar a musiquinha do laiá vai a Penha, e é bem pequeno, tá praticamente começando agora a caminhar. É uma criança que vai reproduzir aquilo que ela já está aprendendo.

E na escola o nosso diagnóstico é esse, a gente trabalha a partir do olhar do que a criança já conhece ao seu redor, é assim que a gente através do currículo e digo mais, dentro

das leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O congo pode ser, sim, uma cultura usada dentro da escola, como citei ontem, na minha fala de ontem. Não necessariamente a gente vai falar de religião, mas a gente vai tratar o que sobre as religiões: o respeito, porque é a base, porque essa criança que a gente vai trabalhar agora, ela é a representação da juventude de amanhã. E por que não usar hoje a mídia tanto a nosso favor também, pra colocar isso nas escolas. Inclusive, a minha pesquisa é embasada nas falas de Foucault que fala muito de poder, conceito de poder, e o que é o poder pra nós do congo? O poder pra nós do congo pra passar pra criança é o poder de apropriação, apropriação de que? Apropriação do valor ético, valor moral. E o que a gente trabalha dentro da escola? A gente trabalha na escola história, principalmente falando da democracia, ética e moral. E quando se fala em educação ética e moral, trabalhar história.

O que pode ser desenvolvida com a criança? Os trabalhos de congo que muitas das vezes a gente tem conseguido levar em algumas escolas, como temos escolas em Cariacica que recebem bem a presença dos trabalhos de congo em semanas culturais, a gente faz a arte acontecer. É eu tive uma rica e honrada oportunidade no ano passado ser convidada por uma aluna da Faculdade Multivix Cariacica para trabalhar na semana da diversidade, apresentando lá arte e cultura do congo. Fui muito bem recebida por adultos, mas muitos ali ainda não tinham conhecimento, não sabia de onde surgiu, sabia que era do município. Muitos, mas muitos como não são do município, nascidos ali, já vieram adultos e na faculdade, ficou se perguntando, então... A gente teve até que fazer um trabalho em sala de aula pra explicar um pouco mais, porque o congo na verdade, no nosso estado, fala das nossas origens. Aí vem a pergunta: mas você não tem uma turma, de repente do fundamental hoje, um aluno filho de um croata, um aluno filho de alguém de um outro país, de um inglês? Necessariamente a gente tem que falar da nossa origem pra ele também, chegar no nosso espaço e reconhecer também a cultura e origem.

Porque quando nós aqui do nosso país vamos estudar lá fora nós temos dentro das leis de Diretrizes Base da Educação deles conhecer, qual origem do europeu, qual a origem de quem tá lá na Itália, de quem é filho de croata, quem tá na Coreia, ou então em outro país. E a gente não tem a nossa, dentro do congo? A nossa mistura como eu falei ontem. Indígena, africana, nós somos de uma origem mestiça, uma mistura de cores, e por que não, dentro da escola a criança já ter como base e conhecimento e entender o que é essa mistura de cores?

É, como eu estou iniciando né, algumas coisinhas eu ainda tenho que deixar anotado, porque estou recém graduada. Eu até falo igual a ela ali, eu sou tímida para falar, quando eu estou falando assim, eu termino, as pessoas falam, eu falo: “não sei o que acontece comigo, porque eu realmente sou tímida”. Minhas colegas falam lá na faculdade: “Sirleia, mas quando você fala de congo e você fala da sua cultura, quando você fala daquilo que você vive, você se transforma!” daí eu falo com elas: “verdade, me transformo! Porque eu acho que eu falo com aquela alegria que vem de dentro, é um saber.” É aí que eu falo do conceito de poder, um poder de apropriação do meu saber, porque eu estou falando daquilo que vivo, daquilo que ensino, daquilo que é o meu cotidiano. Porque eu tenho filhos mirins, nas bandas mirins, hoje a gente tem sempre reuniões com a banda do Mestre Tagibe e do Cemir todas juntas, a gente tem ali uma maneira de disciplina e pontualidade com cada um, tanto em reuniões, tanto em comparecimento pra estar saindo para as apresentações. Por estar cuidando disso minhas amigas falam: “quando você fala do congo, você fala diferente, do que você está falando de outros assuntos.” Aí eu falo: “Mas eu estou falando daquilo que está vindo do interior, de dentro, é aquilo que eu vivo”. Até por conta disso, eu fiz uma anotaçãozinha aqui até que falando das falas do Boa Ventura, lendo algumas partes do que ele fala, pra esse meu estudo de pesquisa, ele fala também da reprodução da criança, que ela aprende aquilo que tá ao seu redor, e isso faz esse movimento, daí hoje eu me pergunto: por que não um

professor de história, falar daquilo que a criança vive ao seu redor? Ela vai ter colega em sala de aula que não é daqui do estado de repente, mas ele também vai ter a oportunidade de mostrar a sua origem, vai que ele veio lá de Pernambuco, Sergipe, um exemplo. Lá vive-se uma outra cultura, e porque não ele poder também fazer esse movimento pra que a gente o conheça e que ele nos conheça? Porque é, como eu vi ontem, é uma via de mão dupla. A gente faz esse viés, a gente ensina e a gente aprende. Eu, até hoje, é “professora, mas até hoje eu me sinto ainda aluna, porque dentro do congo eu acho que vou me sentir sempre como uma aluna”.

A sabedoria do mestre, eu falo de todos, é muito rica e grandiosa. Se a gente souber aproveitar essa sabedoria pra levar pra sala de aula, que hoje a gente tá tendo muitos alunos na adolescência dispersos, a gente não consegue que eles se desliguem um pouco da mídia. E aí eles ficam mais ofuscos aos movimentos, até mesmo políticos, onde a gente dá essa vazão que eles busquem mais outros assuntos. E por que não buscar assuntos da sua própria origem, onde ele vai? Porque, se desde pequeno, dentro do congo com a dança e a gente desenvolve coordenação motora. Estudando essa pesquisa, eu fui vendo nossa história na artes, na música, a gente vem desenvolvendo várias aptidões. Como ela aqui falou da filha, 20 anos, e a gente tem uma criança de 5, 6 como foi falado ontem que, ou até um pouquinho maior que já assume uma responsabilidade quando necessário, no lugar do mestre. Então, por que não fazer essa junção, levando em primeiro lugar o respeito, porque o maior ensinamento que o mestre de congo vem nos trazer, além da sabedoria, e da disciplina, além do comprometimento, é o respeito. E hoje a gente está vendo uma caminhada em nosso país, onde a palavra mais necessária está sendo essa. Muitos estão perdendo esse foco por conta do viés políticos, o viés políticos estão fazendo com que as pessoas deixem de lembrar dessas palavras, que é o mais importante. Porque a gente vive em um país onde tem várias religiões, vários partidos... tudo não é único, tudo a gente não

tem apenas no singular a gente tem no plural. Então eu acho que nada mais do que começar, a gente trazer também congo pra dentro de sala de aula.

Tive uma oportunidade durante esses dias, esses meses fazendo a minha pesquisa pra TCC, vejo isso aplicado tanto pra uma criança pequena no CEMEI na Educação Básica, quanto com a criança já maior, no sexto e nono ano, que é aonde eu estou acompanhando agora. Tivemos ontem a presença da professora de história, que eu estou acompanhando a sala de aula dela e ela já está fazendo isso. E o incrível é que a gente vê essa busca da criança. A gente chega em uma sala de aula muitas vezes, dentro da sala tem um filho de congueiro, e ele quase não fala, mas quando ele tem a oportunidade de falar disso! Eu até me lembro aqui de uma escola Teodomiro Ribeiro Coelho, onde a mesma professora de história que esteve aqui ontem presente, ela trabalhou o congo lá com os adolescentes. Filhos de congueiros tinham vergonha de falar um pouco, e quando teve essa oportunidade, foi como se abrissem um leque pra ele, como se uma janela abrisse, e acredito eu que a mesma janela que se abriu pra mim. Porque eu já tinha um tempo fora da escola, já tinha um tempo em que eu só lidava mesmo com o congo e com outras áreas, então eu via essa oportunidade de fazer essa minha caminhada mais além. Fazer uso dessa caminhada pra levar, levar pra dentro do congo, levar do congo pra outras, e quem sabe, diante desse tema, diante desse trabalho apresentado é uma janela pra que as crianças também de outras bandas aqui do estado possam também estar começando a levar isso ainda mais pra dentro da escola. Entendeu? Eu... eu até finalizo aqui com uma fala muito engraçada, engraçada assim, lendo o livro de "Cultura infantil" de Magali Reis, é uma fala assim, interessantíssima mesmo, é, que ela fala: "A evolução, que vem operando a passagem de uma representação de uma criança como ser até hoje, a gente a muito anos passou vendo a criança como incompleta, imperfeita, mas nós somos sempre sujeitos inacabados. Então, por que não? Essa criança que

era invisível torna-se visível, a gente passar a enxergá-la mais cedo, né? Quanto mais cedo mais se trabalha melhor, mais se faz melhor a reprodução daquilo que a gente deseja ver na sociedade, porque nós, como professores, trabalhamos para uma formação cidadã, mas sem esquecer que vivemos em um país democrático e que formamos pessoas para lidar com humanos. E agradeço aqui a oportunidade que Elisa me deu para poder falar um pouco do meu trabalho, das contribuições que o congo pode trazer e é isso, não deixar para o legado que a gente tem de fazer essa representação do congo ir mais além!

*Dion Kenedes Pereira*

**Banda de Congo Bandeira 1,  
de Timbuí, no Fundão**



Bom dia todos e a todas! Eu queria passar um pouco do meu conhecimento, pela minha trajetória na banda de congo. A minha trajetória começou quando eu, minha mãe e minha irmã Diana saímos da roça, viemos da roça junto de papai, e aí, quando a gente chegamos na Rua Euclides Barcelos, aí na decida do famoso Buraco Quente. Lá a gente tem a nossa família todinha que é de lá. Aí meu primeiro contato, na hora em que eu descí, eu topei com meu tio, já finado, com o tambor lá, aí eu cheguei e comecei a bater. Tive meu primeiro contato com o congo. Aí fiquei ali, fui brincando, batendo, ele foi me explicando as coisas, eu pequenininho ainda, fazia 4 anos ainda, aí pegou

E depois a gente começou a brincar na rua, brincadeira de criança, eu, minha irmã, Fabricio, Aldevam e outros colegas meus, começamos a brincar no meio da rua. Os meninos foram pegar as latinas de leite e uma coladinha, aí furou, fez uma alça e aí pegamos um pauzinho pra bater. As meninas resolveram pegar, aquele saco de batata e saco de cebola pra fazer um vestido e bustiêzinho, e uma sacola de arroz ou açúcar pra botar em um pauzinho e fazer uma bandeira. Aí a gente ficou brincando, brincava, brincava e se reunia, aí ficava brincando todo dia. Aí brincava e no outro dia brincava de novo a mesma turma. Daí foi em um devido dia, titia foi e chamou finado Seu Tuzinho que gostava muito de congo. Eles levaram a gente lá pra Praia Grande, as crianças. Aí conseguimos tambor, foi lá, começamos a bater lá, depois eles se reuniram “Benedito, vamos fazer uma banda de congo mirim?”, aí ele

falou: “Vamos”. Aí ela conversou lá ela e seu Tuzinho, conseguiu uns patrocínios, aí formou a banda de congo mirim. Aí a gente começou a sair pra todos qualquer eventos, vinha aqui na UFES apresentava nas emissoras, aí a gente começou. Aí ela pegava, no dia que ela começava, sobrinhos “vão reunir a galera pra gente, que eu fiz uma toada, vão lá pra dentro de casa que a gente vão aprender agora”. Ela começava a cantar a toada, aí a gente ia depois começava a cantar com ela. Aí foi que a gente foi indo, foi indo aí, começou,

Aí depois dos 12 anos que eu fui pra Banda de Congo Bandeira 1. Aí subiu eu, minha irmã, mais dois primos meus, nós fomos pra Bandeira 1. Aí, teve umas reuniões que nós tinha antigamente, pra formar o presidente, vice-presidente que pode ser chamado de coordenador das bandas. Eu falei assim: “vocês vão me botar, eu não tenho experiência nenhuma”. Como diz a fala da nossa amiga aqui... “eu não tenho experiência nenhuma para tá assumindo a responsabilidade dessa de assumir um grupo”. “Mas vai ser você mesmo!” “A então vão bora!” Aí fui, assumi, junto com a minha irmã, aí nós tamos até hoje! Vai fazer quase 10 anos que a gente tá a frente da Bandeira 1. E como congueiro, eu já estou, vou fazer 36 anos de que estou na parte do congo, que na mirim até os 12, daí dos 12... vou fazer 40, aí nós estamos nessa, nessa evolução, aprendendo muitas coisas ainda. E fora isso que aconteceu, vou até pegar um ganchozinho do que ela falou, eu, pra mim reconhecer o valor da manifestação, da minha cultura, como que eu posso falar, da minha riqueza, que nosso município tinha, que eu não valorizava. Quando meu tio tentava falar alguma coisa comigo, coisa de adolescente, as vezes deixava de ir, deixava de ir pra jogar bola, aí ele chegava falava comigo, às vezes até me batia. Mas igual eu falei na semana passada, mas ele me batia por quê? Porque eu deixava de levar a tradição adiante, eu deixava de seguir o que ele estava passando pra mim, o que estava passando pra minha irmã, eu deixava isso escorregar, pra jogar bola. Hoje, eu a frente da banda, aí eu vejo o que ele queria falar pra mim, eu

vejo o que que ele tentava transmitir, aquele tapa que ele me deu foi pra mim acordar. Porque eu estava deixando a minha tradição de lado, pra ir atrás de futebol. Futebol todo dia você tem.

Aí estou a frente dessa entidade, a frente da banda, aí agora que eu comecei a enxergar e estou enxergando, e estou aprendendo muito ainda, porque eu tenho três pessoas, que me instruem muito, muito... Fátima, Fábio, e o esposo dela... porque a gente antigamente, era muito massacrado, hoje não é tanto. Porque o congueiro só é visto como cachaceiro, se você vai na escola, o filho seu estuda em uma escola, seu filho é macumbeiro. Se eu filho quer fazer um trabalho de cultura, se for fazer um trabalho sobre congo, tem que fazer a cultura do saci Pererê, não pode fazer a cultura do seu município, que é o congo. Aí então a gente aprende, e eu aprendi. E graças a Deus a eles, eles me dão muito puxões de orelha, não tenho medo de falar, eles mesmo, chegou um dia que eu, por experiência, igual eu falei, eu não gosto de falar muito também não, mas a gente vai falando. Eu por experiência, vai fazer dois anos, cheguei na casa deles pra buscar o lanche, Fátima e Fábio me chamaram no cantinho, me chamaram a atenção, porque eu tinha bebido. Por falta de que? Experiência, igual eu falei lá trás, eu falei não tenho experiência para assumir uma entidade, mas vão assim mesmo. Aí eu bebia, aí eu fui lá, mas não estava no meu estado sóbrio, aí eles foram e chamaram a minha atenção. Falei não, eu a frente de uma banda, pra mim chamar a atenção de alguém eu tenho que estar sóbrio. Aí por isso que eu dou graças a Deus a ele, que começou a nossa trajetória, a Fátima, ao esposo dela que sempre me ajuda também. Eu sempre que saio da casa deles pedindo ajuda, pedindo conselho.

Então, pra gente tentar fazer o melhor possível da nossa festa, porque a gente que carrega esse legado, que é a nossa tradição, que é passada de geração em geração, que é passado de pai pra filho, de filho pra tio, de tio pra sobrinho e por aí vai. Porque essa tradição só depende da gente, porque se

a gente for dar ouvido, as pessoas ignorantes, a gente deixa morrer. Então a gente jamais pode deixar dar ouvido a essas pessoas, porque pra mim essas pessoas são ignorantes, são pessoas não estudadas, que em vez de estar criticando, às vezes, o congueiro, porque que ele não procura o mestre? Porque ele não procura porque que o mestre está fazendo aquilo, cantando? Porque o mestre tá dançando? Porque que aquela pessoa está pagando aquela promessa no mastro? Invés de ela estar criticando ela vir conversar, daí ela vai entender o porquê daqueles componentes, aquele mestre tá fazendo aquele momento. Aí o que eu tenho pra falar com vocês é isso, e muito obrigado a todos e a todas, obrigado pela oportunidade.

*Lucia de Fatima Barbosa Neto*

**Associação da Bandas de  
Congo do Fundão (ABC Fundão)**



Bom dia a todos e a todas! É um grande prazer para mim estar aqui! Eu vejo que todos são sementes de família de congo. Eu não tenho como falar que é a minha origem, por eu ter sido criada em uma outra família. É eu sou de fundão, fui criada lá, mas com uma outra família que não tem nenhuma ligação com o congo. Ligação que eu digo é assim, que seja descendente de congueiro, mas assim, logico que gostam da festa, tem simpatia pela manifestação. Eu, aos vinte anos, eu me casei, e meu marido é filho de festeiro que é o seu Antenor Neto, que tem oito anos de falecido, morreu com 97 anos. E por isso a minha trajetória começou com a manifestação, foi através desse casamento, onde o meu sogro fazia trabalho na comunidade, na igreja católica e a festa de São Sebastião e São Benedito no município de Fundão. Quem realizava, naquela época, era a igreja católica de Fundão, de Timbuí e Três Barras, que Três Barras hoje ainda é a comunidade que faz toda a organização lá. Mas Fundão e Timbuí, hoje, é outra vez da Associação das Bandas de Congo. E a princípio era a igreja, depois da igreja passou para a prefeitura e igreja e, por fim, devido a vários problemas que nós tínhamos com a manifestação. É... o nosso amigo aqui, em 2004 ele pensou em fundar a Associação das Bandas de Congo, porem nós não nos conhecíamos, passamos a nos conhecer através da Banda de Congo Bandeira 1 de Timbuí que ele tinha essa relação com os integrantes lá, e eles me conheciam por eu ajudar, na festa junto com meu sogro, mas era esporadicamente, né? Arrumar o navio... era bem humilde a minha presença lá na ajuda.

Em 2004 por eles me conhecerem eles me apresentaram ao Fábio, e ele, com essa formação da associação, ele me colocou lá junto. E assim, a princípio, a início dos anos 2004, 2005, era muito tímido a minha participação, e até mesmo eu não estava morando em Timbuí eu estava morando fora de Timbuí, mas sempre eu estava ali. Só que voltei a morar em Timbuí e, morando em Timbuí, aos poucos eu fui entrando na associação junto com ele, e junto com as bandas de congo que lá nos temos cinco bandas de congo lá em Fundão. E sei que chegou um momento que, a partir do momento que ela se tornou pessoa jurídica, a associação, aí foi quando eu me efetivei mais na associação pra fazer os trabalhos de organização, de planejamento, de, como se diz, organizar as bandas, a própria festa em si, porque nós tínhamos vários problema. Temos hoje ainda, mas antes era muito pior. Nós tínhamos muita inserção da bebida alcoólica, sim, até pros grupos mesmo, isso a gente veio trabalhando, não é dizer que hoje não tem, mas hoje é bem menos.

Os eventos são cinco, o Timbuí tem cinco ciclos, o Fundão tem cinco ciclos e Três Barras tem dois. Esses ciclos eles estavam de uma forma muito deturpada. Chegou um momento que lá em Timbuí, quando acontecia o primeiro evento que era em Timbuí, que é a Cortada do Mastro, os comerciantes fechavam as portas, porque era muita bagunça, muita confusão, muita bebida alcoólica. Até mesmo estava mudando a forma de fazer o evento, onde iam buscar o mastro na roça nos terrenos, e começaram a trazer amarrado no rabo do cavalo, outras pessoas levavam tonel de bebida para dar as pessoas que estavam participando. Nós tivemos uma série de coisas: é navios que pegavam de madrugada as pessoas e jogavam no lixo, no lixão que lá uma época teve, a bandeira que quando era hasteada no mastros na frente da igreja, teve um momento de formação de blocos, uma outra festa paralela, blocos carnavalescos, onde hasteava a bandeira de São Benedito, e subia uns integrantes desses bloco e colocava a camisa deles em cima da bandeira de São Benedito. Então

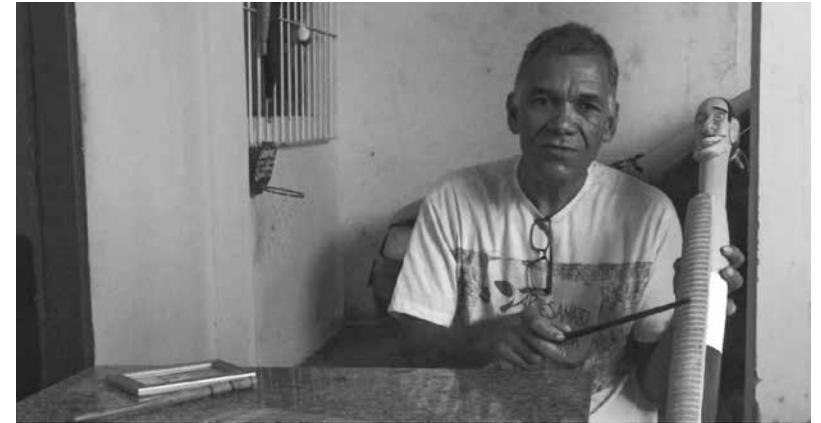
assim, a gente como associação, tendo toda essa situação de agressão aos símbolos, agressão aos congueiros que muitas vezes eram empurrados, ou pegavam os tambores e jogavam no rio, tiravam das mãos dos congueiro. Então a gente se firmou mais como associação pra dar uma estrutura melhor, pra dar mais um respeito a esse material que é riquíssimo, um material imaterial, né? Em questão de eles terem instrumentos melhores, terem uns uniformes, um lanche melhor, transporte melhor. Então a associação é e foi e continua sendo muito importante nesse trabalho. Lógico eu tô passado aqui assim, o que nós, que não sou eu Fátima sozinha, sou eu, é o Fábio, é os próprios grupos. A diretoria da associação é formada basicamente com os integrantes desses grupos.

E a gente tem muito ainda em que melhorar, mas melhorou bastante. É que eles falam assim, antigamente o lanche quando tinha, vinha o lanche, quando abria o pão cadê o recheio? Hoje eles têm, a gente procura dar uma qualidade melhor nesse aparato. Por quê? Porque eles merecem, porque eles estão representando uma cultura riquíssima de tradição que não aprende em faculdade! Eles aprendem da passagem de seus antepassados, de um para o outro. Agora é o que todos eles falam alguma coisa em relação a isso, assim... nós temos o poder público, que não dá o seu respeito devido, nós temos a sociedade civil que também, e nós temos também que é a própria igreja. A igreja católica também tem seus pecados em relação a essa valorização dessa manifestação que foi indo no passado, tinha um engajamento melhor da igreja, ela foi se afastando devido aos indivíduos que muitos estão ali, que não dão o apoio merecido pra essas pessoas. Existem pessoas que nós temos grandes problemas dentro da igreja. A gente, às vezes, a gente fica até assustado com certas atitudes de certas pessoas que estão de frente. Isso eu tô falando do nosso município lá, eu não sei aos outros, então a gente fica até admirado com a forma que eles tratam a manifestação. Não são todos, a gente encontra alguns, algumas pessoas que dão apoio. A gente sente assim, é muito pouco.

E nós temos um apoio muito grande aqui que fez com que mudasse muito a característica da festa, é uma instituição que nós temos uma pessoa lá do município que tem um olhar muito bacana com a manifestação, que é a polícia militar. É o que nós temos lá que dá um apoio muito grande. Agora, as outras instituições a gente fica meio, que... assim, inseguro.

Eu sinto um prazer muito grande em falar que a associação ela, ela não fecha nenhum acordo, ao longo desses anos nós não fechamos nenhum acordo com nenhum partido político. Nunca nós fizemos, nós conversamos com quem nós temos a liberdade de conversar com todos. Porque nós temos a necessidade de apoio de todos, tanto comerciante, quanto político, quanto segmentos religiosos. Então assim, é um prazer enorme de eu falar aqui que a gente tem essa liberdade. Hoje, por exemplo, a gente tem aí um pleito eleitoral que eles vêm nos procurar pra conversar, e a gente vai conversar sim. Essa é uma relação saudável de conversar. Agora, nós não temos aquela coisa de ser encabrestado, eu quero dizer. Já aconteceu inclusive lá em Timbuí, no Euclides Barcelos, que é o Buraco Quente, de colocarem um tapete vermelho para um governador entrar no local. É uma coisa, bacana? Sim. Só que ele foi lá passou no tapete vermelho, fez as suas colocações lá, e depois simplesmente deu as costas e nunca mais voltou. Não existia a associação ainda, mas, e por isso que é uma coisa que a gente frisa muito com eles, que temos que ouvir todos, mas não podemos misturar as coisa em relação as entidades, nós não podemos envolver a entidade, deixar a entidade com um partido, com uma pessoa. E eles, pelo menos eu coloco sempre pra eles, nós temos o direito de ter a nossa opinião, de fazer as nossas escolhas individualmente, porque, na verdade, lá na frente a gente precisa de todos. Antes, todo mundo aqui sabe, que antes das eleições é uma coisa, durante é outra, e depois é outra. Mas, assim, espero que eu tenha contribuído, com o que eu fiz aqui, a apontação. Agradecer por estar aqui, e é isso aí, continuamos com a luta!

*Mestre Domingos Teixeira*  
**Banda de Congo**  
**Mestre Domingos,**  
**Praia do Morro, em Guarapari**



Boa tarde a todos e a todas. Eu sou Domingos, mestre artesão e mateiro, e o meu ofício é fazer casaca, tambor, faço barco de congo, preparo mastro. Eu nasci e me criei no município da Serra. Meu pai, meu avô, meu bisavô era tudo congueiro, e deles, que eram negro, que eu aprendi tudo.

O negro fazia o quê? Por que eu faço isso aqui hoje? Tá por aí e tem escrito. Hoje eu pego e faço o rosto, né? Mas isso era proibido na época dos escravos. Fazer isso aqui, esse rosto. Por isso tinha o nome de casaco. Casaco porque eles cobriam ela aqui. Eles fazia o rosto do senhor do engenho, eles olhava, pegava um prego, porque não tinha formão, esquentava no fogo, batia, batia, batia, até fazer um formãozinho. Aí iam só cortando, olhando todo dia, fazia o rosto do senhor do engenho. Aí cobria com um capuz, casaco que eles dizia, né? Um casaco preto. Tingia com tinta de braúna, porque a maioria dos panos era pano de algodão que davam pra eles fazerem as roupas. Cobriam com o casaco preto.

Dava oito, nove horas da noite, chegavam os visitantes na casa do senhor de engenho e eles iam toca. Aí chamavam: “Vamo tocá!! Toca pras visita!” Todo mundo toca. Aí, ia tocá pras visita.

Chega lá, eles fazia, aqui era o pescoço, onde eles ia enforcar, né? Então eles chegava e: “Mais um!!” Aí o couro comia! A musiquinha comendo aqui dentro e de vez em quan-

do eles enrolavam a língua, eles não entendiam o que eles estavam falando:

“Vou raspar suas costela para te dar dor de barriga! Vou raspar suas costelas para te dar dor de barriga! Eu vou te enforçar até eu te matar! Eu vou te enforçar até eu te matar!” E eles: “Mais! Mais! Mais!”

Então era a maneira dos negros se vingar do senhor do engenho. Se aquilo ia dar dor de barriga? Também dava, não dava, também tinha que dá se comia uma comida errada, mas era a única forma deles desabafar, né? Era assim.

E eu, tem naquela revista ali, de 2006, 2007, uma caricatura do lado da outra, da casaca do Tuti, que é de PVC, né? Aí, pra mim transformar as antiga – porque eu carrego as tradicional até hoje por isso – nestes rostos, demoraram a querer aceitar, o pessoal. Mas, depois todo mundo quer uma casaca com caricatura de rosto, né? Mas, ainda tava com essa coisa guardada ainda de caricatura dos senhores de engenho, só pode! Porque ninguém queria aceitar. E eu fui rodando e vai e fui segurando. Eu falei, eu seguro a tradicional e coloco o rosto do índio, o rosto do negro, o cabelo do índio, que é a casaca tradicional. E aí foi. Aí, eu parti pro lado do coque, já apareceu uns cabeludinho amarrado. A madeira jogou o galho pra cá, aí o vento joga lá, quebra e lasca, tem uma ponta de galho. Corta aqui, viro e a casaca tá pronta.

Então, a casaca aqui ela tem uns toque crioulo, uns toque crioulo mesmo, toque negro começa assim: o camarada viu um cambaleando, assim, meio tonto, tinha tomado uma garapinha a mais, né? Aí ele falou: “Zig zag, ó! Vai dar um toque!” Aí fez o Zig Zag. Esse toque é um toque que toca em toda festa. Tem umas casacas que toca da hora que sai até a hora que chega desse jeito aqui, né? “Zig Zag, tá bom, já tenho um toque!”

Daí a pouco tá a mulher lá ralando o coco, ralando a mandioca pra fazer o beiju e o negro tá de olho e falou: “Ô, mais um toque pra nós!” “Que que é?” “Não, não vou falar, não!” Era assim, ele não falava, não. Só falava na hora. Ele

não falava! Quando chegava na hora, um puxou todos puxa, né? Aí saiu essa “Rala Coco” que é essa aqui, ó! Essa que eu tava te ensinando agora, ó! Cê viu? Rala Coco! Aí falou: “Já tem duas pra nós, tá bom demais!”

Aí, passa e tal, e tem umas mulher limpando uns fato de boi no rio, uns bucho, uns panos, um monte de coisa lá, uns cabelinhos de boi. Aí eles olhou e a mulher na pedra. “Vai dar toque! Vai dar mais um toque!” Já vai para o terceiro, né? Quando chegou na festa “Amola a Faca”, que é este toque. Cê viu? É um “Amola Faca” certinho, porque ele passa a faca pra lá e pra cá, ó! Viu só? “Amola Faca”. Aí falou assim: “Não, tem que enfeitar, o mestre tem que ter alguma coisa.. três toques.” Aí saiu todo mundo puxando. Quer dizer, aí o Congo já fica bonito! Se todo congueiro entra nessa sintonia aqui, você imagina vinte casaca tocando nesse mesmo ritmo.

Daí, no percurso do intervalo da toada, um entra pra cima com esse outro toque que eu vou falar agora que é o “Para Papai”, aquele do pai batendo no filho e o outro irmão chega gritando: “Para papai! Para papai! Para papai!” E o congueiro já, né?! Esse é o repique de repetição do congo, que a gente repica ele, né? Aí, quer dizer, os quatro toques saíram de quê? De nenhuma letra ou música, ou da acadêmica, nada! Saiu lá de dentro da raiz, saiu da criatividade do negro. Tadinho, as vezes não sabia nem assinar o nomezinho dele, mas o ouvido dele tava afiado pra pegar.

Igual o tambor. O tambor, primeiro, uma banda de congo, nós aqui da Serra, eu aprendi com Seu Antônio Rosa: “Dominguinho, a banda de congo, pra dizer que tá bonita não interessa quantos tambor tiverem, agora um bumbo – que é o surdo, né? Na escola de samba é surdo, pra nós é bumbo – um bumbo, uma cuíca ronco de onça, dessas que ronca, uma caixa, não precisa ser caixa de repeni, é para ir no compasso, não precisa ter arame. A minha tem porque eu gosto de dar aquela dobradinha. Quando eu tô tocando caixa, eu dou uma dobrada nela. O coração: o bumbo, a cuíca, a caixa, a casaca podem ter de 5, 6, 8, 10, 20, não tem problema. Tambor de

acompanhamento, no mínimo cinco, mas se tiver três pode sair com o congo pra rua. Porque a caixa e o bumbo vai ajudar. Depende da qualidade dos congueiros, porque as vezes você está com 50 congueiros mas que toca mesmo ali tem 10.

Por que nós sai aí? Porque a nossa banda é banda de mestre, né? A Banda de São Benedito é a banda de mestre. Hoje nós estamos com uma banda de congo. Depois que entrou a Associação e uniu, porque era rivalidade, era uma rivalidade. Então, assim, quando nós ia pra Serra, chega lá assim, subia no palanque para terminar, nos anos 80, era bem assim: “Se eu perder para o Congo de São Benedito, eu vou ganhar de quem? Se eu perder pro Congo de Bicanga, eu vou ganhar de quem? Se eu perder para o Congo de Timbuí, eu vou ganhar de quem?”

Aí, foram no mato cortar o anandi, que era o mastro, né? Para poder eles puxar na festa. Começou isso daí. Aí, começou o primeiro ano, o segundo ano, foi crescendo, foi indo, foi indo, foi indo. O Cipriano morreu e ficou o Zé Maria, com 12, 13 de idade, teve que segurar o apito do velho. Teve que pegar o apito e tomar conta do Congo. Continuou tomando conta o Zé Maria. Aí, o Zé Maria tomando conta, tomando conta, foi que surgiu a Madalena, que eu tava explicando. Aí, nesse meio de tempo o Zé Maria tava fazendo a farinha, a mãe da Madalena tava pe-neirando a massa e a Madalena foi ao córrego pegar água. Mas antigamente tinha muita cobra, cobra caninana, essas cobras limpa campo, e não existia outra vasilha a não ser o purumbo, que é o cabaça, né? A cabaça grande de 20 litros e o bia, que é uma moringa de duas bocas. Uma moringinha que tem uma alça e ela tem uma boquinha redonda pra cá e outra pra lá, chama-se bia, o nome daquilo dali, o nego fala bia, né? Quebrou. A cobra passou na frente dela e ela tuf!, quebrou a moringa. No que quebrou a moringa ela chegou lá chorando, chegou lá chorando. Aí, o Zé Maria chegou. “Por que, minha filha, você tá chorando?” “É que mamãe me bateu. Porque eu fui passando e a cobra atravessou na minha frente e quebrou a moringa, e a mamãe me bateu.” Aí, ele começou: “Madalena, Madalena,

você é meu bem querer e eu vou falar pra todo mundo, vou falar pra todo mundo que eu só quero é você.” Olha só, ele já, ó: “Já é uma toada pra tocar na festa de São Benedito na Serra.” Aí começou com essa toada. Mas falou: “Ainda não tá bom, não. Ainda tem que emendar alguma coisa aí.” “Chegou o Natal e vamos festejar, para louvar São Benedito e Nossa Senhora! Para louvar São Benedito e Nossa Senhora!” Aí que entra o outro refrãozinho que te falei que é o: “O congo de Benedito foi ver sua mãe querida a Virgem Conceição, a Virgem da Conceição e a Senhora Aparecida”.

Então a Madalena tem isso aqui só. Aí, Martinho da Vila veio e pegou com Antônio Rosa um pedacinho, foi para a Barra do Jucu e colocou: “Sai lá do Grajaú para a Barra do Jucu para ver tambor de congo na ponte da Madalena”, né? Mas só que em Barra de Jucu tinha uma Madalena assim como você, branquinha, né? Italiana mesmo. Então ela achava que a música era pra ela, mas a música saiu daqui, saiu daqui de Putiri. E eu fiz o que? Eu falei já que houve um naufrágio, salvou os negros, aí eu fiz a música, né? Vou puxar devagarzinho.

“Eu estava boiando no mar  
Na hora de se afogar  
Eu pedi a Bino Santo  
Pra vir me ajudar  
Na hora chegou o mastro  
Para me segurar  
O vento começou a soprar  
Até a beira da areia chegar  
Agora vou festejar  
São Benedito no Altar!”

Então eu fiz a toada do naufrágio para sair, quer dizer, tirei do mar e coloquei na toada, em cima da história, né? Segundo a história.

Aí, passou tempo, passou tempo, eu pensei, tenho que fazer uma continuidade falando de Putiri. Porque quando o Zé Maria morreu, os congueiros ficaram tudo triste, desanima-

dos, não quiseram mais mexer com o congo, pediram ao Mestre Antônio Rosa pra ir lá pra ver o que fazia. Mestre Antônio Rosa ficou indo de pé para aquela batinga do Vale do rio Juara, para poder ir lá, para segurar o congo, para tentar com eles ver, se eles conseguia erguer, não conseguiram, daí fizeram o que: “Mestre Antônio Rosa, vê se consegue pegar esse congo e levar”, nós saímos daqui e fomos tocar na Serra. Leva pra lá com cuidado esses instrumentos.

Foi quando Mestre Antônio veio. Foi o que tá naquele documentário, que ele foi lá e o amigo dele das barricadas, foi verdade, eu lembro que o amigo dele, que era do exército, que mandava barrica do Rio Grande do Sul. Tinha fila de barrica pra vir para a vinícola e dava. Eu olhei para o documentário e lembrei que ele falava e é verdade. Ainda tem até hoje. Em Nova Almeida tem daquelas barriquinha, ainda existe.

Aí eu falei, então eu vou fazer agora o congo saindo de Putiri e vindo para a Serra. Que hoje é o Congo folclórico de São Benedito. Era Congo São Benedito e agora é Folclórico. Aí, como eu estava falando, eu fiz a toada saindo de Putiri para Serra. Igual eu tava falando agora. Vou falar ela em letra porque ela é meio cumprida. Ela é assim:

“Vai congo velho  
Que nasceu em Putiri  
Esquenta os tambor  
Que tá na hora de sair  
Os boi tá lá na rua  
Prá puxar os ganandi  
Vamos logo, deixa de prosa  
Se este congo está de pé  
Agradece a Antônio Rosa  
Hoje aqui ele não mais está  
Mas deixou mulher, filhos e neto  
Em seu lugar  
Pra cumprir a obrigação  
De louva a Bino Santo  
E a Virgem da Conceição.”

*Depoimento do Mestre Rui Barbosa Sales*  
**Banda de Congo Amores da Lua**



A entrevista a seguir foi gravada em 2018 na casa do Mestre Rui Barbosa Sales. Suas fotografias de família guiaram a nossa conversa.

**Elisa:** Seu Rui, quem foram os capitães da Banda? Quem já apitou?

**Seu Rui:** Meu irmão Reginaldo Filho, que a gente chama de Negão, era o capitão da banda. Então, o que que aconteceu com ele? Devido a doença, né? Adoeceu, teve problema. Aí, ele teve que se afastar da banda. Porque ele tinha um problema muito sério de diabetes.

Esse aqui é o papai, o Mestre Reginaldo Sales, ele foi o presidente quase eterno da banda. Ele morreu com quase 92 anos de idade.

**Elisa:** O Seu Reginaldo fez parte da banda desde o início?

**Seu Rui:** Não. O negócio de papai foi assim: ele era, meu avô e minha avó, Alarico e Dona Cecília, ele era o que? Ele era genro deles. Papai, quando veio de Goiabeiras, ele era do quartel da Polícia Militar. Ele era militar. Aí, papai conheceu minha mãe. Aí, foi. Minha avó fazia refeição, lá na casa da minha avó, e ela lavava a roupa dele tudo e tal. Aí, foi quando ele conheceu Maria, minha mãe, que eles namoram e se casaram. A história deles é essa. Então, é isso. Aí papai ficou na polícia, ele tirou três anos na polícia, que eu sei a história. Mas, antes, ele tinha sido do exército, tirou três anos no exército, depois que ele veio para a polícia. Que o quartel era, aí,

ficou três anos. Depois ele não se deu bem na polícia, porque, naquela época, tinha que ser muito duro aquelas coisas e tal, e o regime era muito rigoroso. Ele gostava de fazer umas coisas por fora, pescar, essas coisas, e não dava para ele fazer isso. E ele mexia, a mãe dele era paneleira, e ele gostava de vez em quando de tá mexendo com aquele movimento de painelas, aquela coisas, e ele não conseguia. Então, ele foi para a Rádio Espírito Santo, passou para a Rádio Espírito Santo, porque lá dava espaço para ele fazer isso. Então, ele ficou, que eu sei, tirou três anos no exército, três anos na polícia e 26 anos de rádio, e foi onde ele se aposentou. E na rádio, ele era operador de rádio. Isso é a história dele que eu sei. E o meu irmão sempre foi o capitão da banda. Essa foto aqui nós estamos lá em Regência. Tem o finado Seu Telvino, o pai de Marzo, que tocava cuíca. Esse que tá aqui atrás é o Manel, que se afastou da banda porque ele tá cego.

**Elisa:** Essa foto deve ter sido em que ano? Ou em qual década?

**Seu Rui:** Eu não sei porque essas fotos elas tinham que ter a data, né? É, não sei se tinha, não.

**Elisa:** Aqui está escrito ano 2000. Será que é dessa época?

**Seu Rui:** No ano 2000 a banda de congo foi na... nós fomos lá no Rio Grande do Sul.

**Elisa:** Aqui a banda já tem uniforme?

**Seu Rui:** Esse uniforme aqui é o uniforme antigo já.

**Elisa:** Esse não é o primeiro uniforme? O que o Ricardo fez?

**Sr. Rui:** Esse foi o primeiro uniforme que a banda teve, que nós lutamos depois pra gente ter esses uniformes aí. Porque foi assim, a gente pegava a verba com o prefeito (nessa época era desse Paulo que foi prefeito), dava a verba igual ao João Cosser fazia, né? Daí ele deu a verba e papai queria porque queria não fazer o uniforme. Daí eu falei: “Papai é preciso fazer o uniforme porque a banda tá ruim. Esse uniforme aí se perdeu no espaço.” Aí, nós fomos fazer o uniforme. Foi aonde

que com esse dinheiro eu chamei Ricardo e a Celeuza, se organizamos, ele pegou o dinheiro e fez a primeira roupa do congo. Agora, daí em diante nós fomos nos movimentando pra fazer isso mais, né? Porque nós tinha amizade com o prefeito e com o governador e tudo, mas para ajudar era bem poucos. Então, era isso.

**Elisa:** E essa foto aqui?

**Seu Rui:** Essa foto aqui é a antiga igreja que nós tinha lá em cima. Era aqui que a gente fincava o mastro. tá escrito: “Viva São Benedito!” Nós fincava o mastro aqui na frente. Esse aqui era um terreno do meu padrinho. Ali do lado onde tem a igreja, ali pra dentro que entra num portãozinho ali pra dentro.

**Elisa:** Mas não é no lugar onde está a igreja agora?

**Seu Rui:** Não, não era, não. Ali, foi depois. Porque nós conseguimos por intermédio do prefeito, que era o Luís Paulo, depois entrou o Paulo Hartung, aí eles fizeram a parceria e deram o apoio para fazer aquela igreja ali, e fazer tudinho ali. Porque verba a gente não tinha, conseguimos tudo por intermédio deles para conseguir fazer aquela igreja ali. Porque era o sonho de Dona Maria Rosa, que era minha bisavó, avó de minha mãe. Então, quer dizer, essa foto aqui é desse tempo. Esse aqui, ó, era Seu Baiano, que já morreu.

**Elisa:** Então a Dona Maria Rosa não é a mãe do senhor? É avó?

**Seu Rui:** Não. Dona Maria Rosa era minha bisavó. Era mãe da minha avó.

**Elisa:** E ela já tinha ideia do congo, mas ainda não tinha fundado a banda?

**Seu Rui:** Não. O congo, o congo... meu avô mais minha avó compraram a banda em 1945. Dia 30 de março de 1945 teve a primeira festa de São Benedito. Que é essa festa que nós fazemos hoje, que o congo aniversariou, fez 73 anos.

**Elisa:** Esses são seus avós? Seu Alarico...

**Seu Rui:** Quem era dono do congo? Lá em cima, onde temos a igreja ali, do lado ali, onde tem aquele pé de abricó que eu citei, do outro lado assim, de frente. A Dona Maria Rosa morava ali. Ela tinha a casinha de estuque dela. Ela benzia, ela era parteira, ela era capelã de ladainha. Então, ela viveu ali. Eu, como o bisneto dela, todos os dias eu levava, mamãe mandava eu levar, o almoço e a janta dela. E aqui todos os dias a gente rezava o terço, fazia ladainha, fazia lapinha, corava Nossa Senhora, tudo aqui assim, nesse campinho.

**Elisa:** Então, a Dona Maria Rosa é a bisavó do senhor. Quem se casa com o senhor Alarico? Quem é a esposa do Seu Alarico?

**Seu Rui:** Cecília Rosa.

**Elisa:** Então o congo é criado com Seu Alarico e Dona Cecília?

**Seu Rui:** É. Dona Cecília Rosa é essa daqui, quem me criou, né? que eu chamava de mãe, Porque eu fui criado com ela e meu avô. A minha mãe é Maria, que é essa daqui. Maria de Lourdes de Oliveira Sales, era filha dela. Essa foto aqui foi de uma festa que tivemos em São Cristóvão, aí o governador na época era o Marques Mauro, ele foi lá. Ele gostava do congo. Aí, o papai convidou. fez o convite e ele foi. Então, tá vendo aqui? A foto do papai com ele. Aqui tem o papai, o Manel, que eu falei que tá cego hoje em dia, ele não pode ir mais pro congo porque ele tá cego. Essa daqui, a finada Barcela que já morreu. Essa aqui é a Dona Marilda Congo, lá de Goiabeira. Nós com a bandeira. Ela é mulher do finado Pia, que já morreu também. E essa aqui é a irmã de Dona Maria, é que ela está de costas e eu não decifro quem é. Elas são três irmãs, eu não decifro quem é...se é a Elizabete, acho que é Elizabete. Dona Maria de Tião, é irmã dela. Aqui nós tinha muita gente de Goiabeira que participava com a gente, a Rute, tinha a Margarida que já morreu, que era a mãe de Mauro, e os meninos pequenos também que participavam que eram de Goiabeira. Essa garotinha aqui, Lizete finada, essa já morreu.

**Elisa:** Bandeira bonita.

**Seu Rui:** Essa foi a primeira bandeira que nós pintamos para o congo.

**Elisa:** Primeira bandeira? E quem pintou a bandeira? Como era isso antigamente?

**Seu Rui:** Essa aqui foi pintada na mão, né? Essa aqui você pode ver que foi artesanal, né? Foi na mão. Porque depois que nós conseguimos pegar um rapaz para fazer esses estandartes e pagava ele. Mas esse rapaz depois sumiu, porque ele morava lá pro lado da Serra. Ele que fazia os estandartes pra nós. Aí, ele se mudou daí, sumiu, nós não achamos ele mais... aí, o Ricardo teve que na época usar outros meios para arrumar as pessoas para fazer os estandartes.

**Elisa:** Então, no início da banda, como era a conformação da banda? Não tinha bandeira? Quando é que começa essa coisa das rainhas, das princesas, mesmo que não seja de uma forma tão bonita como é hoje em dia, mas, como era e como começa isso?

**Seu Rui:** O congo tinha essa bandeira aqui, tinha as bandeirinhas azul escrito Banda de Congo Amores da Lua, que você está vendo aqui essa bandeira, e o pessoal fazia essa formação aqui, que era: minha avó, mais a Rita, que já morreu. Não dá pra ver direito porque a foto fica fechada, mas, a roupa era essa assim, ó! Então, quer dizer, você pode ver que a roupa era igual do homem, azul e branca. Aí, a gente tinha uma camisinha bem simples escrito: Banda de Congo Amores da Lua, como você está vendo aqui. Porque a gente pegava a camisa, comprava e mandava fazer o design na camisa.

**Elisa:** E a sua avó, Dona Cecília, ela era chamada de rainha de congo? Ou esse nome de rainha só veio depois?

**Seu Rui:** Mamãe fazia a mesma coisa que a mãe dela fazia, minha mãe era benzedeira, era parteira, ela sabia fazer remédio para bronquite, essas coisas, benzia muito bem. Mamãe era uma benzedeira de primeira. Tudo que ela aprendeu foi com a mãe dela. Então, quer dizer, quando eu casei com a Ce-

leuza eu senti uma dor de cabeça e chamei ela: “Mamãe, vai lá em casa me benzer, porque eu tô cheio de dor de cabeça.”, aí ela falou: “Péra lá que eu vou lá”. Aí ela foi lá me benzeu e tal. Aí, quando ela acabou de me benzer ela falou: “Agora eu vou embora. A dor de cabeça passou?”. Eu falei: “Passou.” “Nunca mais você vai sentir dor de cabeça. A dor de cabeça... você não merece sofrer não, porque você é muito bom. Então, eu vou levar comigo.” Ela morreu e acabou, nunca mais eu tive dor de cabeça. Se eu reclamar de dor de cabeça eu estou mentindo. Então ela era boa para isso. Taí Celeuza, tá de prova que ela viu isso.

**Elisa:** Uma vez a gente foi dançar o congo no parque do Mu- lembá, aí teve um senhor que disse que conheceu sua avô. Ele disse que ela era a melhor benzedeira de Vitória, conhecida por todos os lados.

**Seu Rui:** Ela fazia muito assim, a pessoa chegava e falava: “Roubaram meu cavalo.” “Roubaram meu carro”, “Roubaram não sei o quê, não sei o quê lá”. Aí ela passava uma relaçãozinha pra pessoa ir lá comprar um maço de vela, comprar um Santo Antônio, uma fita. Isso para ela fazer responso para ela poder fazer aquilo aparecer. Com três dias depois dela fazer aquilo a pessoa já dizia: “Já sei aonde é que tá” “Já sabe? Então vai lá e pega que é seu e pronto e acabou.” “O que a senhora quer?” “Eu não quero nada. Eu só quero que você peça a Deus para que eu sempre diga mais. Só isso.” Ela não cobrava nem um cruzeiro de nada que ela fazia. Para isso vovô era bem estruturado. Quando ele fazia essas festas ele mata- va um boi, três porcos porque ele queria que todo mundo da festa participasse. Ele queria que bebesse, que não sobrasse nada, era para o povo. A festa era do povo e para o povo. Ele nunca escondeu nada, ele sempre foi de mão aberta. Quem chegasse na casa dele comia e bebia. Então, é isso.

**Elisa:** Essas festas eram feitas em quais dias?

**Seu Rui:** Era todo 25 de dezembro. Pudesse estar chovendo, fazendo sol, sempre a festa saía. E o percurso da festa era

mais longo, né? A gente saía daqui passava lá na – porque hoje em dia é tudo manobrado pela prefeitura – mas, a gente saía com congo e passava lá na Leitão da Silva, mas a gente passava na reta da Penha, entrava lá na avenida, lá embaixo na, depois da Rio Branco, entrava na casa de uns parentes meus que eram antigos que morava ali, em Santa Lucia. Aí, dali a gente saía com o congo e passava por dentro daquela Consolação, saía cá na rua, aonde tinha a feira da Gurugica, saía ali, aí vinha embora, entrava pra São Cristóvão e vinha sai aqui. Andava mais. Aí, a prefeitura depois foi tomando parte das coisas, e foi diminuindo o percurso, porque não pode usar o percurso, porque você sabe como é, né? É difícil a gente conseguir as coisas com a prefeitura hoje em dia. Então, diminuiu.

**Elisa:** E o senhor falou uma coisa que eu nunca tinha ouvido falar. Esse percurso tão longo então ia para buscar outros parentes que moravam em Santa Lucia?

**Seu Rui:** É, eles moravam em Santa Lucia. Lá tinha as tias de papai, todas devotas de São Benedito, e elas faziam questão que o congo passasse lá. E tinha o pessoal que morava ali que gostava também. Que conhecia muito o papai, aí passava lá por causa disso. Depois falaram: “Seu Reginaldo, o pessoal já morreram e coisa e tal. Tem que tirar esse percurso porque esse percurso é muito grande.” Então, nós, por intermédio de conversa de sentar com o Secretário de Cultura e essas coisas, aí fizeram esse trajeto que agora é curto. É isso.

**Elisa:** Antigamente o trajeto era também definido pela família, né?

**Seu Rui:** Aí, nessa época era pelo meu avô, ele que traçava. Ele falava: “Vamos passar por tal lugar.” Ele que mandava. Então todo mundo seguia. De primeira, a maioria do pessoal não tinha uniforme. Porque a banda era muito dependente, né? Então, foi se organizando por intermédio de mamãe. Ela falava tudo: “Alarico, vamos organizar pra gente fazer o uniforme, a banda é azul e branca. Aí, a gente vai, cada um dá um jeito de

comprar uma calcinha simples, botar uma fitinha e tal.” Porque ela também gostava de costurar, então, ela ajudava sobre isso. Então, ela mesmo, essa saia que elas têm aqui, que eu tô falando que tem ela, ela mesma que fazia. Ela era danada. Ela costurava, ajudava...então, quer dizer, quando ela morreu o congo já tinha uniforme já. É tanto que, quando ela estava aqui, já tinha uniforme. Deixa eu ver essa foto aqui. Se não me engano isso aqui é de 1987. Em 87 minha mãe morreu. Vê se você consegue ler.

**Elisa:** Aqui está escrito agosto de 87. E aqui dia da posse do governador Max Freitas Mauro, 15 de março de 87.

**Seu Rui:** É isso mesmo. tá aqui escrito. Então ele assumiu. E papai teve essa festa de São Cristóvão e teve lá para prestigiar. Entendeu? É isso mesmo. tá tudo escrito aqui atrás.

**Elisa:** Alguma vez, antigamente, antes da fundação da banda, o congo já foi proibido pelo governo?

**Seu Rui:** Não.

**Elisa:** E essa foto que tinha um capitão da banda? Então o capitão da banda foi seu irmão mais velho?

**Seu Rui:** Era Reginaldo. Ele é mais velho do que eu, de irmão, né? Porque ele é gêmeo com outra minha irmã. Ele é o irmão mais velho da minha turma, o irmão mais velho é ele. Essa daqui é minha irmã, ela participava, que é a irmã dele, que é gêmea com ele.

**Elisa:** Ela ainda está viva?

**Seu Rui:** O Eduardo participava da banda, a filha dele. Regina, é. Aqui tem a Marli e a filha dela. Tem o Aimer. Aqui eu não sei se é a Valdete, acho que é a Valdete. Porque aqui, esse barco aqui era aquele primeiro barco que nós tinha. Porque depois o papai morreu e eles desmancharam esse barco, lá embaixo.

**Elisa:** Esse barco ele foi o barco da banda por quantos anos?

**Seu Rui:** Esse barco aqui. Ele foi doado pelo sogro de Carlinhos. O sogro de Carlinhos fez esse barco e a gente foi em

Joana Darc e pegamos ele. Ele tava todo sem pintar e nós pintamos ele. Pegamos ele inteirinho, botamos ele na carrocinha, pintamos ele, acertamos ele, fizemos tudo direitinho. Ele fez porque ele tava doente, aí, ele fez uma promessa que ele ia fazer um barco para São Benedito. Então ele fez sozinho e Deus, e os meninos dele. Ele conseguiu fazer o barco. Chamou o papai lá e falou: “Ó Seu Reginaldo, esse barco eu tô doando pro senhor, pro congo, porque eu fiz uma promessa para São Benedito e eu tô me tratando e eu estou me sentindo muito bem. Então, eu fiz o barco pra ele. Ele tinha câncer, né? Na época ele ficou muito doente e conseguiu se recuperar, aí ele fez o barco. Chamou o Carlinhos e disse: “Carlinhos eu vou fazer o barco, vocês me dá apoio, porque eu vou fazer o barco e depois a gente entrega na mão de seu Reginaldo.” Mas, depois que esse barco ficou pronto, e que nós usamos ele bastante para fazer festa, ele ficava guardado lá na casa do meu pai. Mas, depois que houve a morte da minha mãe, a morte dele, depois ele veio a morrer, mas muito antes eles vieram a desmanchar o barco. Aí, nesse meio tempo, antes de tudo, ele queria, muito antes de ele morrer, ele fez uma reunião lá embaixo, que minha mãe morreu, e nós não fizemos a festa, aí ele fez uma reunião lá embaixo e chamou meia dúzia do pessoal do congo, mas, eu Ricardo e Celeuza ficamos de fora. Quem participou: Regina, ele, Zita, a outra irmã minha, participou o Gordo, Seu Edson, Dona Delza, Dona Joana...eu sei que foi umas pessoas mais ... Aí, quando chegou lá e tal, ele apresentou esse irmão meu pra ser o capitão da banda sendo que ele tava doente. Meu irmão não tinha mais condição de nada.

**Seu Rui:** Na época, em 2000, quando a gente foi lá em Rio Grande do Sul, quando nós levamos o grupo lá, nós tínhamos essa roupa humildezinha que você tá vendo aqui. Essa roupinha aqui. Quando nós chegamos lá, o Dr. Bráulio chegou, tinha mais de 50 pessoas de cultura diversificada, todo mundo tava lá. Aí, ele falou assim: “Ó esse grupinho que tá aqui. Vocês tão vendo ele aqui? Eles são igual essa xicrinha aqui, são igual a um bibelô, eles são simples e humildes. E vocês

vão ver como eles tocam e dançam que é uma beleza. Por isso eu trouxe eles aqui. Eles têm muito valor pra mim.” Aí, foi aonde nós fomos nos apresentar. Eles ficaram malucos. Falaram: “Pelo amor de Deus! Que grupinho bom!” Chamavam nós lá até de “greminho”, porque lá é azul e branco o Grêmio.. “A lá, vem um greminho ali! Greminho é fogo, hein? Greminho arrebenta!” Chegava lá na praça para tocar, enchia de gente. Vendia os cds todinho, pessoal dava dinheiro, fazia aquele movimento na praça. Aí eu falava: “Ta vendo? A cultura aqui é o gaúcho. “Nós chegamos lá na churrascaria, aí o gaúcho falou: “Vocês são de onde?” Nós estávamos apresentando lá embaixo, lá na praça. Ele falou: “Ó, logo mais eu quero que vocês venham aqui, porque o gaúcho vai estar aqui tocando repente e tudo. Eu quero que vocês botem ele no bolso aqui pra mim.” Aí, nós fomos lá. Tocamos lá. Começaram a tocar era meia noite, era uma hora nós chegamos lá e tocamos até de manhã. O homem ficou doido com o grupo e também o pessoal que tava lá. Era churrasco, cervejada, aquele negócio... se sabe que no Rio Grande do Sul é tudo na base da carne, né? Eles fizeram churrasco lá, nós comemos e bebemos tudo. O tempo que nós ficamos no Rio Grande do Sul a gente se apresentava. Só que lá chove muito e dá muito relâmpago e trovoadas. a gente se apresentava num lugar que o pessoal enchia e o resto tudo tapado. Aí, a gente botava pra quebrar. Então, é isso.

Dalí pra frente o congo só fluiu. Ele foi no Piauí. Papai sozinho, viajou com a comissão de folclore, foi lá em Pernambuco, Ceará, aqueles cantos de lá papai conheceu tudo. Ele foi muito pra lá com eles. Eles levavam ele de avião e tudo. Ele viajava porque ele ia falar sobre o congo lá. Eles levavam sempre ele. A comissão de folclore aqui. Aí, sempre levava ele. E quando era para apresentar o congo, organizava e fazia o pedido, e a gente ia lá e fazia a coisa. E na época da gestão de João Coser, a gente sempre, uns eventos que a prefeitura apresentava ele levava o congo. Ele ligava e falava: “Ó, eu quero o congo.” Por exemplo: teve uma corrida de carro aí na Praia de Suá. Aquele carro da Renault que correu aí. Ele chamou nós,

né? Fomos pra lá, e antes dos pilotos correr, que era a uma hora da tarde, almoçamos com eles, bebemos, comemos, batemos congo pra eles. Depois foram correr. Então, João Coser era bom. Bom porque ele abraçava a cultura. E ele tá vindo aí como deputado federal, e nós vai dar apoio a ele, porque é um camarada bom pra cultura. Porque os camaradas falam assim: “A cultura tem que ajudar todos os grupos.” Tudo bem. Mas, não é só um, dois, não. Todo mundo que mexe com cultura tem direito. Então, é isso. A gente não quer só pra nós, a gente quer pra todo mundo. Aberto! Você vê aí os grupos que tem aí em Serra, esses lugares tudo que vocês vão aí vocês vê. Os grupo, tudo humildezinha, tudo pobrezinha, por causa de quê? Porque não tem apoio de ninguém. Não é culpa deles, não. É culpa de quem gere lá que não dá verba. Nós vamos ali em Fundão, vamos ali em Timbuí, quando a gente chega lá eles falam: “Chegou a banda de congo melhor que tem em Vitória. Não tem a nossa, não tem...” Eles mesmo fala: “Não tem ninguém, é eles!” O menino lá que é secretario de cultura, ele fala mesmo assim comigo: “Rui, papai fala: ‘Se aquela banda azulzinha não vier aqui, eu nem vou lá, porque não tem festa.’” Aí, ele fala: “Papai, a primeira banda que eu chamo é eles. Tão dentro.” “Ah, aí eu vou lá vê! Porque aí dá pra gente vê! Eu chego lá para cumprimentar eles porque eles são bons. Não é desfazendo dos outros, mas porque eles são bons no que canta, no que faz, na organização, tudo aprumado. Então, é isso que a gente quer vê.”

Aqui, outro dia o secretario de cultura ligou pra mim: “Quem é que está falando?” “É Rui, o que você quer?” “Eu queria falar com o Ricardo.” “O Ricardo não está, não.” “O que o senhor é dele?” “Eu sou o pai dele.” “Ah, Seu Rui, o prefeito ta querendo o congo aqui.” “O prefeito não é dono de congo, não” Não falei certo? “Não, porque ele tá querendo aqui porque tem prefeito de Palmas, de Tocantins...” Eu não tenho nada com isso. O prefeito não veste nós, o prefeito não dá verba pra nós, não dá um copo de água quando nós vamos se apresentar...” Aí eu desliguei o telefone. Aí ele pega e liga pra Ricardo: “Poxa eu falei com seu pai e seu pai foi curto e

grosso.” Ricardo falou: “Não, mas papai é assim mesmo. O que você quer?” “Ah, eu queria que você trouxesse o congo aqui para se apresentar, porque tá o prefeito de Palmas de Tocantins, de Florianópolis, e de Santa Catarina.” E nós fomos lá se apresentamos pra eles lá. O lanche que eles deram: to-dinho quente e um pão à sopapo com um pedaço de salame dentro. Brincadeira! Duas horas da tarde, você se apresenta lá... aí o prefeito de Santa Catarina falou assim: “Ah, muito bonito o grupo, hein, prefeito!” E eu falei: “As nossas custas” Aí começaram a cutucar: “Não, Rui, não fala nada, não” porque eu ia falar. “Nós tivemos em sua terra, Santa Catarina, Florianópolis” “Vocês estiveram lá?” “Tivemos, tivemos lá com o grupo lá.” Aí eu falei onde nós tivemos e ele falou: “Ah, sim! Eu vi vocês lá, sim! Muito bom o grupo de vocês!” “Pois é, nós fizemos apresentação lá.”

Outro dia veio aquele povo todo de fora, lá na torre do, da televisão lá em cima, no mirante, lá em cima. Aí veio tudo gente de fora. É o que? Santa Catarina, Rio Grande do sul, Pernambuco, Bahia, aqueles lugares todinho. Aí, eu falei com eles: “Ó, nós já tivemos em Minas.” “Ah, vocês já tiveram em Minas? Aonde vocês tiveram em Minas?” “Tivemos em Patos de Minas, tivemos em Ouro Branco.” Aí, chegou um rapaz da Bahia e falou assim: “Sou doído pra levar vocês na Bahia. O que que tem que fazer?” Eu falei: “É só você arranjar um ônibus e bancar a viagem que a gente vai. Porque aqui meu filho, é tudo nas nossas costas. A gente não aguenta.” Ele falou: “É mesmo?” Eu falei: “É, o prefeito não dá apoio. Dá, não! O prefeito e o governo não dão apoio, não. Eles querem fazer a cultura a moda deles.

Outro dia eu tava vendo aquela, foi sábado, tava eu e meu netinho, tava tocando tambor e cantando, e essa menina, a mãe de Juan, a Luciene, pegou e botou o DVD, coisa dela assim e gravou nós cantando e brincando ali. Depois eu parei, porque o pai dele chegou, e ele se entreteve com pai dele, o menino. Aí, ela pegou e botou lá e eu tava vendo. Nós lá em Regência, dentro da igreja, Valdete dançando. “Ih, olha a Valdete aí”

“Pois é, Seu Rui, a pessoa morre e fica a fama” Valdete dançando lá em Regência. Aí, eu falei: “É isso aí, rapaz.”

O congo, naquela antiguidade que tinha, nós, aqui nesse terreiro aqui, que aqui era grande, tá? Era sexta, sábado e domingo, nós batia congo esses três dias. Eu ia lá na casa, a minha bisavó que é Maria Rosa, eu chamava ela de Mãe Velha. Aí, eu chegava lá e botava os instrumentos tudo no terreiro para pegar esse sol e quando dava cinco e meia nós já começava a botar os tambor. Começava a bater, o pessoal ia chegando, mas lotava o terreiro. Ali, vovô botava um barril de água para o pessoal beber, botava vinho, botava cerveja, botava tudo pro pessoal que quisesse comer e beber, sempre foi assim. Botava uma panelona de farofa. Aí, a gente batia o congo uma hora e parava. Aí, todo mundo se abastecia, dava um tempo e depois voltava. Era assim até de manhã cedo. Agora, hoje em dia, não pode. Hoje em dia deu 10 horas tem que parar, porque não pode. Então, é assim.

Mas, aqui o pessoal nunca reclamou do congo, sempre deram apoio. Pode ser crente, diferente de religião, eles nunca falaram nada. É tanto que, tem ali mais pra frente, ali, tudo é crente e eles se admiram quando a gente vai sair com o congo, nós vai passear. “A gente admira sabe por causa do que? Vocês têm educação. Vocês sabem tratar as coisas.” Aí, sempre, ela tem uns filhos que trabalham na Rádio Grande Maruípe, o Marquinhos Lima, e eu sempre ligo pra ele e falo da banda e tal. Aí ele bota lá, anuncia e tal. Aí, eles ouvem. Aí eu falo: “Marquinhos tava falando da banda de congo aí!” “Ah, o Marquinhos é, ele gosta do congo pra caramba!” E Marquinhos sempre cantou, ele canta muito. Mas, Marquinhos bebia muito. Aí, ele deu problema no pâncreas. Aí, eu chamei ele e falei: “Marquinhos você é grande camarada e eu gosto muito de você. Para de beber! Por que você bebe?” “É, às vezes a gente bebe por causa dos problemas.” Aí, eu falei: “Ó, se todo problema você for beber você tá morto.” Ele parou. E um dia ele veio e falou: “Ó, Rui, graças à Deus eu parei de beber.” Eu

falei: “Deus que te ajude e te abençoa! Não é melhor assim?!”  
Ele falou: “Graças à Deus!”

Essa mulher aqui, ó! Ta vendo essa senhora aqui? É a Dona Hercília, mãe de Mazo, mãe de Luís, Enaldo e Careca. Só que Luís só que deles fica no congo mais, né? Mazo que de vez em quando aparece. Ela aqui, por ela estava dentro do congo. E tem aquela Dumara, que é filha dela, de Dona Hercília. Se ela ainda estivesse no Congo ela seria mais velha que Dona Maria. Ela é mulher do seu Telvino, aquele velhinho que tocava cuíca. Ele morreu com mais de 90 anos, acho que com 95 anos.

**Elisa:** Nesses quadros estão os fundadores da banda, né?

**Seu Rui:** Ali é mamãe, vovô, meu padrinho. Meu padrinho também teve uma gestãozinha, que morreu os dois, mas ele ficou pouquinho porque logo ele morreu. Ele morreu em um acidente no cais do porto com o minério. O cara do outro lado da máquina matou ele. Aí morreu ele.

**Elisa:** Qual o nome do seu padrinho?

**Seu Rui:** Carlos de Azevedo. Aí ele morreu e quem teve que assumir tudo foi papai. Aí, ninguém discordou, tudo bem, tá entre família. Foi embora.

Mas, aí, o Negão, coitado, com aquele problema, deprimido, tomou chumbinho, ficou deprimido. “Não tem condições, papai. Como ele vai apitar congo se o rapaz não pode nem andar?” Não tem condições. Aí, depois telefonou lá pra casa da Zita: “Oi. Papai tá te esperando aqui. É para vir você e Ricardo pra conversar com ele porque ele quer falar com vocês.” Aí eu falei: “Tá”. “Ó, Ricardo, vamos lá na casa de papai, Ricardo, que ele tá esperando”

**Elisa:** Quem é ela?

**Seu Rui:** Outro dia fui visitar ela. Ela tá bem vivona ainda. Tadinha, tá toda, Dona Hercília.

**Elisa:** Ah, Dona Hercília, a mãe do Mazo.

**Seu Rui:** Ela tá lá. Conversei com ela, eu e Celeuza. Ela falou: “Puxa! O congo tá cada vez mais bonito!” Eu falei: “Pois é” Ela tem CD do congo, ela tem uma bandeira que ela fez uma para ela, tá tudo na casa dela, tem estandarte de São Benedito, tem tudo. Porque ela gostava do congo demais. Então é isso. Agora, falar que a gente pegou, num pegou nada. Foi tudo na elite. E mamãe aqui e vovô ali, eles falava: “Rui, nós vamos morrer, pelo amor de Deus não deixa o congo morrer, não.” Como quem diz: tem Carlos, tem você, tem seu pai. Então, não deixa o congo morrer, não. Então quer dizer, foi passando, você tá vendo isso aí, foi passando. Então, tá aí. Não pode deixar morrer. Porque para tirar, quando nós tiramos isso aqui, na época nós guardava tudo. Mas, é que o pessoal destrói tudo. Entrou aquele pessoal lá no terreno e pegou tudo. Isso aqui a gente tinha tudo guardado. Essa cruzeta direitinho, nós tinha guardado. Aqui tinha um pé de coco, meu padrinho enfeitava tudo no dia de natal ficava bonito à beça, botava aquelas luzes de acender e apagar. E lá no fundo você vê o pé de abricó, lá nos fundos, tá vendo? Esse pé de abricó é velho. Essa foto aqui é de fevereiro, mas não fala a data, só o ano.

**Elisa:** Deixa eu ver... fevereiro de 90, 1990.

**Seu Rui:** Para você ver como é velha.

**Elisa:** Pouco mais de 30 anos. Ricardo ainda era um bebê.

**Seu Rui:** Aqui era a procissão que nós fazia de São Benedito. Aí, saia na rua e ia para a igreja.

**Elisa:** No dia 24 de dezembro?

**Seu Rui:** É. A gente fazia a procissão de São Benedito para levar. Esse rapaz aqui chamava Péricles Amorim, já morreu, ele que era o matador de boi. Vovô comprava o boi, amarrava lá, e ele chegava e matava. Esquartejava e fazia tudo. Essa senhora aqui chamava Teresinha Tamela, foi rainha da banda. Foi essa mulher aqui que Ricardo cita que ela colocou papai na justiça pra pagar dinheiro a ela que era de direito. Quando

ela colocou na justiça, papai arranhou um advogado e foi lá, conversou: “Minha senhora, o congo não tem fins lucrativos, tá escrito aqui. A senhora não sabe ler, não?” Ela ficou quadrada. O advogado falou: “Ele não pode pagar nada a senhora, se a senhora não foi fichada com contrato e tudo, não. A senhora entrou voluntaria. Ninguém botou a faca no seu peito.” Então, era assim.

**Elisa:** E a procissão? O senhor tem ideia de quando ela começou? Já quando o senhor era criança o senhor participava da procissão ou só quando o senhor já era adulto?

**Seu Rui:** A procissão de São Benedito foi desde que mamãe morreu. Ela morreu no dia 28 de novembro de 1987. Aí começou a procissão. Esse ano nós não fizemos a festa, mas fizemos a procissão.

**Elisa:** E a procissão, já neste ano, foi no dia 24?

**Seu Rui:** Aí papai falou: “Já que Dona Cecília morreu, morreu em cima da fé, nós não vamos fazer a festa não, nós vamos fazer uma procissão” Aqui, ó, é bom a gente ter as fotos porque a gente lembra. Essa aqui era Lourdes, era minha prima, já morreu. Aqui era o maior médico que nós já tivemos aqui, na época nós não tinha médico, Alcebíades Ângelo, era o médico nosso. Esse homem operava, arrancava o tumor, ele fazia tudo. Aqui é Valdetario, meu primo, já morreu também. Tudo primo. Aqui é minha sobrinha.

**Elisa:** Qual o nome dele?

**Seu Rui:** Valdetario, irmão de Valdemiro. Já morreu.

**Elisa:** Seu Valdemiro da Panela de Barro?

**Seu Rui:** É. Então, tem umas fotos que a gente guarda. Se mostra pros filhos deles, eles fica doido. Ó papai aqui, rapaz. Então quer dizer, esse homem tinha uma coisa com o congo danada, era um devoto.

**Elisa:** O médico era devoto?

**Seu Rui:** É. Ele trabalhava na prefeitura, mas se chegasse de madrugada, qualquer hora na casa dele, ele tava pronto para atender, dar injeção, fazer um curativo, até ponto ele dava. E ninguém morria. Ficava na correria: “Ah, tenho que ir para o médico!! Pipipi papapa” Olha a tia de Dona Maria aqui, ó!

**Elisa:** Ela era da banda?

**Seu Rui:** Ela era. Tião, o que estourou ele foi joelho e pinga. Bebia demais, mas era um cara bom.

O cara que tirou essas fotos agora mora lá em Uberlândia, era barbeiro. Ele pegou todinho assim, nós saindo com o congo, ele pegou a foto de cima para baixo, ficou bonito.

Aqui, ó! Papai já morreu, Benito já morreu, já morreu o finado Reginaldo, Damião, Carminho. Esse aqui era o cunhado da Carminha, tocava um tambor que só ele. Muito bom! Ele tinha a bandinha dele particular.

**Elisa:** De congo também?

**Seu Rui:** É. Aqui nós na escola. Ele, Tião, eu, Ricardo. A escola de Marieta. O irmão de seu Etelvino, já morreu também. Seu Zizo, aqui tocando a casaca, também já morreu.

**Elisa:** Seu Zizo compunha os congos também, né?

**Seu Rui:** Seu Zizo gostava de fazer música com...

Tem foto aqui lá de... essa praia aqui é a Praia de Suá. Festa de São Pedro. Tá vendo aí, ó! Dona Elza!

**Elisa:** E a festa de São Pedro? Também teve desde sempre? Desde que o senhor era pequeno que a banda acompanha ou foi depois que o senhor cresceu?

**Seu Rui:** A festa de São Pedro, a gente quase não ia na festa de São Pedro. Aí, começaram a chamar nós lá porque nós cantava: “São Pedro e São Miguel são padroeiro do lugar” Toda vez que tem festa lá, eles chamam a gente. Essa senhora aqui é irmã de Dona Maria, participava do congo, é mulher daquele homem que eu falei que tá cego. O pai de papai mais Maria.

Ela participava do congo. Mas, hoje em dia ele ficou cego e eles não vem mais, não. Você tá vendo que Valdimiro participava com nós? Finado Sadinho, esse aqui tocava uma caixa que só ele. Duda, a irmã de Mazo, irmã de Luís. Aqui é Luís, eu, Valdete, Valdemiro, Zita tá lá nos fundos.

Então, nós ia na Praia de Suá, aí tinha uma baiana lá, ela tinha dado o uniforme a gente. Era essa calça aqui e uma camisa. Porque a gente tava muito ruim de uniforme, aí ela pegou e falou assim: “Vou arrumar um uniforme pra vocês.” Mas, ela arrumou meio fora de padrão, né? Aí, a gente pouco usava. Ricardo falou: “Eu não quero mudar o coisa do congo porque se não perde a essência.”

Até Dona Zizi participava do congo. Essa mulher tem mais de 100 anos.

**Elisa:** Ainda tá viva?

**Seu Rui:** tá viva.

**Elisa:** Temos que cantar pra ela no aniversário dela.

**Seu Rui:** Ricardo não gosta de ir lá, não. Porque lá no bairro da Penha é muito perigoso.

Aqui, ó! Essa menina é lá de Goiabeira. Essa é de Goiabeira... Teresinha, Rute, finada Barcelas, Maria fazia tudo, finado Ruito, Carminha, Teresinha Barbosa.

Aí, aqui, é nós lá em Nova Almeida, na casa das baiana. Saía pra ir pra procissão lá em Nova Almeida. Aí, Ricardo no chocalho, finado Reginaldo, Negão, eu...nós tudo aí, se espalhando, batendo o tambor. Finado Zé Roberto, Zita. Nós ia com a bandinha pequena, mas botava pra quebrar. Sempre foi assim. Porque às vezes era no meio de semana, não podia ir todo mundo. Ó, isso aqui é Rafaela, minha sobrinha, Zita, que é a mãe desse menino aqui. Marli, Negão, eu aqui atrás, Seu Reginaldo. Nós levava pouco instrumento porque quase não podia o pessoal ir, por causa do trabalho, né? Às vezes era no meio da semana. Mas, a bandinha funcionava. Aqui é Iago, meu sobrinho, filho dela.

Essa foto aqui é lá na Praia de Suá, essa foto. A gente indo lá para a Igreja. Dona Hercília, a mãe dela aqui, a Maria, finado Ziza, Ricardo, Maria minha mãe. Naldete, minha irmã Rosa.

**Elisa:** Maria, sua mãe, que começou usar esses vestidos bonitos, né?

**Seu Rui:** Pois é, de foto é isso.

**Elisa:** Hoje em dia, mesmo os mais antigos do congo, eles estão por causa dos pais, mães que já frequentavam, já faziam parte, né?

**Seu Rui:** Porque, geralmente, as pessoas mais antigas, por exemplo, a Antônia, não tem a Antônia? O pai dela era do congo. Aí, o pai dela também adoeceu, saiu do congo, aí ficou meio debilitado, ele trabalhava de pedreiro porque ele nunca teve emprego, trabalhava fazendo biscate. Aí, ele virou crente, aí depois ele morreu. Tudo bem. Fomos no sepultamento dele. É igual a esse menino ali, o Juan. O Juan, o avô dele participou da banda antiga, que eu tenho uma foto velha aí que tem todo mundo morto, só tem o Zezé que tá vivo. Nessa foto eu não tava, não. Eles tiraram nem sei, foi lá no quintal de vovô. Eu não tava, não. Porque eu ficava mais de dentro da área, pro pessoal não penetrar para não fazer bagunça, porque o vovô não gostava, não. Aí, tinha muito cachorro no quintal. Os cachorros atacava, eu ficava vigiando. Só entrava na área quem era permitido, quem não era e estivesse lá chapado para fazer bagunça, não entrava, não. Vovô, não aceitava.

Então, isso aqui foi lá na Rádio Espírito Santo, no estúdio da Rádio Espírito Santo, apresentamos a banda do congo lá. Ó, Rafaela, Ricardo, neta da Margarida, aí nós apresentamos lá o congo. Maior auê na Rádio Espírito Santo. Só que aqui, ó, já faleceu, esse aqui já faleceu, já faleceu, já faleceu. Maria, Pedro, Carlinhos e Barcelas, já faleceu esses quatro aí. Tião, Manel...tinha mais gente aí, é que o estúdio é pequeno e não captou todo mundo.

Esse cara aqui sempre participava da comissão de folclore, nunca mais eu vi ele. Esse cara aqui, ó.

**Elisa:** A comissão de folclore, como era a relação dela com a banda? Eles ajudavam em alguma coisa?

**Seu Rui:** Eles tentavam fazer as coisas, mas também é difícil isso aqui. Vivia às duras penas. Não havia ajuda, porque na época tinha Dr. Renato Pacheco, Hermógenes Lima da Fonseca e Maciel de Aguiar. Não sei se você foi com nós, ali num lugar ali...o filho dele tava lá, o Marcelo de Aguiar. O Marcelo de Aguiar era escritor, escrevia livro. Conheci muito ele. Ele adorava o congo. E Dr. Renato Pacheco era outro também que adorava o congo. E Hermógenes nem falava. Hermógenes era um tapuiu, nunca estudou, mas, para falar da cultura e saber da cultura era com ele. Era muito bom. Então ele aprendeu no íntimo que ele tinha. Porque Hermógenes Lima da Fonseca, chamava ele de Arroz, porque ele era lá de Conceição da Barra, lá de São Mateus. Era lá que ele levava sempre o congo, porque a gente ia pra Ticumbi e pro reisado, via tudo lá. Aí, ele mesmo abria a boca e dizia: “É o melhor grupo que eu tenho aqui, de Vitória é esse aqui.” Porque ele sabe que o Amores da Lua onde chega abafa. Aí, ele gostava que a gente ia lá tocar pra ele. E era muito bem tratado. Aí, ele morreu e ele deixou um negócio pra nós para pegar ali na...ele deixou uma coisa para a Banda de Congo Amores da Lua que era tipo um livro, né? Aí, a mulher dele fez o convite a nós pra ir lá na UFES, no teatro da UFES para fazer uma apresentação lá porque eles iam entregar esse negócio pra nós lá, porque papai ainda era vivo, aí nós fomos lá. Quando chegamos lá que nos apresentamos e tudo, depois que houve as falas tudinha, aí o diretor da universidade falou assim: “Dona Celeuza, eu nunca vi uma cultura tão bonita igual a de vocês. E é daqui e a gente não sabe disso. Vim saber agora, coisa linda!” Aí, conversamos lá, apresentamos... vocês foram homenageados por Hermógenes Lima da Fonseca, o maior folclorista. Dr. Renato Pacheco, Dr. Maciel de Aguiar, pô, eu conheci isso tudo.

Aqui no nosso bairro, bairro nosso chamava Mulembá. Você sabe onde tinha um pé de mulembá? Lá embaixo, nas Andorinhas tem uma igreja lá embaixo, tem um pé de mulembá ali. Tinha um lajedo assim, ali a gente pulava para tomar banho dentro da maré. Era água corrente, a gente pegava a maré de vazante, tomava banho ali e coisa e tal. E todo mundo ia ali tomar banho ali, era tipo uma prainha. Mas, era perigoso pra caramba, ali só ia quem sabia nadar mesmo, porque puxava muito. Então, nós ia ali pescar, nós ia se divertir ali. Então, a minha mãe sempre falava: “O pessoal fala Mulembá, Mulembá, mas eles não sabem onde é que era.” Eu falei: “Eu sei porque eu muito pulei daquela pedra lá embaixo.” Aí, quer dizer, hoje é Santa Marta, mas o bairro aqui era Mulembá. Essa igreja aí era um barraquinho cheio de bananeira e goiabeira. Aí eles fizeram uma igreja, um barraquinho, e o pessoal frequentava aí, cheio de mato. Isso aqui era um barreiro danado... para você subir isso aqui...aqui você tinha que carregar água, aqui você tinha que carregar lenha, tinha que carregar pó de serra...lá para minha mãe eu fiz dois fogões à pó de serra. Aí, enchia os dois fogões e dava para dois meses. Daí você se livrava um pouco de tá carregando lenha. Segurava o fogão e quando tava quase acabando ia lá repetia a dose e enchia os dois fogões e deixava. Porque ali você botava uma chapa com quatro bocas, e ali você podia a qualquer hora que você acendeu aquilo ali, se você abrisse as bocas, funcionava, você fazia a comida toda direitinho. Ficava queimando 24 horas, e demorava, né? Ali, abafadinho, podia fazer frito... você chegava perto daquele fogão aquela quentoria. Era isso. Tinha muita dificuldade pra gente sobreviver, porque a gente tinha que estudar, carregar lenha, carregar água, tinha que ir lá na praia três, quatro horas da manhã, saia daqui pra ir lá na praia, ajudar os pescador puxar a rede, aí, eles catavam aqueles peixes tudo grandão e ficavam aqueles miudinhos, e a gente levava dois ou três sacos e enchia, trazia para botar pra secar pra gente comer. Era o meio de sobreviver. Botava aqueles peixinhos, era aquelas espadinhas, aqueles negócios, aí fazia o coador e botava tudo pra seca, fritava e co-

mia. Quando não era isso era o mangue. Gente aqui que vem de fora fala assim: “Eu não como caranguejo, eu não como siri, eu não isso..” Eu como tudo. Fui criado com isso. Pegava caranguejo, pegava sururu, ali na ponte da passagem, é que hoje já não existe mais, acho que acabou tudo, era ali direto o pessoal pegando o bodigão e pescando aqueles peixinhos, pegava muito peixinho assim. Era sacola e mais sacola de peixinho e o pessoal ia comer. Hoje em dia tá tudo poluído, você não consegue quase nada.

Lá em Goiabeiras, lá em Goiabeiras, ali naquela reta do lado do aeroporto, aquilo ali era tudo da família do Sales. Aí, papai lutou, batalhou para ver se conseguia se ressarcir de um dinheiro pra família. Tinha documento e tudo, aí eles não quiseram. Porque lá trabalhou, ali no aeroporto, o pai de papai e os tios dele. Trabalhou o pai, o Paulo e tinha outro de Goiabeira que morreu, que também era de lá. Os três trabalharam lá. Então, vovô morreu muito cedo. Vovô morreu cedo sabe por causa de quê? Lá no aeroporto lá, ele fazia o trabalho lá, ele bebeu uma água lá misturada com veneno, aí ficou ruim da vista. O rapaz que trabalhava lá falou: “Sales, seu pai tá com problema sério de visão, não tá enxergando nada.” Aí, ele falou assim: “Por quê?” “Ele bebeu um negócio lá, tipo veneno.” Aí, procurou saber e vovô não enxergava, enxergava bem pouquinho. E o serviço dele era aquele serviço bruto, né? Fazer limpeza, pegar aqueles sacos de lixo e botar...era tudo grande, né? Aí, papai foi lá na aviação e conversou com o gerente e falou: “Ó, eu vou botar meu filho aqui. Ele é novo, mas ele vai ajudar papai, porque papai não tá enxergando. Aí, ele coordena as coisas com o papai aí.” Aí, eu fui. Ficava com ele, organizava o lixo, organizava o banheiro, a limpeza, aquelas coisas. Porque ele fazia, mas, ele não enxergava, então, não sabia se estava bom ou se tava ruim. Aí, eu deixava ele fazer e depois ia corrigir. O que ficasse pra trás eu fazia, entendeu? Aí, eu fiquei lá até ele morrer. Mas, só sei que ele morreu novo. Vovô morreu novo. Mas, eu não sei a idade que ele morreu. Porque minha tia morreu e eu querendo perguntar isso a ela, mas não perguntei. E da família deles, só se Valdemiro sabe, se o pessoal sabe...

porque querendo procurar saber, mas meus tios morreram tudo e eu não fiquei sabendo. Mas vovô morreu cedo. Ele morreu com 50, 60 anos foi muito. Não viveu muito, não.

**Elisa:** E ele também era do congo, esse avô de Goiabeiras?

**Seu Rui:** Não, vovô gostava muito era de espiritismo e papai já não gostava. Aí, os dois batia de frente. Aí, quando ele casou com Maria, minha mãe, eu não sei, porque eles sempre mexeram com o espiritismo. Minha vó e ela, mas minha avó era mais benzimento e ela também. Só baixava o guia dela pra benzer também, para fazer o benzimento. Então, a gente respeitava, porque não fazia mal. Porque quando o pessoal faz mal... que que é? Aí eles falam: “Ah, o congo é macumba” Eles não sabe, mas é uma prática lá da Bahia que se faz oito tambores. Aí, chama congo de macumba.

Eu dei uma pregada ali na universidade que eles ficaram doído comigo. Eu falei: “O congo é tanto a macumba, o congo é internacional, foi na França, foi na Bélgica, foi na Alemanha.” Ficaram doidos. Aí a diretora falou: “O senhor tá de parabéns. O senhor deu uma cassetada sem luva.” Eu falei: “Ah é, eles ficam conversando fiado.”

Quando eu fui na universidade lá no rio Grande do Sul, eu falei pra mais de 2000 alunos. Dr. Bráulio tava lá. “Ó esse garoto vai falar pra vocês. Vocês ouvem ele e vê o que ele tem pra falar” Aí, eu entrei, dei boa tarde, porque era duas horas da tarde, e falei: “Ó, sou lá de Vitória do Espírito Santo. Nosso lugar lá se chama Santa Marta, moro perto do quartel de Maruípe. Lá eu me criei. Tudo de congo aqui eu sei, vou contar pra vocês. A Banda de Congo Amores da Lua foi fundada em 30 de março de 1945, por Alarico de Azevedo e Dona Cecilia, eram meus avós, eles que eram o dono da banda. Agora, cheguei aqui nessa faculdade e fiquei envergonhado com vocês alunos.” Aí, todo mundo questionou: “Por quê, moço?” “Porque vocês chamam o congo de macumba. Congo não é macumba, não. É uma planta que existe na Bahia que é chamada macumba que faz esses tambor.” Fui aplaudido de pé. O

professor: “Escreve isso aí, ó! Isso aí que é história. Escreve isso daí porque eu vou fazer uma pergunta dessa na prova e vocês vão machucar” Aí, eu fui aplaudido de pé. Aí, quando eu falei do congo, que eu participava e tudo. Quando eu terminei, eu falei quase uma hora. Aí, veio a Rádio Guaíba, televisão e tudo, para filmar para falar, ficaram doido. Falaram: “Poxa! O cara novo sabe de tudo.” Mas, é isso daí. A história é essa. A família nossa passa de geração em geração no congo, não muda. Então, é isso.

**Elisa:** Essa relação do congo com o espiritismo, como o senhor vê isso? Ou com o catolicismo... a mística do congo, o senhor acha que é ligada a uma ou a outra, ou é independente?

**Seu Rui:** Eu tenho sempre assim, a gente tem que separar o joio do trigo. O congo é uma coisa e o espiritismo é outra. E o candomblé é outra. É três entidades diferentes. Nós somos católicos, mas mexemos com o congo. Espiritismo é uma coisa. Quem trabalha com o espiritismo é gente que só trabalha com linha branca. O que é linha branca? Só pra fazer o bem. Magia negra?! Candomblé. Mata porco, mata boi, mata isso, mata aquilo pra fazer maldade. Mas isso é mais pelo lado da Bahia, né? A gente nem comenta porque, sabe que é isso. Mas eu não discrimino, não falo, porque cada um cuida da sua, né? Você viu ontem. Tinha uma igreja aqui, fizemos nosso servicinho e tal, batemos bem maneirado para não atrapalhar eles. Então, quer dizer, era uma vez só, não faz toda vez, então, não perturba. Porque eles falam mesmo, a mulher da igreja fala: “Meu pai era capelão de ladainha e reisado lá em Minas. Então eu respeito a cultura de vocês. Porque eu sei que é cultura.” Porque na igreja tem gente que questiona: isso é macumba? Ela falou, não. Não é isso não. Eles estão fazendo a coisa certa, é cultura, tem que respeitar, não pode malhar. Cada um na sua. Igual nós aqui, nós não temos nossa religião? Eles respeita nós e nós respeitamos eles. Acabou, é só isso daí. Ela falou comigo, mais o marido dela, que é o pastor da igreja. Então é isso. E tem gente que é católico da igreja

e não gosta do congo. O padre mesmo não gosta. Tem padre que não gosta. Eu tenho certeza que se você levar o congo em Aparecida todo mundo vai amar. Lá em Barretos tem um padre lá que ele vê o congo pelo Orkut De vez em quando ele fala: “Traz essa beleza pra mim. Eu adoro ver as músicas, cada música bonita! Eu fico aqui curtindo.” Pois é. Agora, eu tenho um menino que ele gostava muito de usar droga. Bebia, fumava droga, um cara novo. Ele não é bobo não. Ele é inteligente. Ele sabe dirigir caminhão ele sabe fazer de tudo. Aí eu chamei ele e falei: Rafael, para de beber. Você segurou no pau de São Benedito, ele vai te ajudar” “Será Rui? Será que eu vou parar de beber, será que eu vou parar de fumar? Será que eu vou parar de usar droga?” Não sei se você viu que, nós tava lá em Fundão, e tinha um rapaz que toda hora chegava perto de mim. Ele só tava tomando cerveja... é esse.

**Elisa:** Existe também uma estrutura no congo de ajuda para quem está precisando. Quem precisa procura o congo e vai ser ajudado. Conheço várias histórias.

**Seu Rui:** A gente, aqui no grupo, às vezes a pessoa adocece, a pessoa passa mal, a gente dá apoio assim, para levar no médico, às vezes precisa de um remédio... a gente vê se pode ajudar, conforme a gente pode fazer. Porque hoje em dia tudo, infelizmente, tem que ter o dinheiro na frente, né? Mas a gente tendo boas amizades a gente consegue. Igual a gente.. taí, o João Coser fez uma reunião aí, botou umas trezentas pessoas lá. Ele ficou besta. Ele falou: “Poxa! Muito bonito! Eu quero que você faça outra.” Aí, a gente tá se organizando para fazer outra reunião lá. Vamos chamar todo mundo, aí a gente vai descer para lançar a candidatura dele, ele vem como deputado federal. Então, eu falei: “Ó, a Banda de Congo Amores da Lua agradece muito o senhor pelo apoio que o senhor deu na sua gestão de prefeito que o senhor fez. Não preciso citar o que foi feito e o que não foi feito, porque o senhor sabe o que que é.” Aí, a filha dele tava do lado e ele falou: “Ta vendo aí, minha filha?! Quando a gente serve a gente ouve essas palavras bonitas.” Dentro da igreja de Santo Antônio eu falei essas coisas pra ele. Porque

tinha muita gente, eu não podia falar o que que era. “Ta vendo aí?! Sabe se impor na hora que tem que falar.” É isso, aí.

José Zito Maia, sabe o que ele fez? Ele prometeu dar um chocalho a Ricardo, do congo. Nós fomos lá, ele viu o chocalho destruído. “Não, Ricardo, pode deixar que eu vou dar.” A mãe dele: “José Zito, você dá esse chocalho para a Banda de Congo Amores da Lua. “E ele não deu. Ricardo foi lá, e ele falou assim: “José Zito, vem cá, faz favor. Você vai se candidatar, não vai? Não se candidata não, porque você vai perder” “Por quê, Ricardo?” “Não vou te falar. A mesma coisa que você tem eu tenho, você sabe disto.” Cadê?! Ele ganhou? Hoje ele é da associação dos pescadores da Praia do Suá, que é um daqueles barcos da orla mar é todinho ali é dele, da família dele, que ele herdou do pai dele. Eu conheci muito o pai do Zé Zito. Trabalhei muito com ele Seu Raul. Era meu amigão. “José Zito, eu conheci seu pai, trabalhei muito com ele, rapaz!” “Ah, papai falava muito em você.” Aí, eu falei: “Pois é” Ele foi candidato a vereador e ele perdeu. Por causa de quê? Por causa disso, ele negou o chocalho de São Benedito.

**Elisa:** A casa que o senhor cresceu, a casa de Dona Cecília, em que parte do bairro ela ficava?

**Seu Rui:** Ali, na entrada do cemitério, do lado direito.

**Elisa:** Onde Seu Alarico morava? O Seu Reginaldo morava?

**Seu Rui:** É. Ali o quintal era grande. Tinha dois pés de jaca: jaca dura e jaca mole. daquelas jaconas, era cada touceira de jaca grandona! Aí, tinha pé de jaca, dois pés de jaca no quintal, muito abacateiro, muita bananeira e lá nos fundos tinha outro pé de jaca miudinha, jaca mole. Dava jaquinha mole. Aí, tava lá, a gente sempre comia daquela jaca, a jaca ali era uma delícia. O pessoal sempre falava: “Ah, vou arrancar uma jaca.” “Pode subir no pé e arrancar.” Amarrava uma corda, subia no pé e tirava. Era cada boa de uma jaca! Onde sempre amarrava os bois para matar era nos troncos da jaqueira. Mas, naquela época vovô gostava muito de passarinho, morava numa casa de estuque, aí com muita dificuldade ele fez a casinha que tem

lá hoje. Ali tinha, o quintal era grande e nós dançava quadrilha, fazia a festa do congo, tocava congo lá no terreiro. Quando ele não queria ele falava assim: “Vamos lá pra cima.” Aí, nós ia tudo pra lá. Porque meu padrinho morava lá. Aí, falava: “Carlos, hoje nós vamos bater congo lá em cima. Prepara tudo, comida, bebida, tudo lá para o pessoal.” Aí, ele preparava. Quando meu padrinho trabalhava na Vale do Rio Doce, ele trabalhava assim: de seis às duas, de duas às dez e de dez às seis. Aí, quando ele trabalhava de seis às duas, aí, sempre na parte da tarde ele tava em casa. Quando ele trabalhava de duas às dez, aí, quando ele chegava às dez horas da noite ele tomava o banho e caia no sono. Quando ele tava trabalhando de dez às seis não dava tempo. Era assim às escalas dele. Vovô sempre trabalhou na Vale ali, mas ele sempre trabalhou no horário normal. Aí ele aposentou e tudo. Chegava na época de torta, ele fazia lá na Vila Rubinho, eu ia com ele. Comprava aqueles bacalhau de quatro dedo de bacalhau assim. Aí, comprava dois quilos de bacalhau, comprava uns dez repolhos - porque vovô gostava de fazer torta com repolho também - dez, doze latas de sardinha, comprava palmito, comprava aquele óleo bom. Aí, ia comprando aquelas coisas todinha, os ingredientes da torta, e aí, mamãe fazia torta de bacalhau e torta de repolho. Todas duas era uma delícia. Quem era do congo podia ir lá comer que tinha. “Pode dar a eles aí. Comprei pra eles comer mesmo, não é pra mim, não. Era assim. Chegava lá, todo mundo ia lá comia um pedacinho de torta no dia de tomar a cura, tinha um garrafão de cura lá, todo mundo ia lá e tomava um golinho. Era assim.

**Elisa:** O que é tomar uma cura?

**Seu Rui:** É na sexta-feira da paixão é o tal do milome, né? Bota o milome na cachaça, mas não é tomar muito, não, é tomar uma dosezinha. Aí, fala que o corpo tá fechado, essa tradição, né? É isso.

E o vovô, eu fui criado mais ele e a mamãe, tanto ele quanto ela, eles dois bebia cachaça, só que mamãe misturava a cachaça com o guaraná, ela botava meio copo de cachaça e meio copo de guaraná, mas ficava o dia todo para beber,

ele tomava em golinho em golinho, não tomava tudo de uma vez não. Vovô, não, vovô tomava uma garrafa de cachaça de manhã cedo, antes do café da manhã, num tomava água nem nada. Ia lá, passava uma água na boca e tomava três copos de cachaça. “Rui, vai lá e esquenta aquele resto de comida e traz aqui pra mim” Esquentava, ele comia e ia pra rua jogar dominó. Dava meio dia eu ia lá buscar ele. Trazia ele, botava pra tomar banho, botava na mesa a comida, ele comia, aí, ele ia dormir. Era assim. Tomava mais três copos de cachaça. Vovô não perturbava ninguém. Ele falava: “Eu bebo, mas não perturbo ninguém. Não sou de perturbar ninguém.” Ia lá, dormia o sono dele, depois acordava, lavava a boca e ia pra rua jogar baralho. E eu sempre era o guarda-costas dele, ficava ali.

Eles moram tudo ali, papai morava ali, Rosana, Zito e minha irmã. Noutro lado, onde tem a dentista, do outro lado era a casa do meu avô. Ali, na rua do cemitério tem escrito: Rua João Azevedo. Aquela rua tem o nome do meu tio, que era irmão de vovô. Onde o vovô mora, papai conseguiu botar Alarico de Azevedo, é um bequinho, uma ruazinha pequeninha, mas botou. Era iguala aqui em Santa Marta, o maior comerciante que teve aqui se chamava Bernadino, o avô de Rose. Era pai do pai de Rose. Era o maior comerciante. Ali não tinha energia, tinha um barril de querosene, aqui na porta ele colocava um saco de feijão, um saco de farinha, um saco de açúcar e um saco de arroz. Ali você comprava 100 gramas, 200 gramas...o que você pudesse comprar. E todo mundo fazia isso. Ninguém comprava quilo, não. Se comprasse 1 quilo é que tava com dinheiro. Chegava lá e pedia: “Seu Bernadino, eu quero 200 grama de café, 100 grama de alho, 100 grama de banha.” Era tudo assim a retalho. Então, isso era folclore, gente. Era coisa de anos e anos. Tinha que ter botado, eu falo para eles, esse homem tinha o nome na rua, rapaz. Tinha que ter. É a memória dele. Aí, eu sempre comento isso. Já ali tem a Praça Álvaro Amorim, Seu Álvaro, era pai de Naldete, sabe o que ele era? Costureiro, ele fazia terno para a polícia, para o pessoal militar aí.

**Elisa:** A Naldete era a mãe deles?

**Seu Rui:** Naldete é essa que mora aqui em cima. É essa que eu tô falando que tá doente. Naldete o pai dela era costureiro. O nome de era Álvaro Amorim. É que a Naldete, coitada, quase não tinha tempo para sair no congo. Ela tinha as irmãs doente, tinha os irmãos tudo doente. Eu e Celeuza sempre dava apoio, né? Aí, coitada, ele vivia sempre na luta. Ela quase não saía no congo, era muito difícil. Eu tenho uma foto do barco que tem ela. Ela tá aqui, mas só aparece o rostinho dela. A que tá no barco, ela tá. Ricardo e Rafaela foram criados com esses meninos, com esse povo de Diva, aí. A Naldete é essa daqui, o pai dela que era alfaiate. Aí, tem ali, Praça Álvaro Amorim, é o nome do pai dela. Ele era costureiro, fazia terno, fazia calça, pessoal tudo procurava ele. E aqui também teve um moço que era sapateiro antigo, chamava Tomé, Seu Tomé. Ele era sapateiro, ele morreu queimado. Faltou energia, ele botou uma vela na casa dele aí pegou fogo nas coisa de sapateiro, aí, pegou fogo e queimou tudo e queimou ele. Morreu queimado.

Então, aqui era assim. Tinha a padaria da Dona Zélia, Seu Rômulo que era o dono. Depois ele morreu e ficou a Dona Zélia. Sabe como o pão ali? Ele era assado na lenha, era uma delícia. Cansei de ir no mangue cortar torinhas para vender lenha pra eles. Porque eles comprava, né? Fazia uma carroça de lenha, chegava lá, eles pagava o dinheiro, e nós ia comprar as coisas no finado Bernadino. Seu Bernardino era assim, numa hora dessa assim tava todo mundo fazendo fila. Tinha um tonel de querosene, uma hora dessa ele tava preparando a lamparina e o lampião pra botar a querosene para funcionar à noite, né? Porque pra você tomar um banho depois de chegar do serviço, pra você passar à noite, tinha que ter sempre um negócio acesinho dentro de casa para clarear. Então, a gente poupava a vela, cê pegava o lampião, cê botava aqui o pavio, acendia e pronto. Aí, funcionava. É isso. Então, a história é essa do bairro.

Naquela época, era eu, Lú, Mazo, a gente para bater os tambor, aqueles tambor de primeira, não é igual a esses aí, não. Era grandão. Aí, você sentava e tinha que colocar duas esco-

ras do lado para não enrolar, e você treinando do lado para bater e aprender. Aí, aprendia e eles falavam: “Esse aí vai ser bom de tambor. Esse aí, vai ser bom de casaca.” Era assim. O pessoal da antiguidade é que falava. Finado Luís tocava chocalho, finado Péricles tocava tambor, aí esse pessoal eram antigos e sabia, né? Quem ia ser das coisas, né? Tinha o finado Isidro, tocava triângulo. Tinha o finado Zoé, tocava tambor. Zoé pegava o tambor com a mão e pocava uma tapa, ele era danado, porque ele era meio pancadão da ideia, quando ele tava acelerado ele pocava o tambor. “Ei, vai devagar senão você vai pocar o tambor!” E ele pocava mesmo, era cada tapa! O tambor furava mesmo. E a gente aproveitava, quando matava o boi, aquele couro, esticava ele e botava pra secar e depois usava ele para encourar os tambor que tava furado. Igual agora que precisou pra encourar e precisou ir pra Terezinha pra encourar, entendeu? Lá eles têm facilidade, aqui nós não temos. A gente fazia aqui porque a gente tinha o boi, né? Com um couro de boi daqueles a gente encourava uns três pandeiros e uns quatro tambor. E hoje em dia não tem, pro lado de lá é fácil, porque eles têm Pitanga de matar boi. Aí, arrecada o couro, bota pra secar e eles usam e ganham dinheiro, né? Porque eles encouram o tambor, tem que pagar.

Nós, quando fomos no Rio de Janeiro, no Palácio do Catete, gravar Madalena lá. Aí, depois que a gente saiu, eram umas duas horas da manhã, aí, saímos com o congo batendo, fomos lá para a rua e o pessoal do prédio tudo desceu, rapaz. “Ah, nós não se aguentamos, não. Um batuque desse bonito desse!”

Eu falei com eles: “Amanhã, o congo tá fazendo aniversário – foi no dia 30, mas como dia trinta foi feriado e a gente não pode tá batendo nada, a gente vai deixar passar, mas, quando for no domingo a gente aproveita vai lá tirar o mastro e faz aquele movimento do congo” Aí, o pessoal: “É mesmo?! Nós tamos dentro!” O pessoal que gosta de beber falou: “Nem vou beber, vou esperar.” Então, foi bom. Só quem não veio ontem aqui foi o Gordo e nem a mulher. Mas disse que chegou uma família na casa dele na hora de sair. Foi o que Seu Edson falou comigo.





CÓDIGO DE  
BARRAS

**FALTA BIOGRAFIA**

REALIZAÇÃO:

**FUNCULTURA**

GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO  
*Secretaria da Cultura*

